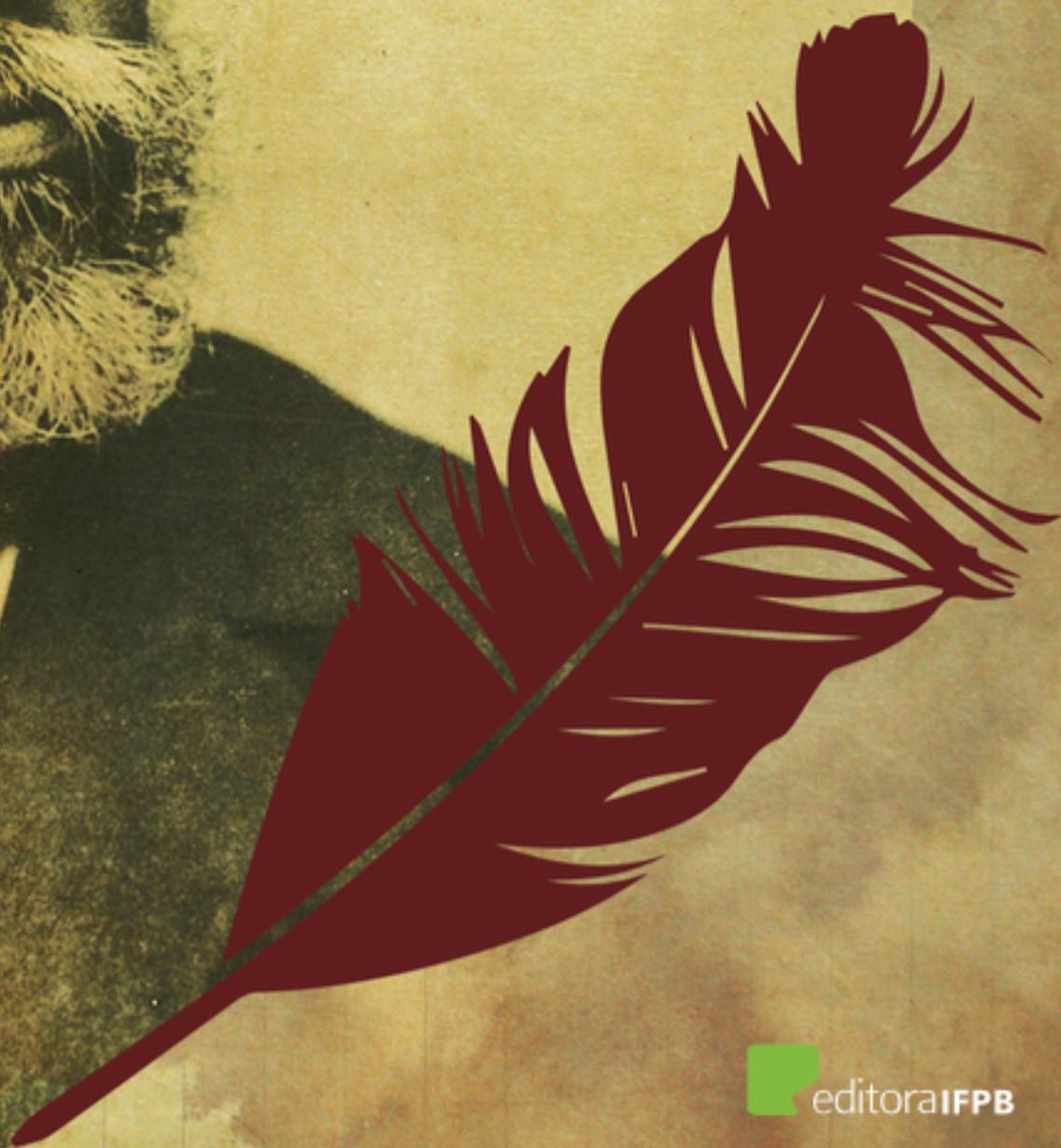




OTONIEL MACHADO DA SILVA

Retórica,
roda de compadres,
solidão e achaques
da velhice

O Machado de Assis das cartas



Retórica,
roda de compadres,
solidão e achaques
da velhice

O Machado de Assis das cartas

OTONIEL MACHADO DA SILVA

 editora **IFPB**

JOÃO PESSOA, 2015

As informações contidas neste livro são de inteira responsabilidade do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

S586r Silva, Otoniel Machado da.

Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice : o Machado de Assis das cartas / Otoniel Machado da Silva. – João Pessoa: IFPB, 2015.
244 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN

1. Literatura. 2. Gênero epistolar. 3. Retórica. 4. Assis, Machado de, Cartas. I. Título.

CDU 82-6

Dedico este trabalho à minha querida mãe, Valdira Machado da Silva, que partiu justamente no ano de entrega da dissertação de mestrado que ora transformo em livro, deixando uma saudade eterna, um choro recorrente e uma dor no peito nunca antes sentida.

Agradecimentos

Sou grato a Deus porque encontro as respostas existenciais nEle e por meio dEle na figura histórica de Jesus Cristo. Sem Eles, nada poderia fazer.

Sou grato à professora Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa da Universidade Federal da Paraíba. Sem ela e seus ousados estudos, nunca teria passado de um estudante sem qualquer contato com a pesquisa acadêmica. A ela, também dedico este trabalho.

Sou grato aos meus familiares: meus pais e meus irmãos sempre foram incentivadores do estudo. Neles, encontrei a materialização do amor, da ética e da honestidade.

Sou grato à minha amada esposa Nadja Jales e ao meu querido filho Guilherme Henrique. Eles são fontes de inspiração e de amor. Por ocasião da dissertação do mestrado, trouxeram-me paz e apoio.

Apresentação

Este livro é fruto da dissertação de mestrado, orientada pela professora Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa durante os anos de 2007 a 2009 e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal da Paraíba. Agora transformada em livro, a dissertação entra no mundo editorial como uma das poucas obras que tematizam o gênero epistolar no país.

O presente trabalho estuda as cartas de Machado de Assis, enfocando-as pelo viés da retórica da *ars dictaminis*, bem como levantando as temáticas mais expressivas das epístolas machadianas. O estudo mostra-se relevante, entre outros aspectos, devido a dois grandes motivos: 1º) as cartas são analisadas enquanto pertencentes a uma tradição epistolar, com prescrições que lhe são inerentes, e não apenas como escritos que fornecem dados subjetivos ou objetivos à biografia do autor; 2º) Machado de Assis é estudado sob um ângulo desconhecido ou pouco valorizado pela crítica e pela historiografia literária brasileira.

Após analisar o lugar da carta no cenário da literatura no Brasil e fazer um mapeamento do que já foi dito ou deixou de ser dito criticamente sobre a epistolografia machadiana, o presente trabalho mostra algumas ausências temáticas, com seus supostos motivos, o caráter retórico da *persona epistolar*, bem como os assuntos mais recorrentes dos textos. Emerge das cartas um *eu-missivista* incomodado com a velhice e as enfermidades, referindo-se não raramente à solidão e à iminência da morte, resmungando do excesso de trabalho, ao mesmo tempo em que as cartas constroem uma imagem do autor

como um homem discreto, sério, trabalhador, amante das letras, liderando a *crítica-amiga* de uma roda de compadres literatos. Por fim, apresentam-se referências metalinguísticas contidas no discurso epistolar de Machado, que sugerem práticas e significados da escrita de cartas na época do escritor.

Sumário

1. Introdução **11**

2. O gênero epistolar: breves considerações **19**
 - 2.1 O gênero epistolar e a literatura **20**
 - 2.2 O gênero epistolar e a retórica: a *ars dictaminis* **26**
 - 2.3 A carta nos estudos literários brasileiros: um comentário crítico **32**
 - 2.4 Sobre a atualidade do tema **40**

3. As cartas de Machado de Assis: publicações e crítica – uma revisão bibliográfica **43**
 - 3.1 Mapeamento das publicações **43**
 - 3.2 A crítica sobre a epistolografia machadiana: silêncios e atenções **52**

4. O estilo epistolar machadiano **72**
 - 4.1 A retórica da *ars dictaminis* **72**
 - 4.1.1 *Salutatio* **76**
 - 4.1.2 *Captatio benevolentiae* **82**
 - 4.1.3 *Narratio* ou o lugar das temáticas **103**
 - 4.1.4 *Petitio* **107**
 - 4.1.5 *Conclusio* **111**
 - 4.2 Catalogação temática das cartas de Machado de Assis **113**
 - 4.2.1 As possíveis razões da discrição machadiana; ausências e implícitos **113**
 - 4.2.2 Os *achques da velhice* e o *trem derradeiro* **124**
 - 4.2.3 *Foi-se a melhor parte da vida e aqui estou só no mundo* **137**
 - 4.2.4 O espírito associativo e “corporativista” **144**
 - 4.2.5 A *crítica-amiga da roda de compadres* **156**

4.2.6 A sobrecarga de trabalho e o Machado resmungão	179
4.2.7 No tempo das vacas magras	190
4.2.8 Machado e o teatro	195
4.2.9 Machado intermediário	199
4.2.10 A personificação das letras	208
4.3 A escrita de cartas e o discurso metalinguístico	215
5. Considerações finais	229
Bibliografia	235

1 Introdução

O interesse pela obra e pela figura de Machado de Assis é inquestionável na literatura brasileira. Inúmeros são os livros que analisam e comentam seus textos, bem como há variados títulos biográficos sobre o autor, constituindo, provavelmente, a maior bibliografia existente em termos de livros, teses, ensaios etc. no âmbito nacional. Diante de um autor tão estudado e reverenciado, pode-se questionar se ainda há algo a ser dito sobre ele. Não estaria esgotado o interesse por Machado de Assis? Sua obra não já foi exaustivamente estudada?

Diferentemente, sobretudo, de seus romances e contos, a epistolografia machadiana pouco foi explorada pela crítica e pela história literária, a não ser como apoio aos estudos biográficos. Nesse sentido, este trabalho versa sobre as cartas de Machado de Assis a partir de um enfoque diferente do que costumeiramente a crítica e a historiografia literária costumam fazer quando se apropriam do texto epistolar.

As cartas do autor são aqui estudadas não apenas como um suporte biográfico, ou seja, além do valor exclusivamente informativo, próprio do olhar das biografias ao utilizarem as cartas do escritor, leve-se em consideração a epístola como um gênero textual retórico, com aspectos formais e temáticos que lhe são inerentes e que não podem ser dissociados do próprio contexto de produção.

Do ponto de vista formal, faz-se uma associação com os elementos estruturais prescritos na *ars dictaminis* – a arte de escrever

cartas –, difundida na Idade Média, modificada no Humanismo, mas com aspectos presentes na escrita do gênero ao longo da história.

Do ponto de vista temático, as cartas são analisadas a partir dos assuntos mais recorrentes, de modo a apresentar a forte amizade de Machado de Assis com as letras, uma rede de amigos literatos e, por outro lado, a solidão do autor e os *achques da velhice*, entre outros temas, fazendo emergir, de suas cartas, um Machado, por vezes, diferente da figura proeminente das letras nacionais.

As razões para a escolha do tema deste trabalho dizem respeito, entre outros aspectos, à devida colocação da carta em seu gênero, identificando o que subjaz naturalmente à sua formatação. Desse modo, pretende-se informar que existem condicionamentos próprios do gênero epistolar que impedem uma leitura exclusivamente histórico-biográfica, como vinha, invariavelmente, tratando a crítica especializada. Isso significa que há mais a dizer sobre as cartas do que apenas informações pessoais do remetente. Há, por exemplo, uma estrutura retórica, alguns silêncios propositais ou ainda vários *Machados* de Assis, como indica Maria Cristina Cardoso Ribas (2008), expressos de acordo com a época, o cargo ocupado ou o destinatário.

Pode-se dizer que há uma lacuna nos estudos literários no que diz respeito à *ars dictaminis* ou a qualquer outra teorização sobre cartas, notadamente no século XIX. Nesse sentido, a pesquisa tenta visualizar a manutenção e as mudanças dessa tradição retórica, contribuindo para entender o uso do gênero epistolar com o passar do tempo. Não esqueçamos, por exemplo, que hoje configurações desse gênero são extremamente usuais, como as cartas comerciais e oficiais, os e-mails, as mensagens eletrônicas, que, de alguma forma, são tributárias

daquela formatação e dos aspectos que lhe foram acrescentados ou retirados.

Por consequência dos estudos da *forma* epistolar, acessa-se também o arcabouço cultural, histórico, político, econômico etc. que lhe poderá ser subjacente, acrescentando-se um conhecimento significativo à história e à literatura brasileiras, em razão da relevância intelectual de Machado de Assis.

Por isso, este trabalho ganha em importância ao explorar uma faceta da obra machadiana pouco estudada – suas cartas –, discutindo um gênero considerado secundário por muitos críticos literários, mas que merece uma análise mais específica e contextual. No dizer de Conway (apud BARBOSA, 2007a, p. 59), o gênero carta ainda está a exigir um estudo de fôlego, que torne visíveis os seus “usos e denominações” no século XIX.

Para Afrânio Coutinho, as cartas de Machado de Assis, seja pelo interesse humano, seja pelos temas abordados, “contribuem a esclarecer pontos de sua biografia, traços de sua psicologia ou aspectos de suas idéias estéticas e de suas atividades literárias” (1986, p. 1.027). Isto se deve ao fato de se perceber, nas cartas do autor, alguns de seus posicionamentos sobre literatura e teatro, leituras e livros, bem como sua postura como cronista, jornalista ou presidente da Academia Brasileira de Letras, em diálogo com uma série de literatos espalhados no Brasil e no mundo.

A crítica sobre Machado de Assis estuda, sobretudo, a produção narrativa ficcional. O próprio teatro, as crônicas e a poesia machadiana não receberam o mesmo olhar que os romances e contos. A epistolografia, por sua vez, é ainda menos destacada, seja pela visão equivocada da suposta inferioridade do gênero, seja pela inserção

das cartas nos limites de fonte para a historiografia literária, seja pela decadência sofrida pela retórica, sobretudo a partir do século XVIII.

O fato é que este trabalho reativa um gênero esquecido, visto que estudado, em geral, apenas como apoio de informações biográficas, de modo que o olhar que estamos propondo é relevante, entre outros motivos, porque:

1) estuda as cartas a partir de suas características como gênero retórico;

2) faz um mapeamento das publicações das cartas do autor e do pouco que foi abordado criticamente sobre elas;

3) aponta a existência de uma roda de literatos capaz de forjar ou solidificar nomes para a intelectualidade brasileira;

4) apresenta Machado de Assis numa sequência histórica gradativa, e não necessariamente como o autor já consagrado das letras nacionais;

5) por fim, contribui, dentro das limitações dessa pesquisa, para um novo olhar sobre a epistolografia, principalmente a machadiana, promovendo recortes temáticos que apontam para uma apresentação das cartas não necessariamente do ponto de vista cronológico ou pela ordem alfabética dos destinatários, como são apresentadas as cartas de Machado de Assis que foram publicadas, mas a partir de seu conteúdo, importante para a visualização, na medida do possível, da situação histórica, política e literária da transição do século XIX para o XX, além da própria contribuição para a compreensão de Machado de Assis.

A retomada das cartas dos autores da literatura brasileira, como as de Machado, dá um vislumbre da atmosfera literária na época deles

e é capaz de, com isso, promover olhares diferentes, a partir de ângulos distanciados de possíveis anacronismos de uma crítica extemporânea.

Referindo-se à troca de cartas entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, Ângela de Castro Gomes (2004, p. 7-8) afirma que o diálogo entre os dois literatos constitui uma oportunidade para se ler e sentir o movimento modernista, para acompanhar de perto o aprendizado de um autor com o outro e para repensar o lugar político e intelectual dos modernistas. Transpondo essas considerações para o objeto em estudo neste trabalho, entende-se que também é possível ler e sentir o final do século XIX, a criação da Academia Brasileira de Letras, os círculos de amizades de certos intelectuais, a formação de nomes da nossa literatura, os conchavos e o jogo de compadres de uma rede de literatos liderados por Machado de Assis, entre outros aspectos.

O primeiro capítulo do trabalho se debruça sobre o gênero epistolar, retomando as prescrições do gênero teorizadas notadamente na Idade Média, discutindo seu apagamento da crítica e da história literária brasileira, provavelmente em função da desvalorização da retórica, acentuada a partir do século XVIII. Apresenta uma breve trajetória do conceito de literatura, mostrando que a carta ora está presente nos manuais teóricos, ora está ausente. Em algumas situações, a carta já fez parte do campo literário, mesmo tendo uma tradição retórica, entretanto, hoje é mais usada como fonte histórica para o suporte biográfico dos autores. Discute, ainda, como o gênero carta vem sendo estudado pela crítica brasileira, demonstrando, por fim, que a escrita epistolar é relevante e atual, de modo a apontar as possíveis contribuições deste trabalho para a nossa história literária.

No segundo capítulo, fazemos um levantamento das cartas de Machado de Assis no contexto de sua obra, verificando que há certa dispersão dos escritos epistolares do autor. Primeiro, porque não há ainda uma obra que reúna todas as suas cartas. Nem mesmo as obras completas conseguem reunir todos os escritos¹. Segundo, porque as próprias coletâneas dispersam as cartas em seções chamadas de Miscelânea, Crítica, além, é claro, do Epistolário, como acontece na edição da *Obra Completa* de Machado de Assis (1986), organizada por Afrânio Coutinho. Em seguida, apresenta-se uma espécie de mapeamento das publicações, mostrando como as cartas foram catalogadas. O desfecho do segundo capítulo aborda o que já foi dito pela crítica sobre a epistolografia machadiana.

O terceiro e mais relevante capítulo do trabalho enfoca a análise propriamente dita das cartas de Machado de Assis. Primeiramente, a análise formal, a partir dos pressupostos da *ars dictaminis*. Em segundo lugar, a análise temática, levando em consideração uma proposta inédita. Enquanto as coletâneas das cartas do autor costumam apenas elencar os textos epistolares por ordem alfabética dos destinatários ou pela ordem cronológica em que foram escritos, aqui eles serão analisados a partir de suas recorrências temáticas, que, por sinal, são riquíssimas. Descobrimos os seguintes temas, que serão tratados independentemente da ordem em que aparecem nos textos, até porque se misturam invariavelmente:

1 Em 2008 foi anunciada a publicação, em dois volumes, da correspondência completa de Machado de Assis, contendo cerca de 800 cartas, incluindo a correspondência passiva. Trata-se de um projeto encabeçado pelo acadêmico Sérgio Paulo Rouanet. Certamente, a obra constituirá o mais completo levantamento das cartas do autor, suprimindo a lacuna aqui referida. Contrariando positivamente as expectativas, a Academia Brasileira de Letras, até o ano de 2011, já havia publicado três tomos da obra. Tudo indica que o projeto será culminado com um quarto volume a ser publicado.

- 1) Os *achques da velhice* (para usar uma expressão do próprio autor) e as enfermidades;
- 2) A solidão como companhia;
- 3) O espírito associativo e corporativista da época e do autor;
- 4) A rede de amigos literatos, que constitui uma espécie de *crítica-amiga*, capaz de construir imagens positivas dos escritores;
- 5) A figura do homem de letras, mesmo em cartas supostamente íntimas, indicando em Machado uma espécie de personificação das letras.

Destes grandes temas, surge uma série de subtemas, também expressivos: a) as ações e discussões em torno da Academia Brasileira de Letras, envolvendo candidaturas, solenidades, dificuldades financeiras etc.; b) referências a outras organizações associativas, revistas e jornais; c) referências a livros, leituras e autores, bem como possíveis influências literárias; d) solicitações formais e pedidos de apadrinhamento, numa espécie de tráfico de influência entre compadres; e) silêncios sobre a condição de mulato, a epilepsia, a política e a família.

Uma simples observação das cartas machadianas indica a existência de uma rede de amigos intelectuais, que trocavam correspondências e elogios, atualizando suas ações profissionais e construindo uma “panelinha”² capaz de forjar nomes e obras para as letras do país. Passava a existir, assim, uma “crítica amiga”, em que os livros de Machado de Assis e de seus companheiros ganhavam considerações analíticas, em geral, elogiosas nos periódicos nacionais

2 “Grupo gastronômico, que se reunia, em almoço ou jantar, uma vez por mês. O nome provinha de uma *panelinha* de prata, que passava mensalmente às mãos do comissário do próximo ágape.” (ASSIS, 1986, p. 1.053). Em cartas, Machado de Assis menciona o grupo. A partir desta época, provavelmente, o termo ganhou a conotação de reunião de compadres, com conchavos beneficiadores.

e internacionais, de modo a garantir, quem sabe, reconhecimento do público de então.

Este trabalho afirma que as cartas têm muito a dizer também sobre aquilo que não é dito. Comprovam-se, com as epístolas machadianas, alguns silêncios propositais, inerentes à retórica epistolar do autor ou, ainda, à própria personalidade reservada de Machado. Mas há de se considerar a carta como um gênero cheio de nuances, bem como o contexto do final do século XIX. As condições de publicação, as possibilidades de revelação dos conteúdos das cartas em periódicos e os riscos de extravio também eram levados em consideração pelo escritor, o que instituíam certos cuidados com a escrita.

2 O gênero epistolar: breves considerações

Em primeiro lugar, cumpre destacar que o gênero epistolar é uma espécie de primo pobre nos estudos sobre os gêneros do discurso literário. O campo das letras, notadamente a partir do século XVIII, priorizou o estético e desvalorizou o retórico. A noção de literatura passou a estar vinculada principalmente ao ficcional, promovendo o apagamento de certos gêneros, entre eles o epistolar, do campo de estudo da crítica e da história literária (cf. BARBOSA, 2007a).

Mas as cartas existem, circulam e têm estrutura própria: códigos prescritivos milenares, que, naturalmente, sofrem variações de acordo com a época, os propósitos e as circunstâncias. Sua estrutura é explorada pela literatura e pelos literatos. Pela literatura, pode-se perceber quando, por exemplo, está-se diante de um livro como *Werther*, de Goethe, uma espécie de romance epistolar, ou *As ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos. Pelos literatos, quando estabelecem entre si uma rede de contatos capazes de explicar processos de composição, apresentar concepções teóricas e fornecer subsídios para a compreensão da atmosfera cultural de um período histórico, entre outros aspectos.

Nesse sentido, há algo que precisa ser levado em consideração de forma mais atenciosa pela atual história da literatura: o gênero epistolar tem muito a dizer sobre a obra e o contexto dos autores, mas não se limita a isso. Precisa também ser estudado como um gênero com prescrições próprias, e não só como um documento informativo e biográfico.

Estudar as cartas em sua estrutura implica conhecer suas partes discursivas, respeitando o que elas significam e, em um segundo momento, conhecer para onde apontam: suas temáticas, seus objetivos e impactos, para citar alguns aspectos.

Esta pesquisa descobriu, por exemplo, que as cartas machadianas são variadas em suas temáticas, porém o homem das letras, uma espécie de *eu-literato*, permeia todo o discurso epistolar. A diversidade de destinatários e de assuntos não se desvincula da literatura praticamente em nenhum momento. O assunto de Machado de Assis, mesmo em cartas supostamente mais particulares, envolve o campo das letras.

Como dito na introdução, a epistolografia machadiana pouco foi explorada pela crítica e pela história literária, a não ser, naturalmente e quase que exclusivamente, como suporte de informações biográficas.

A questão não é o autor, mas a carta como um gênero textual, relegado que foi, na história literária brasileira, a um plano exclusivamente biográfico, portanto, afastado da noção de arte literária, como concebida pela Estética e, posteriormente, pelos formalistas russos com as noções de *estranhamento* e *literariedade*, que enaltecem o fenômeno literário em detrimento do historiográfico.

2.1 O gênero epistolar e a literatura

A compreensão que hoje se tem da literatura, naturalmente, foi construída com a passagem do tempo e, dentro desse percurso, vem enfrentando uma série de situações desconcertantes, inerentes à rigidez conceitual em qualquer área do conhecimento. Pode-se perceber isso nos seguintes aspectos, por exemplo: a ideia de ficcionalidade nem

sempre foi caracterizadora do que atualmente consagramos como texto literário; a conotação e a polissemia também não foram decisivas desde sempre para a linguagem literária. Isso significa, obviamente, que a ideia de literatura que se tem hoje não é a mesma que se teve ontem.

Terry Eagleton, em *Teoria da Literatura: uma introdução* (2003), mostrou essa variação conceitual de forma bastante clara, citando algumas problemáticas ao longo dos séculos. Para o crítico inglês, muitas têm sido as tentativas de definir literatura, mas não se consegue uma precisão: defini-la como ficção encontra impasses, por exemplo, na literatura inglesa do século XVII, que compreende ensaios, sermões, autobiografia...; na literatura francesa, há as máximas de La Rochefoucauld, os discursos fúnebres de Bossuet, o tratado de poesia de Boileau, as cartas de Mme. de Sevigné e a filosofia de Descartes e Pascal. Acrescenta Eagleton (2003, p. 1): a “distinção entre ‘fato’ e ‘ficção’, portanto, não parece nos ser muito útil, e uma das razões para isto é a de que a própria distinção é muitas vezes questionável”.

A própria história da literatura brasileira mostra essa dificuldade de classificação, naturalmente em função de certos anacronismos relacionados ao que se diz ser literatura hoje, diferentemente do que foi em tempos atrás. Os manuais de história e crítica literária encontrados no Brasil, tais como a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1999), incluem os cronistas e viajantes dos séculos XVI e XVII; também dedicam capítulos aos escritos jesuítas, prioritariamente aos sermões de Pe. Antônio Vieira; deliciam-se com o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que, na dificuldade de classificação, é chamado de obra híbrida; e ainda exploram a oratória de Joaquim Nabuco e

Rui Barbosa, como é o caso da famosa coleção *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho (2001).

Terry Eagleton continua a análise do percurso conceitual do termo literatura³ e sua problemática a partir da definição que tem como base uma linguagem peculiar, capaz de produzir um efeito de estranhamento, rompendo, como afirmavam os formalistas russos, com a automatização da fala cotidiana. Trata-se de uma espécie de desvio da norma que, para o crítico inglês, também é frágil, entre outras razões, porque a ideia de desvio é relativa: “o que alguns consideram norma, para outros poderá significar desvio” (EAGLETON, 2003, p. 6) e vice-versa, comprovando que a ideia de literatura, que parte da própria linguagem ou das estruturas formais, limita o texto literário à poesia, apresentando uma linguagem que só pode ser considerada em função de um jogo de discursos contrapostos, definidos apenas dentro de um contexto. Outro problema apresentado é que o argumento da “estranheza” não se limita à literatura, porque “todos os tipos de escrita podem, se trabalhados com a devida engenhosidade, ser considerados ‘estranhos’.” (EAGLETON, 2003, p. 9).

Para o referido crítico, a compreensão da literatura como discurso não pragmático e autorreferencial também não é suficiente, pois, em muitas sociedades, o texto literário serviu ou serve a funções religiosas, morais, pedagógicas etc. Além disso, a definição de literatura ficaria muito dependente da maneira pela qual alguém resolve ler o texto, e não da natureza daquilo que é lido:

3 A insistência em referir-se à conceituação do termo literatura, neste trabalho, não se deve a uma descabida pretensão de chegar a um conceito definitivo, mas tão somente ao fato de se perceber que a carta – objeto deste estudo – e outros gêneros, em algum tempo, já foram estudados no campo literário, mas hoje sofrem certa discriminação.

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 2003, p. 11-12).

Todas essas considerações mostram o quanto é discutível o conceito de literatura e que ele percorreu vários terrenos ao longo da história, ao sabor de diversas correntes teóricas. Na contemporaneidade, a carta, por exemplo, é, por vezes, objeto da história literária, mas, em geral, não como gênero textual e, sim, como informação histórica. Nem sempre, entretanto, foi assim. O percurso conceitual da literatura, demonstrado pelos historiadores, aponta que o gênero epistolar já integrou o corpo de escritos denominado genericamente de literatura. Para Roberto Acízelo de Souza (2006, p. 30), “na época moderna, num primeiro momento, *literatura* como corpo de escritos corresponde a um conceito amplo de humanidades, abrangendo pois a produção escrita em geral: filosofia, eloquência, história, ciência, carta, prosa ficcional, poesia” (grifo nosso).

A autonomização da ciência tornou as áreas de conhecimento cada vez mais restritas. Não foi diferente com a literatura, que hoje, *stricto sensu*, refere-se à prosa ficcional e à poesia, ou, em termos

talvez mais aceitáveis, no dizer de Souza (2006, p. 31), aos gêneros chamados lírico, narrativo e dramático.

As considerações de Terry Eagleton sobre a trajetória conceitual da literatura são abrangentes, mas, para os propósitos deste trabalho, é suficiente verificar a diversidade de conceitos e suas limitações.

Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (EAGLETON, 2003, p. 22).

A contemporaneidade assimilou a ideia de literatura vinculada à ficção, à arte da palavra, à linguagem plurissignificativa, distanciando-se de gêneros textuais que sempre foram estudados no campo literário e que agora supostamente estão fora dele.

O domínio da Estética moldou conceitos e enquadrando formas textuais, apontando para uma visão positivista e evolucionista dos chamados gêneros literários. Os séculos, os historiadores e os críticos apropriaram-se de conceitos e formatos, de modo que foram criadas e difundidas, nos estudos literários, hierarquias de gêneros.

Para Socorro Barbosa, por exemplo, em *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX* (2007a), alguns gêneros estiveram muito presentes no cotidiano e na cultura letrada do século XIX, mas foram excluídos do cânone e, hoje, estão esquecidos. O perigo e o risco dessa hierarquização é o “apagamento” de formas discursivas que tanto caracterizaram épocas ou a formulação de um olhar equivocado,

pois anacrônico, para determinadas formas textuais, resultando na problemática ideia de que um gênero é melhor ou mais nobre que outro (BARBOSA, 2007a).

Alcir Pécora, em *Máquina dos gêneros* (2001), atento a possíveis anacronismos, procura recuperar ou ao menos levantar leituras verossímeis de alguns gêneros dentro de seus contextos. Nesse sentido, estuda várias formas textuais visando à percepção de que “os diferentes gêneros retórico-poéticos [...] não são formas em que se vazam conteúdos externos a elas, mas determinações convencionais e históricas constitutivas dos sentidos verossímeis de cada um desses textos” (PÉCORA, 2001, p. 11).

Para Pécora, examinar as particularidades de cada formatação textual impede uma interpretação parcial do crítico que faz uma leitura como se fosse a única, correndo o sério risco de se distanciar das interpretações mais verossímeis do gênero em estudo. Em outras palavras, o rumo que a crítica literária tomou, em muitos casos, aponta para uma análise do texto a partir de aspectos mais externos a ele, fechando os olhos para o que há de intrínseco à sua existência como peça de um discurso historicamente constituído. Em *Máquina de gêneros*, Alcir Pécora se propôs a descrever os sentidos básicos de alguns escritos, numa determinada época, examinando os procedimentos previstos e aplicados pelas convenções letradas no período contemporâneo ao texto:

Isto quer dizer, por exemplo, que o que se tem chamado genericamente de “poema” não se reconhece, numa preceptiva de tradição clássica, como “poema” – termo cômodo pela totalização de objetos de tradições letradas muito distintas e, muitas vezes, impossíveis de justapor ou englobar –, mas digamos, como *soneto*, como *madrigal*, como *romance pastoril*, como *epístola*

satírica, formas poéticas precisas, com teoria, história e efeitos particulares. (PÉCORA, 2001, p. 12).

Essas considerações indicam a necessidade de um olhar atento para as especificidades de alguns gêneros textuais, a fim de extrair deles suas características e objetivos inerentes.

Nesse sentido, considera-se aqui que o gênero epistolar precisa ainda de trabalhos de fôlego, em que se verifique sua relevância não apenas como suporte biográfico, mas também como gênero independente e múltiplo, bem como veículo de outros gêneros, como se vê na própria obra de Machado de Assis, que escreveu, por exemplo, cartas-prefácio e escritos com a estrutura de carta, mas classificados anacronicamente como crítica ou crônica.

2.2 O gênero epistolar e a retórica: a *ars dictaminis*

Muitas podem ser as razões que resultaram no apagamento do gênero epistolar dos manuais de história literária. Uma delas, sugerimos, é a valorização do aspecto ficcional e poético em detrimento do historiográfico. Mas outro motivo pode ser apontado: a depreciação que o elemento retórico sofreu, com ou sem razão, notadamente a partir das ideias iluministas. Roberto Acízelo de Souza, em *Iniciação aos estudos literários* (2006, p. 149-157), aborda historicamente e sequenciadamente o percurso ascendente e descendente da Retórica e a depreciação do termo, entre outros aspectos.

O gênero epistolar se inscreve na arte retórica; existe desde a Antiguidade; e possui suas peculiaridades enquanto texto, enquanto composição, independente do uso que lhe for feito. É na Idade Média, entretanto, que se difunde e ganha consistência teórica a *ars dictaminis*,

que, no dizer de Martin Camargo (apud TIN, 2005, p. 32), é “a parte da retórica medieval que trata das regras de composição das cartas e outros documentos em prosa”.

Os estudos de James J. Murphy (1974) explicam o percurso histórico da teorização e os fundamentos da *ars dictaminis*, sendo retomados por Hansen (1995), Pécora (2001) e Emerson Tin (2005), respectivamente.

O longo processo de constituição de uma teoria, ou melhor, de uma preceptiva exclusiva da escrita de cartas, de acordo com os estudos de James Murphy, tem um marco precoce na obra de C. Julius Victor, no século IV. Sabe-se que a sua *Ars rhetorica* continha breves apêndices a propósito de formas não abrangidas pela teoria regular, a saber: o *sermo*, isto é, o discurso informal, conversacional, que deveria ser elegante sem ostentação, breve, com eventuais provérbios oportunos, mas jamais declamatório; e a *epistola*, com os tipos básicos das cartas *negotiales* (*oficiais*, com *matéria argumentativa séria*, em que é possível escrever com *erudição* ou *polêmica*, além de usar *linguagem figurada*) e *familiares* (cujas principais virtudes são a *brevidade* e a *claridade*). Nas cartas seriam particularmente importantes as diferenças decorrentes das posições sociais de autor e destinatário: se se escreve a superior, a carta não pode ser *jocosa*; a igual, *não descortês*; a inferior, *não orgulhosa*. Da mesma forma, as *saudações* e as *despedidas* devem manifestar diferenças de grau de amizade ou posição social. (PÉCORA, 2001, p. 18-19).

Percebe-se, com essas considerações, que existe um universo teórico que fundamenta a escrita de cartas. Esses aspectos não são considerados, em geral, na abordagem da epistolografia de nossos autores. As cartas de Machado de Assis, por exemplo, objetos deste estudo, podem ser classificadas, a partir da divisão acima apresentada,

em *negotiales e familiares*, ou melhor, em *oficiais e particulares*, umas com intenção de crítica literária, outras tratando de assuntos pessoais. Pode-se perceber o autor escrevendo aos seus *iguais*, fazendo emergir, do diálogo epistolar, uma rede de amigos literatos que se associam em torno de objetivos comuns. Esses temas serão tratados no devido momento, no capítulo próprio das análises das cartas machadianas.

Retomando as observações sobre a *ars dictaminis*, verifica-se que os teóricos do tema leram os tratados sobre a escrita de cartas, descobrindo que eles são unânimes em afirmar que a carta apresenta, essencialmente, cinco partes. Tanto Murphy (1974) quanto Emerson Tin (2005) baseiam suas considerações, entre outros tratados, nas *Rationes dictandi*:

As *Rationes dictandi*, do chamado Anônimo de Bolonha, datadas do ano de 1135, após definirem a carta como “o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente”, ou ainda como “um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente”, dividem-na em cinco partes, a saber: *salutatio*, *captatio benevolentiae*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*. (TIN, 2005, p. 37).

Esses elementos estruturantes estão quase que totalmente esquecidos pela crítica literária brasileira, a despeito da relevância de estudar o gênero epistolar percebendo essa divisão. Apenas dois estudos pontuais parecem nortear-se nesse sentido no âmbito da literatura brasileira: “O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega – 1549-1558”, de João Adolfo Hansen (1995), e “Cartas à segunda escolástica”, depois publicado como “A arte das cartas jesuíticas no Brasil”, de Alcir Pécora, presente no livro *Máquina dos Gêneros*

(2001). Os dois autores enfocaram, entre outros aspectos, a aplicação dos pressupostos da *ars dictaminis* às cartas jesuíticas de Manuel da Nóbrega. Na mesma linha de pesquisa, o autor deste trabalho, quando bolsista do PIBIC, detectou que as mesmas prescrições discursivas eram aplicadas às cartas de outro jesuíta: José de Anchieta.

A *salutatio* é a parte inicial da carta. É uma saudação que carrega um cumprimento amigável e sentimental sem que haja um desrespeito hierárquico, conforme a função social do destinatário (MURPHY, 1974, p. 222). Os estudos de Tin (2005, p. 37-8) indicam que

A *salutatio*, que é definida como “uma expressão de cortesia que transmite um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas”, classifica-se em “prescrita”, se o nome do destinatário é escrito primeiro, seguido por todas as suas qualificações; “subscrita”, se o nome do destinatário é posto ao fim, com todas as qualificações; e “circunscrita”, se o nome do destinatário é escrito em vários lugares.

As cartas iniciam-se com uma breve saudação, em que se formaliza um contrato enunciativo entre o destinador e o destinatário. Dependendo de quem vai receber a correspondência, a *salutatio* firma um diálogo familiar ou grave, nunca deixando de apresentar uma saudação que inclui o receptor como participante de uma rede de informações previamente conhecidas.

A *captatio benevolentiae* ou *exordium*, por sua vez, compreende toda a parte inicial do discurso e, em muitos casos, estende-se a todo o escrito, consistindo, conforme Murphy (1974, p. 222-3), na ordenação e ajuste das palavras, com o propósito de alcançar a mente receptiva do leitor de modo efetivo, captando (como sugere a tradução de Pécora

para *captatio*) ou almejando sua benevolência, de forma a assegurar sua condescendência.

Sendo a parte inicial do texto, “deve atrair a atenção, a boa aceitação e a benevolência do juiz para a causa partidária defendida no discurso” (LAUSBERG, 1967, p. 92). Assim, este discurso deve mostrar um estado permanente de humildade, a fim de alcançar seus principais objetivos. O *exordium* abre as portas para essa *captatio benevolentiae* do leitor, fazendo tudo girar, no caso das cartas machadianas, em torno da formação de uma rede de sociabilidade, promovendo os interesses de um grupo de intelectuais, tais como a divulgação de suas obras, temática a ser abordada também em capítulo próprio.

Segundo Emerson Tin, a influência sobre a mente do receptor, pretendida pela *captatio benevolentiae*, pode ser assegurada por cinco modos:

Pelo remetente, se “se menciona humildemente alguma coisa sobre seus negócios ou suas obrigações ou suas razões”; pelo destinatário, “quando não somente a humildade do remetente mas também os louvores ao destinatário são devidamente indicados”; por ambos; pelas circunstâncias, “se alguma coisa é acrescida que seja apropriada a ambas as pessoas envolvidas, ou que esteja no propósito das coisas, ou poderia ser adequadamente ou razoavelmente associada à boa disposição”; ou pela matéria, “se o grau de sua futura importância é posto abertamente adiante”. (TIN, 2005, p. 39-40).

A terceira parte é a *narratio*. Como o próprio nome indica, trata-se da parte em que algo é narrado. É talvez o momento mais identificado pela tradicional crítica literária brasileira nos escritos

epistolares dos autores, visto que plenamente lidos como informações históricas sobre os interlocutores e seu tempo. Mas é também o momento em que o remetente realiza o propósito de sua escrita, visto que, nessa parte, ele indica as razões de seu texto, a temática a ser conhecida pelo destinatário, a mensagem propriamente dita. A *narratio* informa a matéria em discussão na carta, podendo ser simples (com assunto único) ou complexa (com várias matérias) e referir-se ao passado, presente ou futuro.

A narração pode ter como função, ainda, sustentar a quarta parte da carta: a *petitio*, que se trata do discurso pelo qual se pede algo, sendo que as petições podem ser de nove espécies:

1) *supplicatória* (quando se pede por meio de súplicas; “subalternos freqüentemente usam esta forma”); 2) *didática* (“quando se busca, por meio de preceitos, o que deve ou não ser feito”); 3) *cominativa* (“quando é feita por meio de ameaças; afinal de contas, a posição de alguém é em um certo sentido uma ameaça”); 4) *exortativa* (“quando se busca com insistência o que deve ou não ser feito”); 5) *incitativa* (“quando se busca algo por meio do encorajamento”); 6) *admonitória* (“por meio de advertência”); 7) *de conselho autorizado* (“por meio de aconselhamento”); 8) *reprobativa* (“por meio de reprovação”); e 9) *direta* (“por qualquer outro modo que não estes já elencados, mas somente pela sua indicação ou enunciação direta”). Como a *narratio*, a *petitio* também pode ser simples ou complexa. (TIN, 2005, p. 40-1).

Por fim, tem-se a *conclusio*, que é associada à *petitio*. As conclusões geralmente prometem a continuidade, a circulação da correspondência entre os interlocutores, assegurando sua não interrupção. Em Machado de Assis, por exemplo, vai ser possível

perceber, em alguns casos, uma referência à próxima carta dele ou, mais certamente, à espera da resposta do destinatário.

Cumpramos observar, por fim, que essas partes do discurso epistolar não são exigíveis em todas as cartas. Além disso, elas não precisam apresentar-se numa ordem sequencial, a não ser, naturalmente, a *salutatio* e a *conclusio*, que figuram em local específico, qual seja: no início e no fim da carta, respectivamente.

2.3 A carta nos estudos literários brasileiros: um comentário crítico

A tendência generalizada da crítica e da história literária brasileira é descartar os elementos estruturantes do gênero epistolar, como se a carta não indicasse algo além de aspectos informativos ou subjetivos. A *ars dictaminis*, excetuando os já citados estudos de Hansen (1995) e Pécora (2001), é desconhecida dos manuais de nossos críticos. Não cabe a este trabalho discutir se estão certos ou equivocados, nem é esta a intenção, mas tão somente constatar que existe um universo teórico a ser explorado.

As cartas não guardam apenas conteúdos históricos, mas também prescrições de um gênero textual (PÉCORA, 2001). Encará-las sob o prisma exclusivo da historiografia pode resultar na perda de informações relevantes sobre o próprio contexto histórico em que se inserem os interlocutores da correspondência.

Mas esta é a tendência de nossa crítica: inserir a carta no campo da informação, desprezando seus preceitos retóricos. Consideremos as observações do crítico Massaud Moisés (2007). Os volumes de *A criação literária* do referido autor correspondem a três obras que

tratam dos gêneros literários. O primeiro volume é dedicado à poesia e funciona como uma introdução à problemática da literatura, atendo-se ao fenômeno poético. Os outros dois volumes encarregam-se da prosa, sendo que, em *A criação literária: prosa - I*, o autor se debruça sobre as formas do romance, do conto e da novela. Em *A criação literária: prosa - II*, figuram estudos sobre a prosa poética, o ensaio, a crônica, o teatro, o jornalismo e a crítica literária. Na parte V deste volume, há o que foi chamado pelo autor de *Outras expressões híbridas*, onde se encaixariam a epistolografia e outros gêneros:

Além da crônica, do ensaio e do teatro, outras várias expressões híbridas podem ser consideradas: a oratória, o jornalismo, a poesia didática, a biografia, a historiografia, a epistolografia, etc. Menos relevantes do ponto de vista literário, acusam mescla desigual, em que o teor estético-literário baixa a tal ponto que não raro se reduz a traços irrelevantes e superficiais, chegando mesmo a desaparecer (como no caso do jornalismo). (MOISÉS, 2007, p. 153).

As primeiras considerações do crítico sobre os gêneros mencionados referem-se ao caráter híbrido, aos aspectos irrelevantes e ao baixo teor estético-literário. Na sequência de suas considerações, não transcritas acima, o autor ainda acrescenta que o hibridismo desses textos chega a perturbar os críticos e historiadores.

Entendemos que a suposta dúvida para a classificação dos gêneros se dá, sobretudo, no que diz respeito à temática. Se as cartas, por exemplo, forem estudadas sob o ponto de vista de sua estrutura, como propõe a *ars dictaminis*, muitos desses conflitos, quem sabe, seriam resolvidos.

Talvez essa tenha sido a mesma inquietação de Afrânio Coutinho ao organizar as cartas de Machado de Assis para a *Obra Completa* (1986) do autor, em que há três seções com cartas: a Epistolografia; a Crítica, onde figuram as cartas-prefácio; e a Miscelânea, em que se situam algumas cartas de caráter público. Aliás, na seção intitulada Miscelânea, principalmente, as cartas figuram duplamente “desclassificadas”. Primeiro, porque inseridas em um espaço marginal, indefinido. Segundo, porque distantes de seu suporte e de sua condição de gênero (BARBOSA, 2007b).

Percebe-se claramente que a crítica não estuda as cartas como um gênero textual independente e cheio de prescrições formais. Prefere incluí-las na historiografia, como se elas revelassem apenas um caráter documental:

À mesma área pertencem as *confissões*, o *diário íntimo*, a *epistolografia*, as *memórias*, a *autobiografia*, a *biografia* e a *historiografia*, visto que se caracterizam como documento, em que se registra a veracidade dos fatos ou em que se busca a verdade fundada na interpretação serena e objetiva dos acontecimentos individuais ou coletivos. Considerados na seqüência em que se apresentam, obedecem a um ritmo ascendente, no rumo de uma objetividade cada vez maior: ocupando as confissões o extremo inicial, marcado pelo selo da objetividade voltada para o “eu”, à historiografia fica reservado o pólo extremamente oposto, assinalado pela objetividade centrada no “não-eu”. Nesse percurso, nota-se a crescente efetivação das veleidades que impulsionam essas formas híbridas, de que as outras seriam espécies ou subclasses. Agrupa-as uma familiaridade imposta não pelo gosto dos arranjos taxionômicos, mas pela semelhança fundamental, de processo. Conquanto em graus diferentes, e a propósito de específicos temas e assuntos, todas anseiam pela objetividade que individualiza o método historiográfico, entendido como a soma de técnicas e de instrumentos

teóricos empregados para analisar, interpretar e julgar os fenômenos ocorridos na escala do tempo. Sem conceder prioridade a qualquer um deles, o método historiográfico aplica-se quando se deseja a compreensão de um objeto na sua temporalidade. (MOISÉS, 2007, p. 159-160).

É bastante discutível a ideia de objetividade no âmbito da epistolografia ou de qualquer texto. A própria História entende que os historiadores fazem suas leituras e outros ainda compõem micro-histórias, como a das minorias. Em pesquisa já mencionada, como bolsista do PIBIC, baseada em estudos de Hansen (1995), Pécora (2001) e Vilar (2006), verificamos que as cartas jesuítas, por exemplo, cumpriam propósitos determinados pela Companhia de Jesus. Não se deve esquecer que a própria *Carta de Pero Vaz de Caminha* seguia princípios adequados às intenções políticas, retóricas e teológicas da expansão portuguesa. Reduzir a epistolografia à questão documental é perigoso, pois deixa-se de abordar uma série de elementos substanciais para a própria compreensão do discurso.

Em Machado de Assis, verificamos que ele próprio tinha consciência da possibilidade de publicação de suas cartas. Uma, ele mandou queimar; outras, autorizou a publicação, com as ressalvas da humildade retórica.

O primeiro caso diz respeito às cartas da esposa, Carolina. Segundo Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 112), “essas cartas, que Machado guardou ciosamente até morrer, em móvel fechado, colocado ao pé de sua cama, junto com outras relíquias de seu amor [...] foram, a pedido seu, queimadas por ocasião de sua morte”.

O segundo caso encontra-se descrito em carta a José Veríssimo:

Meu caro J. Veríssimo, / Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação póstuma. / Nesse trabalho desconfie da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guiado, — e mal guiado, — daquela afeição que nos uniu sem arrependimento nem arrefecimento. O tempo decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. E para mim bastará a simpatia que o seu desejo exprime. / Receba ainda agora um abraço apertado do velho admirador e amigo. (ASSIS, 1986, p. 1.088).

Desconfiamos que a consciência da possibilidade de publicação das cartas, de alguma forma, era determinante para os cuidados mais apurados com a escrita, a temática e a mensagem em si, de modo que entendemos que a epistolografia machadiana ou de qualquer outro autor precisa ser analisada sob prismas diferentes da mera informação. Contudo, essa é a tendência da história literária brasileira.

Os textos quinhentistas – por exemplo, as cartas, as crônicas de viagens e diários de navegação, bem como os escritos jesuítas, em que se incluíam cartas – são estudados como simplesmente históricos. Estamos acostumados a ler nos manuais de história literária que a literatura quinhentista brasileira possui um valor exclusivamente histórico-informativo. Com esse posicionamento, os historiadores da nossa literatura fecham os olhos para a presença da arte retórica nos textos e moldam o pensamento sobre a época restringindo-o ao caráter documental. A quase totalidade de historiadores e críticos da literatura brasileira percebe apenas o caráter histórico-político de escritos como

as cartas. “[A Carta de Pero Vaz de Caminha] é o ponto de partida da prosa informativo-descritiva”, afirma José Aderaldo Castello (1999, v. 1, p. 51). E ainda arremata:

Às impressões de Caminha, podemos juntar as do Pe. José de Anchieta. (...) Nas obras dos cronistas portugueses que virão a seguir, desdobra-se o conteúdo das cartas, isto é, as impressões da terra e de seu habitante primitivo, relacionadas com os objetivos do expansionismo, acrescidas de relatos de fatos da história da colonização. (...) Todas elas, no conjunto, somam descrição, informação e história. (CASTELLO, 1999, p. 58-60, grifos nossos).

Massaud Moisés (1997, v. 1, p. 29) não difere:

Do ângulo literário, as Cartas [de Anchieta] ostentam menor significação, a partir do fato de serem missivas-relatórios, isentas de carga imaginativa ao menos conscientemente. Entretanto, a análise da evolução do estilo epistolar do jesuíta pode conduzir-nos a desvelar uma face inédita do problema. Nas primeiras cartas, mercê da obrigação e do intuito de informar com objetividade, o estilo é pobre e impessoal, posto direto e eloqüente, em razão de o missivista adotar atitude “científica” perante as notícias que remete. (grifos nossos).

E assim segue a nossa tradição crítica e historiográfica: não identificando o gênero epistolar como um gênero, mas apenas como impressão real dos acontecimentos. Entendemos que há muito mais na epistolografia, além, inclusive, da própria estrutura formal, e concordamos com Eni Pulcinelli Orlandi (2006, p. 15-28) quando afirma que as condições de produção – os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, a ideologia, a relação de força e o lugar da

produção – constituem o sentido da sequência verbal, não sendo meros complementos do discurso.

A despeito de sua flagrante presença na literatura brasileira, a arte retórica é, como vimos, sistematicamente negligenciada pelos manuais de história e teoria literárias. Contudo, a justificativa de que há uma grande diferença entre literatura e retórica, construída talvez desde Aristóteles com sua *Arte Poética* e sua *Arte Retórica*, parece não subsistir a uma simples leitura dos textos literários, no sentido de que pode haver uma imbricação entre as duas artes. As inúmeras figuras de linguagem, por vezes caracterizadoras da linguagem literária, são nada menos do que figuras retóricas. E o que dizer dos sermões, dos romances de tese e da sátira?

A própria noção do que vem a ser o objeto de estudo da retórica parece ainda indeterminada em sua plenitude, vagando em extremos conceituais supostamente distantes, como afirma Olivier Reboul, em sua *Introdução à Retórica* (2004):

No começo dos anos 60 os acadêmicos redescobriram a retórica e devolveram ao vocábulo sua nobreza, ao mesmo tempo prestigiosa e perigosa, mas nem por isso concordando quanto ao seu sentido. Mencionemos aqui as duas posições extremas. Uma delas, de Charles Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, vê a retórica como arte de argumentar, e busca seus exemplos entre os oradores religiosos, jurídicos, políticos e até filosóficos. A outra, de Morier, G. Genette, J. Cohen e do “Grupo MU”, considera a retórica como estudo do estilo, e mais particularmente das figuras. Para os primeiros, a retórica visa a convencer; para os últimos, constitui aquilo que torna literário um texto; e é difícil perceber o que as duas posições têm em comum. (REBOUL, 2004, p. XIV).

Não esqueçamos da trajetória da palavra *literatura*, comentada em tópico anterior. O uso que se faz dela hoje não é o mesmo que em séculos anteriores. Com o passar do tempo, o vocábulo foi assimilando ideias diferentes e ganhando contornos históricos contextuais também distintos, de modo que é importante que os textos, independentemente de sua época de produção, sejam estudados, entre outros aspectos, conforme seu tempo e sua forma, a fim de evitar certos anacronismos que os distanciarão cada vez mais de suas proposições iniciais.

Em meio aos usos e apropriações dos conceitos de retórica e literatura, construídos ao longo do tempo, é necessário sempre ter o cuidado de não se fazer análises contemporâneas em textos extemporâneos, desconsiderando, ainda, as convenções que seus gêneros impõem.

O esforço da crítica em arranjar forçosamente um lugar na história da literatura brasileira para os cronistas e jesuítas do quinhentismo, por exemplo, revela resultados curiosos, a exemplo da própria denominação “literatura informativa”. As missivas passaram à condição essencial de informação, não se considerando o arcabouço formal que lhes determina.

Discordamos da posição de Massaud Moisés (2007, p. 162) quando afirma que “a carta é informativa por excelência” e que se pretende “documento de uma verdade”, mesmo que seja “uma verdade pessoal, a do seu autor”, reconhecendo sua ambivalência essencial. Estudos mais recentes (alguns deles baseados em Michel Foucault sobre a escrita de si); a própria estrutura da carta com seus componentes retóricos; e a consciência dos missivistas acerca da possibilidade de publicação de seus textos apontam na direção oposta à visão da carta como um documento que expressa puramente informações.

Em prefácio ao livro organizado por Emerson Tin, *A arte de escrever cartas* (2005), Alcir Pécora afirma que a leitura das cartas como informação é enganosa e despreza as prescrições que tomam os

documentos epistolares, muitas vezes lidos ainda ingenuamente como informação direta neutra, de conteúdo denotativo e referencial simples, como se as prescrições de gênero, algumas delas seculares, fossem apenas transparências frágeis facilmente penetradas pelo olhar superior do crítico contemporâneo. Nada mais enganoso. (PÉCORA in TIN, 2005, p. 12).

As cartas não devem ser estudadas apenas como informação objetiva, fria, como se representassem uma forma de expressão espontânea de seus interlocutores, sem que houvesse, dentro de sua formatação, sentidos que lhes são próprios. É com este olhar que não se deve pensar que a aparentemente simples estrutura epistolar não seja relevante. Ela, por si, revela uma teia significativa de sentidos que extrapolam seu aspecto *visual* e desembocam em conteúdos determinados historicamente através de sua retórica.

2.4 Sobre a atualidade do tema

A despeito da opção dos críticos e historiadores da literatura brasileira não recair, de maneira densa e significativa, sobre o gênero carta, como já mencionado, os últimos anos vêm revelando uma mudança nesse panorama, pelo menos no campo dos estudos historiográficos. A indústria editorial já percebeu que as cartas de personalidades políticas, culturais e literárias atraem um bom público.

Segundo Ângela de Castro Gomes, cresce o interesse acadêmico e editorial pelo gênero *escrita de si*:

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país vive uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si –, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo. (GOMES, 2004, p. 7).

Continuando suas considerações, a autora apresenta alguns exemplos comprobatórios desse aumento de interesse pelo estudo ou leitura do gênero *escrita de si*, em que se incluem as cartas. Entre eles, no campo da literatura, por exemplo, cita o relançamento do clássico *A vida de Lima Barreto*; o livro *Carlos e Mário*, obra organizada por Lélia Coelho Frota sobre a correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade; e as *Cartas*, de Caio Fernando de Abreu.

Entretanto, à lista de Ângela de Castro Gomes podem ser acrescentados muitos outros títulos que acentuam suas considerações sobre esse filão editorial e acadêmico. Existem obras que revelam a correspondência de Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Vinícius de Moraes, entre outros autores da literatura brasileira, sem falar nas correspondências de personalidades estrangeiras (filósofos, literatos, músicos, pintores...): Freud, Fernando Pessoa, Chopin, Cézanne...

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda muito numerosos os estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da história do Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação. (GOMES, 2004, p. 8).

Mesmo no campo da literatura, ainda são escassos os estudos sobre as cartas. As publicações costumam apenas transcrevê-las. Estudá-las enquanto gênero ou organizá-las pelo que elas revelam não constituem ainda uma densa fortuna crítica.

Nesse sentido, o mercado editorial e a própria academia começam a se debruçar sobre o gênero epistolar, retomando uma das formas mais antigas de escrita e comunicação. É assim que o presente trabalho se reveste de atualidade, contribuindo, dentro de suas possibilidades, para a história da literatura brasileira, na medida em que fornece subsídios para a compreensão de um cenário intelectual na passagem do século XIX para o XX, a partir da figura de Machado de Assis e seus destinatários.

3 As cartas de Machado de Assis: publicações e crítica – uma revisão bibliográfica

A figura de Machado de Assis na literatura brasileira é de um destaque unânime e inquestionável. A fortuna crítica a respeito do autor é volumosa e densa, porém, como já se disse reiteradas vezes neste trabalho, o enfoque se dá primordialmente em sua produção narrativa – romances e contos –, a despeito da existência do Machado poeta, cronista e teatrólogo, por exemplo. As razões para essas preferências apontam para a ideia de que as obras-primas de Machado de Assis foram, de fato, suas narrativas.

Como já foi discutido, o presente trabalho quer contribuir para a fortuna crítica do autor na área certamente menos explorada de sua obra – a epistolografia. Neste capítulo, apresentamos uma espécie de mapeamento das publicações da correspondência de Machado de Assis, bem como os enfoques críticos existentes sobre ela.

3.1 Mapeamento das publicações

Até meados de 2009, a publicação mais abrangente das cartas de Machado de Assis estava presente na *Obra Completa*, editada pela Nova Aguilar em três volumes. Na verdade, a editora já colocou em circulação duas *obras completas* do autor. Uma, de 1986, organizada por Afrânio Coutinho, e outra, de 2008, organizada por Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio e Heloisa Jahn, com o título *Obra Completa em quatro volumes*.

No que diz respeito aos escritos epistolares, cumpre ressaltar as diferenças e as semelhanças entre as duas publicações. Em ambas, permanece uma seção exclusivamente dedicada às cartas particulares. Na obra de Coutinho, ela se intitula *Epistolário*; na edição de 2008, a seção se chama *Correspondência*. Porém, nos dois casos, há as seguintes semelhanças: a) a mesma quantidade de cartas – 201 textos – endereçadas a 33 destinatários; b) a mesma forma de organização, levando em consideração o aspecto cronológico; c) a conservação das notas de rodapé de uma edição das *Obras Completas de Machado de Assis*, editadas por W. M. Jackson (1962), mais especificamente o volume 31 – “Correspondência”; d) a presença apenas da correspondência ativa do autor; e, por fim, e) a colocação das cartas particulares nos terceiros volumes das coleções.

Uma diferença significativa entre as duas publicações é a supressão, na edição mais recente, do texto introdutório do *Epistolário*, escrito por Afrânio Coutinho: “Um Machado diferente”. Diríamos que essa ausência traz certo prejuízo: primeiro, porque exclui da edição, que se supõe mais completa, um estudo, por pequeno que seja, sobre as cartas do autor; segundo, porque suprime a informação, dada por Coutinho, de que às cartas advindas da edição de Jackson foram acrescentadas mais quarenta, originalmente publicadas no volume da *Exposição de Machado de Assis*, de 1939. A *Nota editorial* no início da coleção de 2008, paradoxalmente, afirma que reproduziu a *Correspondência* editada por Jackson.

Uma outra diferença destacável é a que diz respeito à distribuição das epístolas em outras seções. Na edição de 1986, Coutinho inseriu 6 cartas na seção chamada “Miscelânea” e mais 7 na parte chamada de “Crítica”, totalizando 214 cartas na publicação.

A razão dessa classificação, para o organizador, deve-se ao caráter dos escritos: as cartas-prefácio encontram-se na “Crítica” e as de caráter público, na “Miscelânea”.

A respeito dessa classificação, são relevantes as considerações de Socorro Barbosa:

O problema é que esta distinção limita em muito os sentidos das cartas. Por exemplo, a resposta a uma carta de José de Alencar, na qual tece comentários sobre o novo poeta, Castro Alves, ao mesmo tempo em que tem o caráter de crítica literária, uma vez que foi publicada no jornal *Correio Mercantil*, em 1º de março de 1868, “é destinada a ser lida pelo público”, o que lhe garante certo tom didático e educativo. Machado de Assis dialoga com outros críticos, “onde a crítica não é instituição formada e assentada”. Além disso, notemos que o comprometimento do autor com a matéria tratada se faz com algumas reservas.

Em contrapartida, tomemos a carta que escreve a Lúcio de Mendonça e que se tornará o prefácio do livro de poesia *Névoas matutinas*, publicado em 1872. Independente do destino que Lúcio de Mendonça lhe deu, a carta é íntima; nela não se observa o caráter didascálico observado da anterior. Machado aponta com muita elegância, mas de forma bem dura, os problemas do livro, todos aliás já vividos por ele, quando jovem. (BARBOSA, 2007a, p. 60).

A edição de 2008 da *Obra Completa* mantém a seção “Miscelânea” e suprime o título “Crítica”, conservando os textos de caráter crítico naquela parte. Faz-se realmente, como o próprio nome indica, *data maxima venia*, uma “salada”, envolvendo todo tipo de texto sob uma mesma nomenclatura. Conservam-se as cartas presentes na “Miscelânea” e na “Crítica”, organizadas por Afrânio Coutinho, e, positivamente, acrescentam-se, entre outros textos, a

“Correspondência” de Machado na *Imprensa Acadêmica* e mais outras cartas, não publicadas na edição de 1986: a “Carta a F. X. de Novais”, a “Carta ao sr. conselheiro Lopes Neto” e a “Carta a Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Júnior”, bem como dois textos chamados de Cartas Fluminenses, publicadas sob o pseudônimo Job, no *Diário do Rio de Janeiro* em 1867, destinadas à Opinião Pública e à Hetaíra, já reproduzidas no volume 23 – “Crônicas”, das *Obras Completas*, editadas por W. M. Jackson, mencionadas anteriormente.

Ao se referir à obra organizada por Afrânio Coutinho e à “Miscelânea”, Socorro Barbosa reconhece “que o nome foi apropriadamente dado, uma vez que este era o espaço do jornal por onde circulavam todos os gêneros e todos os escritores – anônimos e célebres” (2007a, p. 61). O critério de Coutinho obedece a uma certa lógica, e a edição mais recente da Nova Aguilar, em sua *Nota editorial*, explica que

A Miscelânea, pautada pela *Bibliografia de Machado de Assis*, de José Galante de Souza, e pelas categorias ali estabelecidas, reúne as obras dispersas de Machado que não ficaram adequadamente enquadradas nas outras categorias. Assim, além de algumas crônicas avulsas, reunimos textos identificados como *polêmica, fantasia, discurso, dissertação, comentário, prefácio, homenagem, apreciação, diálogo e crítica*. A necessária seleção (...) privilegiou os textos de crítica (principalmente de crítica literária), ainda que incluía textos de ficção e todos os textos que já apareciam nas edições anteriores. (ASSIS, 2008, p. IV).

Um aspecto questionável nessa edição de 2008, sem dúvida, é a mudança do nome da seção que agrupa as cartas particulares de Machado de Assis de *Epistolário* para *Correspondência*. Mais sensato

foi Afrânio Coutinho, no nosso entender, pois com essa nomenclatura conservou uma distinção entre *carta* e *correspondência* existente desde a época de Machado e, de alguma forma, mantida até hoje.

À época do autor, *correspondência* já designava a atividade jornalística exercida fora da cidade ou do país, em que o escritor, atuando como *correspondente*, enviava textos para os jornais ou revistas. É o mesmo uso de hoje referente àqueles jornalistas que atuam, por exemplo, como correspondentes de guerra ou como correspondentes de uma rede de televisão em outro país.

Em carta de 24 de dezembro de 1875, endereçada a Salvador de Mendonça, nos Estados Unidos, Machado deixa isso bem claro ao distinguir “cartas particulares” de “correspondência”:

Por aqui não há novidade importante. Calor e pasmeira, duas coisas que talvez não tenhas por lá em tamanha dose. Aí, ao menos, anda-se depressa, conforme me dizes na tua carta, e na correspondência que li no *Globo*. Não podes negar, porque o estilo é teu. Vejo que mal chegaste aí, logo aprendeste o uso da terra, de andar e trabalhar muito. Uma correspondência e infinitas cartas particulares. (ASSIS, 1986, p. 1.033, grifos nossos).

Em carta a J. C. Rodrigues, de 25 de janeiro de 1873, o autor já havia mencionado a correspondência que costumava fazer regularmente para a Europa. Em outra carta, desta vez para Joaquim Nabuco, em 29 de maio de 1882, Machado diz: “Tenho lido e aplaudido as suas correspondências”. Numa das únicas vezes em que Machado mencionou carta como sinônimo de correspondência fez questão de qualificá-la, em outra epístola para Nabuco: “deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o *Jornal*”

do Comércio, como que os meus amigos e pessoas com que converso, a tal respeito, têm a mesma impressão” (ASSIS, 1986, p. 1.037, grifo nosso).

Como se percebe, a edição de 2008 da *Obra Completa* chama de correspondência dois tipos de textos diferentes: as cartas particulares e as notícias ou comentários de Machado de Assis como correspondente da *Imprensa Acadêmica*. Apesar dessa suposta confusão, tal distinção dificilmente é feita por uma série de outras publicações, até porque o termo *correspondência* comporta, de fato, os dois significados.

A edição das cartas de Machado de Assis mais aguardada e que se propõe a ser a mais completa está prometida pela Academia Brasileira de Letras em dois volumes, contemplando toda a correspondência ativa e passiva do autor. Trata-se de uma pesquisa de fôlego, coordenada pelo acadêmico Sérgio Paulo Rouanet.

A *Revista Época*, de 29 de setembro de 2008, informou, na ocasião, o iminente lançamento da obra. Com esse projeto de Rouanet, pretende-se trazer cartas inéditas e facetas desconhecidas do autor. Pelo que foi veiculado, a ideia é apresentar as cartas organizadas cronologicamente. Trata-se de um projeto arrojado que pretende publicar mais de 800 cartas de Machado de Assis e seus correspondentes. A princípio, tudo indica, mais uma vez, que as cartas não serão analisadas enquanto pertencentes ao gênero epistolar, ou seja, quanto à estrutura, linguagem, propósito, enfim, quanto à sua concepção retórica. Haverá tão somente a publicação dos escritos, sem a preocupação da análise dos textos a partir de alguma orientação teórica. Nesse sentido, continuarão as cartas sem uma apreciação enquanto gênero textual, com prescrições que lhes são próprias.

Uma outra coleção intitulada *Obras Completas* (1997), desta vez da Editora Globo, também contempla o universo das cartas machadianas. Entretanto, os critérios de organização são diferentes. Elas são dispostas pela ordem alfabética dos destinatários. A semelhança se dá na preocupação de separar, por exemplo, as cartas com teor de crítica literária. A coleção apresenta três volumes com cartas: *Correspondência*, *Crítica e Correspondência* e *Crítica e Variedades*, mas não apresenta todas as cartas compiladas por Afrânio Coutinho. Apesar de também serem contabilizadas 214 cartas ao longo dos três volumes, algumas delas se repetem em mais de uma seção. É o caso, por exemplo, das cartas a Enéias Galvão, José de Alencar e Lúcio de Mendonça, que estão presentes tanto na *Correspondência* quanto no volume *Crítica e Variedades*, de modo que o critério de organização dos textos acaba não sendo esclarecido.

Um ponto a destacar, a partir dessas observações, é a suposta desvalorização do gênero epistolar na organização das obras completas. Em geral, as cartas são apenas transcritas e compiladas, sem qualquer estudo ou análise. No máximo, fala-se de curiosidades biográficas que possam ser extraídas delas. Não há estudos sobre a forma epistolar ou sobre o conjunto de temáticas e opiniões presentes nos textos. Acrescente-se, ainda, que a correspondência, em geral, está posta no último volume da coleção ou na última seção (a exceção só se pôde observar na edição de 2008 da Nova Aguilar, que acrescentou um quarto volume para a crônica e a bibliografia).

Não se afirma aqui que há má-fé dos organizadores ou intenção deliberada de desvalorizar o gênero. Não se quer também afirmar que um gênero é mais ou menos importante do que outro. Apenas constata-se que o gênero epistolar é encarado, invariavelmente, como uma espécie

de apêndice das obras do escritor. Insinua-se, equivocadamente, que, além das informações objetivas e históricas explícitas no texto, ele não tem nada a dizer sobre sua forma de composição, linguagem ou propósito.

Outras duas obras importantes relacionadas à epistolografia do autor são: *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo* (1969) e a *Correspondência* entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis (2003). Ambas, como os títulos indicam, apresentam a correspondência ativa e passiva entre os autores. Em geral, nas obras completas de Machado de Assis, prioriza-se a correspondência ativa.

O primeiro desses livros ganha certo destaque porque traz cartas não publicadas nas obras completas, o que o diferencia dos demais. São 137 cartas ao todo, sendo 85 de Magalhães de Azeredo e 52 de Machado de Assis. Saliente-se, ainda, que essa obra mostra o destinatário que mais recebeu cartas do autor de *Quincas Borba*. É claro que estamos nos referindo apenas às cartas que vieram a ser publicadas. Não se pode precisar as cartas que se perderam nem que, necessariamente, o embaixador Magalhães de Azeredo era mais amigo que os outros correspondentes, apesar de ser um de seus únicos confidentes. De qualquer forma, as cartas e seu destinatário ganham certo relevo. Alguns aspectos, por outro lado, permanecem desconhecidos, por exemplo: por que essas cartas não foram incorporadas às edições mais recentes das obras completas de Machado de Assis? Se há uma quantidade considerável de escritos, por que a figura de Azeredo não ganhou relevância da crítica? Pode-se conjecturar a respeito. Uma das hipóteses é a suposta fraca qualidade da produção literária do embaixador. Há também as insinuações, no próprio prefácio da obra, de que Magalhães de Azeredo (e o mesmo acontece com Mário de

Alencar) só foi indicado para a Academia Brasileira de Letras por influência do mestre Machado. Esse aspecto biográfico, de alguma forma, diminuiu os méritos do então jovem escritor.

A correspondência com Joaquim Nabuco, por sua vez, está toda presente na obra organizada pela Nova Aguilar, exceto, naturalmente, a correspondência passiva. O valor histórico dessa publicação se acentua porque a primeira edição do livro é de 1923, feita por Monteiro Lobato. Além disso, quem organizou as cartas e escreveu a introdução e as notas explicativas foi Graça Aranha.

Aliás, registre-se que as cartas de Machado a Graça Aranha não foram publicadas, o que constitui mais uma lacuna na epistolografia do autor. Para Josué Montello (1998, p. 257), é pena que, da longa correspondência entre esses autores, só se conheçam as cartas do mestre de *Canaã*, conservadas por Machado e incorporadas ao arquivo da Academia Brasileira de Letras por Mário de Alencar.

Em 1931, foi publicada a obra *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha*, coligidas por Renato Travassos. O título sugere uma troca de escritos entre os autores, mas não é o que acontece. A obra está dividida em duas partes: a primeira com cartas de Machado e a segunda, com as de Euclides, e nenhuma delas é endereçada ao outro autor. Os textos do ficcionista de *Dom Casmurro*, presentes no livro, foram todos incorporados pelas obras completas posteriores. Na referida obra, constam apenas as cartas endereçadas a José Veríssimo e Mário de Alencar, bem como uma destinada a Henrique Chaves, então gerente da *Gazeta de Notícias*, datada de 23 de agosto de 1900 e publicada no periódico por ocasião da morte de Eça de Queiroz. De diferente, o livro traz apenas notas de rodapé explicativas de nomes de autores e livros, bem como alguns comentários para melhor apreensão do sentido da correspondência.

Outra possibilidade de encontrar cartas de Machado de Assis diferentes das já publicadas nos livros citados é através de periódicos antigos, como o *Boletim* (ou *Revista*) da *Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, ou através de citações e indicações presentes nas biografias do escritor. É o que é perceptível, por exemplo, em *A vida de Machado de Assis* (1989), de Luís Viana Filho, e na farta biografia, em quatro volumes, escrita por Magalhães Júnior – *Vida e obra de Machado de Assis* (1981).

O *Boletim* (ou *Revista*) da *Sociedade dos Amigos de Machado de Assis* teve vida durante o final da década de 1950 e início da década de 1960 com apenas oito exemplares. É possível constatar, nos volumes 4 e 8 desse periódico, duas cartas inéditas: uma endereçada a Belmiro Braga e outra, a Campos de Medeiros. Essas são cartas que não constam nas obras publicadas até o presente momento.

No caso da biografia escrita por Luís Viana Filho (1989), há indicações de cartas pertencentes a personalidades que se relacionaram com Machado de Assis, incluindo familiares da esposa, e outras em posse da Catholic University, de Washington. Em inúmeras notas de rodapé, o biógrafo esclarece suas fontes primárias. A obra de Magalhães Júnior (1981) também é rica na citação de cartas que não foram publicadas nas obras completas.

3.2 A crítica sobre a epistolografia machadiana: silêncios e atenções

A ensaística sobre Machado de Assis é provavelmente a maior da literatura brasileira. Por outro lado, mesmo sendo objeto de estudos variados (interessa à história literária brasileira tudo o que diga

respeito a Machado de Assis), são escassos os ensaios associados à sua correspondência. Trata-se de um caminho percorrido por poucos e, mesmo assim, com enfoque, sobretudo, biográfico. Uma notável exceção se dá com a publicação da obra *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*, de Maria Cristina Cardoso Ribas (2008), que será mais adiante comentada.

Em geral, os estudos sobre cartas não resultam em livros específicos, mas existem, sobretudo, em prefácios ou introduções das correspondências dos autores, artigos ou capítulos de livros. O gênero epistolar não foi agraciado ainda com uma fortuna crítica variada e volumosa, de modo que só existem alguns estudos sobre a correspondência de Machado de Assis, que serão a seguir mencionados.

Antes, porém, é bom constatar alguns silêncios sobre a epistolografia machadiana em livros que estudam a obra do autor. Naturalmente, não se pretende aqui uma revisão bibliográfica de toda a crítica machadiana, o que seria impossível, mas, sim, uma revisão panorâmica de boa parte da crítica que pretendeu estudar Machado de Assis de uma forma ampla. Em outras palavras, busca-se saber se o *Machado epistológrafo* foi incluído ou não na crítica literária que procurou estudar o escritor panoramicamente. E se foi incluído, de que forma o gênero epistolar foi estudado. Assim, o que aqui chamamos de “silêncios sobre a epistolografia machadiana” será verificado naqueles críticos que se empenharam na análise do autor de uma forma mais global. Não interessam aqui temas pontuais da crítica, como o ceticismo do autor nesse ou naquele romance, o feminismo, o moralismo, a filosofia machadiana, o ciúme em Bentinho ou as metáforas e a linguagem do escritor. Interessam, sim, os esquemas panorâmicos da obra de Machado de Assis, nos livros dos mais conhecidos críticos

do autor, entre os quais incluímos John Gledson, Roberto Schwarz e Alfredo Bosi.

É visível e não menos compreensível que a crítica *literária* se debruce sobre os gêneros *literários*. A intenção de nossa pesquisa, neste momento específico, é apenas fazer constatações, e não julgamentos, sobre a inclusão ou não do gênero epistolar como fonte de estudo e análise nas obras de referência crítica sobre Machado de Assis. A carta, como foi visto, de alguma forma garantiu presença na história e na crítica da literatura brasileira.

Naturalmente, as cartas são largamente usadas nas biografias machadianas. O gênero epistolar, nesses casos, é encarado exclusivamente como fonte de informações pessoais. Não é o Machado de Assis epistológrafo que é estudado, mas o romancista, poeta, contista ou dramaturgo em sua intimidade ou subjetividade supostamente revelada ao escrever cartas. Os dados da correspondência, em geral, são levantados para justificar posturas ou intenções literárias, aspectos pessoais do autor, suas amizades e seus postos de trabalho. São exemplos importantes de biografias do escritor os seguintes títulos: *Vida e obra de Machado de Assis* (1981), em quatro volumes, de Raimundo Magalhães Júnior; *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* (1988), de Lúcia Miguel Pereira; *A juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa; *A vida de Machado de Assis* (1989), de Luís Viana Filho; *Machado de Assis: um gênio brasileiro* (2006), de Daniel Piza. Nesses livros, obviamente, não é de se esperar uma análise do gênero epistolar. Como foi dito, estão sendo feitas apenas constatações sobre como as cartas aparecem nas diversas obras que estudam o autor.

Dois dos críticos contemporâneos mais fecundos da obra machadiana são Roberto Schwarz e John Gledson. Cada um deles priorizou aspectos diferentes da literatura de Machado de Assis no intuito de construir livros relevantes para a crítica literária. De certa forma, para a originalidade de nossa pesquisa, foi bom que a epistolografia machadiana não tenha sido contemplada pelos críticos em geral. Por outro lado, isso nos privou de um enriquecimento maior, sem as considerações de críticos como eles.

Os clássicos livros de Roberto Schwarz – *Ao vencedor as batatas* (2000) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000) – dedicam-se à análise de romances de Machado de Assis (os da primeira fase, como costumam chamar alguns críticos, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*), levando em consideração a forma literária e aspectos da sociedade brasileira do século XIX. O autor estuda a dicotomia entre escravismo e ideologia liberal, patriarcalismo e liberdade individual, enfatizando a situação histórica brasileira face à modernidade europeia. Em *Duas meninas* (1997), Schwarz acentua sua discussão e análise, reforçando o maniqueísmo presente nas duas outras obras ao se debruçar sobre o romance *Dom Casmurro*, sugerindo, entre outras coisas, a representação do proprietário retrógrado em Bento Santiago e o emblema da modernidade em Capitu.

John Gledson, por sua vez, destaca-se na crítica machadiana, sobretudo, com três importantes livros: *Machado de Assis: impostura e realismo* (1991), *Machado de Assis: ficção e história* (2003) e *Por um novo Machado de Assis* (2006). No primeiro desses livros, o autor discorre sobre o realismo detalhado e histórico que Machado de Assis, conscientemente, apresenta no romance *Dom Casmurro*. O crítico sustenta que Machado mostra um realismo enganoso, visto que vai

muito além de meras descrições sobre particularidades das personagens. Os elementos históricos e sociais estão ditos e não ditos, compondo um painel da sociedade brasileira, de modo que é inconsistente a ideia de que Machado não fala da “cor local”. *Machado de Assis: ficção e história* (2003), como afirma o próprio autor na introdução do livro, apresenta alguns textos esquecidos de Machado de Assis, tal como o assim reconhecido por Gledson “romance” *Casa Velha*, situando a relevância e grandeza desses escritos, oferecendo uma explicação nova e mais convincente do desenvolvimento de Machado como escritor, entre o ano de 1885 (aproximadamente) e sua morte, em 1908. Em *Por um novo Machado de Assis* (2006), Gledson ratifica sua visão sobre o autor, criada a partir de *Casa Velha* e das crônicas de *Bons Dias*, por exemplo, reunindo uma série de estudos, principalmente, sobre contos e crônicas, mas não deixando de fora personagens e romances famosos, abordando diferentes temáticas da obra machadiana, sem, contudo, referir-se às cartas.

Alfredo Bosi também tem uma relevante contribuição à crítica machadiana, destacando-se, basicamente, três obras. Em *Machado de Assis* (2002), Bosi faz um panorama sobre o escritor, em que apresenta a obra do autor de *Dom Casmurro* em forma de pequenas resenhas ou resumos de seus principais livros, bem como expõe o percurso ideológico de alguns de seus principais críticos. Ficaram de fora das considerações dessa obra o Machado de Assis crítico e o epistológrafo. E mesmo as considerações sobre a poesia, o teatro e a crônica não receberam a mesma atenção dada à ficção. Mas a intenção da coleção *Folha explica* – a qual o livro integra – parece ser fornecer apenas uma visão panorâmica, não exaustiva, dos temas tratados.

No que diz respeito ao percurso da crítica machadiana, Alfredo Bosi (2002) mostra, de forma geral, as primeiras considerações sobre Machado feitas por Sílvio Romero e, em seguida, por José Veríssimo. Passa pela época após a morte do autor, em que Alfredo Pujol e Alcides Maia estudaram o humor machadiano; chega ao decênio de 1930, expondo as visões de Barreto Filho e Augusto Meyer; menciona as tendências biográficas de Lúcia Miguel Pereira e Astrojildo Pereira ao associar o escritor e a sociedade de seu tempo; e fecha com a vertente sociológica de interpretação da ficção machadiana realizada por Raymundo Faoro e Roberto Schwarz. Nitidamente, o panorama de Bosi mostra que estão ausentes as considerações retóricas sobre a obra machadiana.

Em *Machado de Assis: o enigma do olhar* (2007), Alfredo Bosi é mais fecundo na crítica. Motivado por uma espécie de desconforto e inquietude com o que já foi dito sobre a ficção machadiana, o autor procura entender o “olhar machadiano”, o ponto de vista dos narradores e personagens, bem como elenca uma série de citações de vários autores que influenciaram a obra de Machado. Obviamente, o livro prioriza as narrativas – romances e contos.

Uma obra reconhecidamente importante na crítica machadiana é a que foi organizada por Alfredo Bosi em parceria com outros autores, cujo título também é *Machado de Assis* (1982). Trata-se de uma antologia com vários estudos, contendo um apanhado significativo de textos e documentos do autor – contos, crônicas, críticas, fragmentos de romances, poemas –, a reprodução de uma mesa-redonda que discutiu a obra machadiana, vários ensaios de diversos críticos, bibliografia comentada, construindo um painel relevante da crítica e dos textos de Machado de Assis. Quanto à epistolografia, consta apenas uma carta,

“Ao redator dos Ecos Marítimos”, mesmo assim classificada como crônica.

Outro crítico literário dos mais influentes na nossa literatura é Antonio Candido. Naturalmente, também escreveu sobre o autor de *Dom Casmurro*, destacando-se o texto “Esquema de Machado de Assis” no livro *Vários escritos* (2004). O próprio autor admite que seu texto deveria se chamar “Esquema de um certo Machado de Assis” (CANDIDO, 2004, p. 31). Nesse estudo, há uma visão panorâmica das temáticas machadianas, exploradas na ficção do escritor, bem como um apanhado da crítica sobre Machado. Trata-se de um texto introdutório e panorâmico, mas não menos denso e significativo, sobre a obra machadiana.

Podem ser citadas também outras obras panorâmicas sobre a produção machadiana, como a de Raymundo Faoro – *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (2001) e a de Sidney Chalhoub – *Machado de Assis historiador* (2003). Juntamente com as outras obras citadas, é perceptível a opção dos críticos e historiadores da literatura brasileira por priorizar os gêneros considerados literários, colocando o gênero epistolar em segundo plano ou mesmo desconsiderando-o. As cartas são encaradas apenas como retrato de uma realidade, mas não como produtoras de um sentido discursivo próprio.

Consideradas as *ausências*, passemos às *atenções* dadas ao gênero epistolar na crítica machadiana. Insistindo no que já foi dito, o que se escreveu especificamente sobre as cartas de Machado de Assis ou de qualquer outro autor não constitui edições de livros na quase totalidade dos casos. O *Machado de Assis epistológrafo* é, em geral, estudado em prefácios, introduções, artigos ou capítulos de livros.

Modesto de Abreu, em obra intitulada *Machado de Assis*, de 1939, foi um dos raros escritores que consideraram a epistolografia machadiana como um gênero a ser estudado. Mas também não avançou muito. Seu livro, dividido em três partes, estuda Machado de Assis e sua obra, considerando a biografia (1ª parte – “O homem”), a produção (2ª parte – “O escritor – os gêneros”) e textos “Inéditos e omitidos” (3ª parte), até a data de publicação do livro. Na segunda parte, Abreu elenca as várias faces do escritor: o romancista, o novelista, o cronista, o crítico, o comediógrafo, o poeta e o epistológrafo.

No capítulo intitulado “O epistológrafo”, o autor afirma que a publicação da correspondência de Machado foi um excelente serviço prestado às letras nacionais. Por outro lado, lamenta as ausências de certas cartas, como as endereçadas a Graça Aranha. Conclui dizendo que as cartas de Machado são da mais alta importância. Vale a pena a transcrição desse capítulo:

Excelente serviço prestaram às letras nacionais Graça Aranha, Renato Travassos e Fernando Nery, publicando a correspondência de Machado de Assis com os seus mais ilustres contemporâneos e amigos: Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mário de Alencar, Lúcio de Mendonça, Rodrigo Otávio, Guglielmo Ferrero, Francisco de Castro e outros.

A edição Jackson dá essas e outras cartas, faltando porém as de Graça Aranha, que são de grande importância e têm sido até hoje sonegadas sem razão plausível; uma dessas é curiosíssima: a que escreveu Graça Aranha a Machado com alusões à “cigana oblíqua” do Dom Casmurro. Conhece-a reduzido número de pessoas por haver sido transcrita na revista Aspectos, dirigida pelo escritor amazonense Raul de Azevedo.

A correspondência de Machado de Assis, ao contrário do que muita gente supõe, é da mais alta importância para o estudo da personalidade do escritor brasileiro: basta dizer que foi a forma, pode-se dizer literária,

em que ele revelou melhor a marcha ascensional do seu espírito, pois escreveu cartas durante toda a sua vida de escritor – a primeira, dentre as que nos podem interessar, quando ainda ensaiava os primeiros passos na crítica literária e nas lides do jornalismo, a última pouco menos de um mês antes de morrer. Suas cartas são, portanto, a abreviatura de sua vida, contada por ele mesmo aos seus íntimos, mais nas entrelinhas como convinha ao seu feitio, mas nem por isso menos elucidativas. (ABREU, 1939, p. 55-6, grifos nossos).

Apesar de chamar a atenção para o Machado epistológrafo, o crítico não avança na análise do gênero considerado por ele “da mais alta importância para o estudo da personalidade do escritor”. Mas, pelo menos, tece alguns comentários dignos de nota: há uma espécie de estilo no *eu-missivista* machadiano, um dizer nas entrelinhas, como é comum ao estilo ficcional do autor; uma espécie de forma, no dizer do crítico, literária; e uma revelação da vida de uma maneira ascensional – do Machado jornalista principiante ao Machado consagrado presidente da Academia Brasileira de Letras. Notadamente, Modesto de Abreu continua a ideia da carta como um gênero informativo-biográfico.

Outro pequeno estudo digno de nota é o já mencionado artigo de introdução ao Epistolário de Machado de Assis, constante na *Obra Completa* (1986), organizada por Afrânio Coutinho. Nesse texto, cujo título é “Um Machado diferente”, Coutinho pondera, com base em carta a José Veríssimo, que Machado não estava inclinado a autorizar a publicação de suas cartas, por entender que não havia valor literário nelas. Entretanto, “juljou-se oportuno incluir no volume as cartas de Machado de Assis, as quais, pelo interesse humano ou pelos temas abordados, contribuem a esclarecer pontos de sua biografia, traços de sua psicologia ou aspectos de suas idéias estéticas e de suas

atividades literárias” (ASSIS, 1986, p. 1.028). Dois pontos de contato destacam-se entre Afrânio Coutinho e Modesto de Abreu: primeiro, o reconhecimento por parte de ambos das cartas como importantes fontes de informação sobre o autor, sua obra e estilo. Em segundo lugar, ambos não estudam o Machado epistológrafo. Neles não há, apesar das insinuações, uma análise propriamente dita do *gênero* epistolar.

Visivelmente, Afrânio Coutinho avança um pouco mais que Modesto de Abreu. Ao introduzir a seção com as cartas de Machado, faz um apanhado do que se destaca nos textos do autor, chamando a atenção para as cartas que contêm dados curiosos, como as aperturas financeiras à época do casamento, ou passagens que revelam o “traço de humanidade do autor”. Aliás, Coutinho conclui seu artigo afirmando que a epistolografia machadiana apresenta o autor “tal como era”, revelando o homem em suas fraquezas e grandezas.

Não discordamos *completamente* de Afrânio Coutinho, mas entendemos que Machado de Assis tinha plena consciência da possibilidade de publicação de suas cartas, o que, no mínimo inconscientemente, provocaria algumas ausências temáticas em seus escritos, aprofundando o caráter também retórico de seu texto epistolar, conforme veremos em análise no próximo capítulo.

Outro texto que merece destaque sobre as cartas de Machado é o de Magalhães Júnior no quarto volume de sua consagrada *Vida e obra de Machado de Assis* (1981). Em um capítulo intitulado “Cartas que são remédio”, o biógrafo enfoca a correspondência entre o autor de *Memórias póstumas* e Mário de Alencar, por ocasião de uma profunda depressão deste. Magalhães detecta que as cartas de ambos funcionam como remédio, como incentivo para o outro. Machado tenta estimular

o afilhado a escrever, a não se entregar à melancolia, a superar aquele momento de tristeza. Mário de Alencar aconselha seu mestre a não se entregar ao trabalho desgastante e a cuidar da saúde, chegando a indicar-lhe medicamento. A preocupação do estudo não recai sobre a carta enquanto gênero, mas, sim, sobre a amizade travada pelos missivistas e os conselhos enviados de ambos os lados. Destaca-se no texto uma amizade afetuosa entre os dois autores, em que confidências sobre a saúde são trocadas, e as cartas são consideradas terapêuticas, visto que alimentam o espírito dos destinatários. Como uma das razões da correspondência era a questão da saúde, há uma visível preocupação dos escritores em responder rapidamente às cartas recebidas, formando um denso número de escritos. Mário de Alencar foi um dos maiores destinatários das cartas até hoje publicadas de Machado de Assis: 33 textos.

Preocupado em dar assistência epistolar a Mário de Alencar, nesse período Machado de Assis cessou quase inteiramente sua correspondência com outros amigos e colegas da Academia, tendo escrito apenas duas cartas a Joaquim Nabuco, uma a José Veríssimo e nenhuma a Carlos Magalhães de Azeredo, Lúcio de Mendonça, Salvador de Mendonça e outros de seus correspondentes habituais. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 287).

Outra referência pertinente sobre as cartas do autor está presente em *O presidente Machado de Assis* (1961), de Josué Montello. O capítulo “Os dois confidentes de Machado de Assis” lembra a descrição de Machado e o fato de ele não ser afeito a confissões abertas, mas indica dois amigos íntimos que as cartas, de alguma forma, vão revelar: Magalhães de Azeredo e, mais uma vez, Mário de Alencar. Nesse estudo, indica-se que somente aos dois autores algumas confissões são

recolhidas do universo secreto de Machado de Assis. Montello chega a sugerir que o suposto desencanto do mestre Machado por não ter filhos, expresso na derradeira fala de Brás Cubas, é abrandado pela escolha dos dois jovens discípulos (Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar eram de 1872 e Machado de Assis, de 1839) como “filhos adotivos de seu espírito, para com eles repartir a herança comedida de seus conselhos e de suas confidências” (MONTELLO, 1961, p. 103).

Sobre a correspondência com Mário de Alencar, Montello afirma que as confidências do mestre coincidem com o momento de solidão após a morte de Carolina, esposa de Machado de Assis. Assim como em Magalhães Júnior (1981, v. 4), destacam-se a questão da saúde, a melancolia, a epilepsia, mal de que o próprio Mário de Alencar parecia também sofrer. Dessa forma, tenta-se mostrar que esses pontos de contato foram responsáveis pela aproximação dos dois correspondentes. Daí o caráter terapêutico das cartas, destacado antes.

Diferentemente, na correspondência com Magalhães de Azeredo, não se destaca a figura humana de Machado de Assis em transe com o sofrimento, mas, para Josué Montello, esta correspondência possui uma maior importância, “porque se prende, nos seus lances mais expressivos, ao trabalho e ao pensamento literário machadiano” (MONTELLO, 1961, p. 101). As confissões, nesse caso, se apresentam, por vezes, sob a forma de conselhos graves, o que acaba revelando a experiência e o método do mestre. Acrescenta o autor:

O ideário estético do grande escritor, pelo menos em um ou outro ponto de excepcional relevo, sobressai daquelas páginas íntimas, redigidas ao correr da pena pelo puro prazer afetivo da conversação postal. Não será exagero afirmar que, nessa correspondência epistolar de Machado de Assis, se encontram, ainda inéditas e desconhecidas, as mais interessantes revelações do

romancista sobre a sua própria natureza esquiva e reservada. (MONTELLO, 1961, p. 101).

Finalizando o capítulo “Os dois confidentes”, o autor afirma que Machado de Assis escreveu suas cartas com sua pena de cronista, justamente na fase em que raramente escreveu crônicas. Para Montello, na verdade, a crônica seria uma carta aos amigos desconhecidos. A partir desse entendimento, poderia se concluir que a carta seria uma crônica aos amigos conhecidos. Josué Montello acrescenta, ainda, duas opiniões sobre a correspondência com Magalhães de Azeredo: 1º) ela seria, pelo que reflete da vida do escritor e de suas ideias, um outro *Memorial de Aires*, só que escrito em forma epistolar – o mestre se consolava na saudade de si mesmo; 2º) talvez com encomiástico exagero, seria a mais importante correspondência epistolar da literatura brasileira, só comparável ao diálogo entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, na *Barca de Gleyre*.

As considerações de Josué Montello (1961) sugerem duas associações: a epistolografia machadiana alcança o *status* de romance, ao ser comparada ao *Memorial de Aires*, e o *status* de crônica, conforme foi dito acima. O que não fica muito claro é se a relevância dessas cartas existe porque equivalem à condição de um gênero literário ou pela expressividade delas em si.

Nos dois capítulos seguintes – “O confidente Mário de Alencar” e “Uma amizade por correspondência” –, Montello faz desdobramentos de suas considerações. O enfoque biográfico é nítido e não destoa da maneira como as cartas, em geral, foram encaradas pelos outros críticos e historiadores.

É o que acontece, por exemplo, com Augusto Meyer (2008), no ensaio “O homem subterrâneo”, presente no livro *Machado de Assis*

(1935-1958), que buscava nas cartas, como foi a tendência de muitos biógrafos, a intimidade do escritor. Analisando o famoso capítulo “O senão do livro”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, para indicar elementos de autocritica e confissões do autor, Meyer sugere que os escritores são mais sinceros na ficção do que na correspondência:

Caso normativo dos escritores de ficção; eles se confessam através das encarnações imaginárias, indiretamente, com uma sinceridade mais honesta do que na correspondência ou nos cadernos íntimos. O verdadeiro Dostoiévski, por exemplo, se revela muito mais na obra literária do que no *Journal d'un écrivain* [Diário de um escritor]. Deixo de argumentar aqui com a correspondência de Machado de Assis porque é um modelo de discreta insignificância. (MEYER, 2008, p. 20).

Meyer queria achar o “homem subterrâneo” de Machado de Assis, como indica o título de seu ensaio, e por isso se frustrou com as cartas supostamente não reveladoras do autor. Porém, no nosso entender, o ensaísta se arriscou ao dizer que a correspondência machadiana é insignificante, pois visivelmente não levou em consideração o contexto de publicação das cartas e a necessidade de discrição naquele tempo. Mesmo a correspondência “particular” era passível de se tornar pública.

As considerações de Meyer, cujos ensaios foram escritos entre 1935 e 1958, podem apontar para uma espécie de não distinção absoluta entre ficção e realidade, pois na própria obra ficcional se buscavam dados biográficos.

Alexandre Eulalio, em *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória* (1993), mais especificamente no artigo “Em torno de uma carta”, retoma as palavras de Meyer afirmando que,

a princípio, o ensaísta tinha razão, “do ponto de vista que decidira assumir naqueles anos de 1932, 1933” (EULALIO, 1993, p. 207), em chamar a correspondência machadiana de insignificante. Eulalio justifica sua concordância com Meyer por entender que este pretendia “virar pelo avesso” o universo do romancista de *Quincas Borba*, que havia adquirido certo *establishment*, no seguinte sentido:

Para o conformismo elegante de época a obra de Machado de Assis era a de um cético crepuscular, algo cínico, cujo desencanto de bom-tom provocava sorriso e melancolia; páginas cuja fatura singular, fantasiosa, era ainda mais coruscante porque de todo gratuita. Contra essa falsificação facilitada investiu então Augusto Meyer com toda a gana, a fim de desentranhar do escrever insólito [de Machado de Assis] o homem subterrâneo que era inquilino dele. (EULALIO, 1993, p. 207).

Como há uma espécie de discrição retórica na epistolografia machadiana, de fato não seria possível desentranhar dela o homem subterrâneo da escrita do autor. Por outro lado, o estudo de Alexandre Eulalio apresenta traços de afetividade no *eu-missivista* de Machado, a partir de uma carta, até a ocasião inédita, endereçada a Heitor Cordeiro, personalidade, segundo o ensaio, de muita proximidade da família do autor do *Memorial de Aires*.

Em linhas opostas à maioria dos estudos sobre as cartas de Machado, em especial, estão surgindo trabalhos que lançam luzes diferentes sobre a epistolografia. A correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, uma das pioneiras no que diz respeito à publicação (a primeira edição é de 1923), traz preâmbulos que podem ser citados como estudos sobre a epistolografia. A introdução feita por Graça Aranha segue a linha da biografia laudatória dos

correspondentes e comenta as situações e os assuntos abordados nas cartas dos dois autores. Mas o prefácio à terceira edição, de 2003, de José Murilo de Carvalho, intitulado “As duas repúblicas”, apresenta algumas considerações diferentes que, de alguma forma, ampliam o enfoque dado por Graça Aranha. Carvalho faz um apanhado dos escritos, identificando períodos de densidade e de ausência na troca das cartas, e aponta variações na linguagem que, com o passar do tempo, vai se tornando mais próxima. Por exemplo, o recorrente “Meu caro Nabuco” das primeiras cartas tornar-se-á “Meu querido Nabuco”. Uma mudança retórica que pode insinuar relações estreitadas com a passagem do tempo ou, como sugere Carvalho (2003), no caso de Machado de Assis, em função de acontecimentos pessoais, como a morte da esposa, a indicação de uma personalidade mais sensível, mais fragilizada, mesmo que isso não seja citado explicitamente.

Em momento destacável do texto, Carvalho (2003) admite a sorte dos historiadores da época, visto que no tempo de Machado e Nabuco escreviam-se muitas cartas. Certamente, os futuros historiadores não terão a mesma facilidade com o advento do telefone e da correspondência eletrônica. Seguindo suas considerações, o autor chama a atenção para um aspecto importante a respeito da escrita de cartas:

As velhas cartas ocultam armadilhas. A intimidade tinha limites provenientes, sim, do temperamento dos missivistas mas também da consciência de que cartas constituíam instrumentos privados de comunicação só até certo ponto. A possível publicação póstuma, certamente admitida, se não contemplada, por todos, era um freio às confidências e inconfidências, além de ser um incentivo à busca da qualidade literária do texto. Machado e Nabuco mantêm grande discrição em relação a pessoas e acontecimentos. Tudo que se

escreveram podia suportar a luz da publicidade, pelo conteúdo e pela forma. Ao lado do que disseram, é preciso, portanto, avaliar o que não disseram, captar os silêncios. (CARVALHO, 2003, p. 12, grifos nossos).

O estudo de Carvalho diferencia-se da concepção que afirma a existência dos amigos confidentes de Machado de Assis, largamente difundida em relação a Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Na visão dessa nova informação que lastreia o pensamento de José Murilo de Carvalho, ousamos dizer que as confidências eram, portanto, relativas. Havia policiamento e discrição no que era dito, uma espécie de fingimento retórico. A imagem de reservado atribuída a Machado de Assis, conjecturamos, pode passar também, e até se erigir, através de sua correspondência dada ao público.

Acrescentem-se, ainda, outras contribuições do referido autor, como, por exemplo, a indicação do tema mais recorrente nas cartas de Machado e Nabuco: a Academia Brasileira de Letras. “A partir de 1899, das 47 cartas trocadas entre eles, 37 falavam dela” (CARVALHO, 2003, p. 12). O prefaciador também não se furtou a indicar a existência de silêncios nessa correspondência, como a ausência do tema da política. Todas essas constatações serão ampliadas no capítulo seguinte do presente trabalho, por ocasião da análise temática das cartas.

A exemplo de Carvalho, no sentido de apresentar um viés diferente do exclusivamente biográfico, é digno de nota o artigo de Maria Helena Werneck, intitulado “‘Veja como ando grego, meu amigo.’ Os cuidados de si na correspondência machadiana”, constante no livro *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*, organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádya Batella Gotlib (2000).

Werneck amplia a discussão sobre as cartas de Machado de Assis ao detectar tendências temáticas e de estilo associadas a “traços do individualismo grego”. Para isso, a autora recorre aos estudos de Michel Foucault sobre a gênese da “cultura de si” em textos de Platão e na correspondência de Sêneca com Lucilius. Acrescenta Werneck que as cartas de Machado não contêm propriamente confidências e desabaços, não constituindo, portanto, um espaço de polêmica ou posições afirmativas. Diz mais a autora:

Como auto-retratos em baixo-relevo, desenvolve-se, progressivamente, uma escrita da relação de cuidados de Machado consigo mesmo. Não se trata de uma escrita autobiográfica, no sentido de que se vai constituindo, discursivamente, uma identidade com força unitária. Na correspondência machadiana, aplicar-se a si, ao lado de um trabalho de *anacorese* forçado pela condição física debilitada, que traz o foco da atenção para o próprio corpo, inclui o movimento de aplicar-se ao interlocutor. Assim, podem-se ler cartas trocadas entre o escritor e intelectuais renomados ou jovens literatos como elas são concebidas na prática epistolar de Sêneca: escrita *onde se expõe o estado da própria alma, solicita-se conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita*, mas que apresenta um retorno de benefícios para quem se apresenta como o mais experiente. Quem escreve a outrem acaba reatualizando para si próprio as palavras enviadas. (WERNECK, 2000, p. 140).

Observa-se que a autora não se restringiu ou mesmo nem se preocupou com a classificação das cartas como simuladoras da verdade biográfica do autor, como foi largamente explorado pelos biógrafos. Ela conseguiu ver algo que a escrita epistolar pode insinuar com suas peculiaridades discursivas. Obviamente, houve uma escolha teórica deliberada ao apropriar-se das considerações feitas por Foucault.

Mas, sem dúvida, o texto contribui para ampliar a discussão sobre a epistolografia e suas possibilidades de abordagem.

Outra consideração feita por Werneck é que Machado de Assis, na relação com seus correspondentes, “amadurece formas de se posicionar em relação a si mesmo e se manifestar em relação aos outros” (WERNECK, 2000, p. 142). Tal aspecto é observado a partir das teses foucaultianas, mas, para esta pesquisa, mais adiante, será analisado sob o viés da retórica.

Os “cuidados de si” verificados pela autora, de alguma forma, reforçam as visões de Magalhães Júnior (1981, v. 4) e Josué Montello (1961), citadas anteriormente, sobre a troca de cartas entre Machado de Assis e seus pupilos Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Aliás, a própria autora também analisa a correspondência entre Machado e Alencar como variante da forma “diário” em *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias* (2008).

Para concluir estas observações sobre a crítica em relação à epistolografia machadiana, celebra-se a recente pesquisa de Maria Cristina Cardoso Ribas, intitulada *Onze anos de correspondência: os machados de Assis* (2008). Diferentemente de todos os ensaios aqui citados sobre as cartas de Machado, Ribas não escreveu apenas um prefácio, introdução, artigo ou capítulo de uma obra. Seu estudo resultou em livro. Isso é destacado tão somente devido à escassez da crítica epistológica em livros específicos. Naturalmente, essa constatação por si só não qualifica a obra. O que a torna relevante é sua proposta distinta dos outros ensaios ao analisar o texto epistolar, exceto em relação à visível influência de Maria Helena Werneck, já citada, visto que um estudo é tributário do outro.

O que se notabiliza no texto de Ribas é, como diz Luiz Antonio Mousinho no prefácio do livro, o exercício de análise e interpretação das cartas machadianas a partir de conceitos presentes em Michel Foucault (sobre o *cuidado de si*, tese já apresentada por Werneck) e de certa noção de *escritura* e de *texto* presentes em Roland Barthes e também em Jacques Derrida. Ribas mostra não um Machado único, cristalizado, mas um autor analisado processualmente no percurso de suas cartas, com facetas menos conhecidas. Destaca-se, novamente, a concepção de que as cartas pouco dizem sobre o autor e seus destinatários. A busca de elementos pitorescos, curiosos ou extravagantes resultará em frustração. As informações das cartas são de domínio público. Machado não se expõe, mas se dispõe ao diálogo epistolar. Ribas afirma que

É preciso, ao invés de decifrar signos, produzir sentidos a partir dos jogos discursivos do narrador e do missivista. Assim, voltamo-nos para considerar os processos reiterados da escrita machadiana nas cartas – o que inclui chamar a atenção sobre si, sobre o corpo, identificar as modulações diplomáticas, a função fática das mensagens, as omissões, as intertextualidades, as negativas. (RIBAS, 2008, p. 30).

Consideradas as colocações críticas sobre a epistolografia machadiana, detectados enfoques e ausências, passa-se para uma outra etapa do presente trabalho: a análise das cartas propriamente ditas, considerando os aspectos formais e temáticos das epístolas.

4 O estilo epistolar machadiano

4.1 A retórica da *ars dictaminis*

Há de se ressaltar *a priori* que este trabalho, como qualquer pesquisa acadêmica, faz uma opção metodológica de analisar as cartas machadianas do ponto de vista formal da *ars dictaminis* – a arte de escrever cartas, teorização difundida desde a Idade Média. Enfatize-se também que esta é uma das contribuições do estudo, visto que, enquanto gênero, as cartas machadianas ainda não foram estudadas sob esse viés.

A opção pela *ars dictaminis*, por outro lado, não é radical e nem poderia ser, em razão de se tratar de um conjunto de preceitos próprios da Idade Média, questionados pela tradição humanística, conforme expõe Emerson Tin em *A arte de escrever cartas* (2005). Mas o que se verificou é que a tradição epistolar guarda até hoje elementos da formalidade descrita pela *ars dictaminis* associados a uma linguagem menos formal trazida pelo humanismo. Mesmo não guardando a rigidez daquela tradição, é perceptível sua presença nas cartas do *bruxo do Cosme Velho*. O fato de o discurso epistolar machadiano adequar-se às possibilidades de escrita e publicação das cartas de sua época, por si só, demonstra resquícios de uma tradição retórica, à qual pertence a *ars dictaminis*.

Acrescente-se, ainda, que não há problema de anacronismo com essa escolha, visto que, à época de Machado, toda a teorização sobre a escrita de cartas já estava estabelecida e popularizada através dos famosos “secretários”, manuais de cartas que, além de conter as regras e os tratamentos previstos, dispunha de uma série de modelos

de cartas, para todas as circunstâncias, a exemplo do que ocorreu na França (CHARTIER, 1991). Por outro lado, pode-se questionar por que não fundamentar a análise na tradição humanística, visto que posterior à Idade Média e, assim, mais próxima do texto machadiano. A resposta se apoia no fato de que os tratados e os questionamentos humanísticos sobre a escrita epistolar, opondo-se à *ars dictaminis*, apresentam-se mais como acréscimos e referem-se fundamentalmente a uma certa simplicidade da escrita, não eliminando por completo a estrutura das cartas, que se mantém até hoje com poucas variações. Os tratados humanísticos sobre a escrita de cartas de Erasmo de Rotterdam e Justo Lípsio (cf. TIN, 2005) não mencionam as partes da *ars dictaminis*, como que afirmando sua não mais vigência, mas não comprovam a sua supressão. Eliminam-nas da teoria, mas elas permanecem na prática, naturalmente, com variações, como sugerem os vários “secretários” ou artes de escrever cartas, que circularam no Brasil durante o século XIX.

A fim de comprovar e justificar a opção pela *ars dictaminis*, pode-se tomar como exemplo, de forma inicial e panorâmica, a carta de Machado de Assis endereçada a Quintino Bocaiúva, transcrita abaixo:

Meu amigo. / Vou publicar as minhas duas comédias de estréia e não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência. / Já uma crítica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação. / Sou imensamente reconhecido, por tal, aos meus colegas da imprensa. / Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não altera o valor da obra? / É para a solução destas dúvidas que recorro à tua autoridade literária. / O juízo da imprensa via nestas duas comédias – simples tentativas de autor tímido e receoso. Se a minha

afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o trabalho: cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. / Caminhar destes simples grupos de cenas à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero – eis uma ambição própria de ânimo juvenil e que eu tenho a imodéstia de confessar. E tão certo estou da magnitude da conquista que me não dissimulo o longo estádio que há percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverá, menos superáveis e tão sutis, que ainda as não posso ver. / Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti. / E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento. / O que nos honra, a mim e a ti, é o que a tua imparcialidade suspeita. Serás justo e eu dócil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: *Les amitiés, qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?* / Teu amigo e colega / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.028).

A *salutatio* é visivelmente identificada com a expressão “Meu amigo”.

Ao longo da carta, pode-se verificar a presença da *captatio benevolentiae*, que consiste numa “certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do destinatário”, como atesta em seu

tratado sobre a escrita de cartas, dentro dos padrões da *ars dictaminis*, o Anônimo de Bolonha (in TIN, 2005, p. 97).

Observe que Machado escreve um texto em que pede conselhos a um amigo mais experiente nas questões relativas ao teatro. Ao afirmar que não quer publicar suas peças sem o “conselho da competência do amigo”, ao qualificar a crítica de Quintino Bocaiúva de “benévola e carinhosa” e, ainda, ao dizer “recorro à tua autoridade literária”, Machado usa o expediente retórico para “captar a benevolência” do destinatário. E não para por aí a postura retórica do escrito, pois a *captatio benevolentiae* também se estabelece com a *humildade*, novamente presente nas passagens a seguir destacadas:

Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o trabalho: cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. (...) eis uma ambição própria de ânimo juvenil e que eu tenho a imodéstia de confessar. E tão certo estou da magnitude da conquista que me não dissimulo o longo estádio que há percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes se me afigura que outras haverá, menos superáveis e tão sutis, que ainda as não posso ver. (ASSIS, 1986, p. 1.028, grifos nossos).

Segundo a *ars dictaminis*,

A boa disposição pode ser assegurada pela pessoa que envia a carta se menciona humildemente alguma coisa sobre seus negócios, ou suas obrigações, ou suas razões. Por outro lado, será assegurada pela pessoa que recebe a carta quando não somente a humildade do

remetente, mas também os louvores ao destinatário são devidamente indicados. (ANÔNIMO DE BOLONHA in TIN, 2005, p. 97).

A *narratio*, naturalmente, refere-se à temática propriamente dita da carta, àquilo que é contado – no caso, os questionamentos de Machado de Assis a respeito da publicação em livro de suas duas peças. Os conselhos solicitados, por sua vez, além de serem a motivação dessa epístola em particular, constituem ainda outra parte da estrutura das cartas, conforme a *ars dictaminis*: a *petitio*.

O desfecho da missiva com “Teu amigo e colega” e a assinatura configuram a chamada *conclusio*, reforçando a *captatio benevolentiae*, visto que assegura uma relação de aproximação entre os interlocutores.

De posse dessa ilustração com a carta a Quintino Bocaiúva, passemos agora a observar as partes da *ars dictaminis* no conjunto epistolar de Machado de Assis.

4.1.1 *Salutatio*

As saudações nas cartas do autor de *Quincas Borba* podem ser classificadas relativamente dentro da tradição medieval da *ars dictaminis* (com sua formalidade típica ao dirigir-se a autoridades, por exemplo) e dentro da tradição humanística (mais simples e direta). Diríamos que há a conservação inevitável da *salutatio*, como parte indispensável de qualquer epístola, associada à linguagem mais direta preconizada pelos humanistas. Poucas são as variações. A fórmula mais recorrente é “Meu caro”, seguida do nome do destinatário.

A *salutatio* machadiana revela uma espécie de percurso afetivo e/ou profissional, demonstrando, em alguns aspectos, a posição do

escritor no cenário jornalístico e literário do país com a passagem do tempo. O Machado de Assis velho é mais paternal, sobretudo com os jovens Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Na correspondência com Joaquim Nabuco, a partir de 1882, em nenhuma das 32 cartas enviadas por Machado a *salutatio* contém os dois nomes do destinatário. Está sempre presente o “caro Nabuco” ou “querido Nabuco”. A exceção se dá uma única vez em que Machado o chama “Meu caro Embaixador”, mas não com as formalidades que o título podia impor e, sim, como agrado afetivo, em razão da nomeação de Nabuco para assumir a recém-criada embaixada do Brasil em Washington.

Em outras palavras, a posição de Machado de Assis – já com o nome estabelecido no jornalismo carioca – e a amizade entre os interlocutores permitiam esse tratamento não formal, mesmo sendo Joaquim Nabuco uma respeitável autoridade brasileira. Outros destinatários, mesmo sendo também próximos de Machado, muitas vezes foram saudados pelos seus dois nomes, como José Veríssimo e Salvador de Mendonça.

As duas cartas endereçadas à esposa Carolina, quando ainda não eram casados, certamente são as mais íntimas do autor que restaram publicadas. Elas têm as seguintes saudações: “Minha querida C.” e “Minha Carola”. Naturalmente, o grau de intimidade entre os dois impõe a abreviatura do nome ou o uso de apelido. As saudações, como preconiza a *ars dictaminis*, devem adequar-se às hierarquias ou aos graus de aproximação entre os correspondentes.

Se fôssemos considerar amigos íntimos de Machado de Assis apenas aqueles que foram saudados com a expressão “Meu querido” ou “Meu querido amigo”⁴, o rol se restringiria a Salvador e Lúcio

4 Estamos considerando, nesse instante, a presença dessas expressões apenas na *salutatio*, e não no corpo ou desfecho das cartas.

de Mendonça, Joaquim Nabuco e, sobretudo, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Exatamente cinco dos maiores destinatários das cartas de Machado.⁵

As cartas enviadas a Azeredo e a Alencar apresentam uma espécie de figura paternal do autor, constatação já observada por Josué Montello em *O presidente Machado de Assis* (1961). Os dois destinatários nasceram no mesmo ano, em 1872, e eram 33 anos mais novos que o mestre. Nabuco, os irmãos Salvador e Lúcio de Mendonça, bem como José Veríssimo e Graça Aranha, são referenciados pelos biógrafos machadianos como amigos próximos do autor do *Memorial de Aires*.

A primeira referência na *salutatio* à expressão “querido” é de 2 de fevereiro de 1895, em carta a Magalhães de Azeredo, cujo início é “Meu querido amigo”. Para este destinatário, em um universo de 52 cartas enviadas por Machado, apenas quatro não contêm, na saudação, o termo “querido”. Era comum Machado tratá-lo de “querido amigo e poeta”. Para a configuração da *salutatio* nos moldes da *ars dictaminis* e seus resquícios, é emblemático o exórdio da carta endereçada a Azeredo, de 7 de dezembro de 1897, transcrito abaixo (mantida a grafia original):

Meu querido amigo,
e não amigo e poeta, como usava até aqui, porque é tempo e mais que tempo de afirmar, pela exclusão de um só termo, o seu talento de prosador também, que se aperfeiçoa de dia para dia. Amigo só, sem mais nada, abrange tudo, não só o poeta das *Procellarias*, como

5 Há ainda uma carta a Luís Guimarães Filho em que a expressão “Meu querido” está presente, constituindo uma espécie de exceção em relação aos destinatários citados. Mesmo assim, o teor da carta não acentua qualquer intimidade entre os interlocutores, tratando apenas de uma tradução do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A carta é de 1902, ano em que Machado já era reconhecido como autor e autoridade literária.

o narrador de contos e de viagens. Não fallo tambem do critico, porque seria suspeito, depois do artigo, que publicou a meu respeito no ultimo numero da *Revista Moderna*. (ASSIS, 1969, p. 129).

Certamente, a expressão “amigo” não era apenas empregada para abranger os officios de poeta, prosador e crítico de Magalhães de Azeredo, como dito no texto. Uma amizade se firmava, se não no âmbito da presença física efetiva e constante – visto que a vida de Azeredo foi quase toda no exterior –, no mínimo, no sentido de certas trocas de gentilezas entre os interlocutores, através de artigos de críticas literárias. Machado, por sua vez, desde o início da carreira literária do pupilo havia sido procurado para intermediar publicações, como se verifica na extensa troca de correspondência entre os dois. As cartas a Azeredo foram publicadas em edição separada das obras completas, organizada por Carmelo Virgillo, em 1969.

Já no epistolário da edição completa organizada por Afrânio Coutinho, a expressão “meu querido” (na *salutatio*) aparece primeiramente em carta a Mário de Alencar, de 1º de janeiro de 1898, reaparecendo em duas cartas escritas por Machado no ano de 1900, em três missivas de 1901 e assim por diante, tornando-se, porém, mais constante nos dois últimos anos de vida do autor, quando, assolado pela solidão e pela velhice, certamente mostrava-se mais subjetivo.

Um dos destinatários mais acionados foi José Veríssimo, contudo não há, na *salutatio* das cartas enviadas a ele, nenhuma menção mais íntima do que a expressão “Caro amigo”. A primeira carta, aliás, enviada em 19 de abril de 1883, inicia-se com o formal “Ilmo. Exmo. Sr. José Veríssimo”. A segunda correspondência, datada de 2 de dezembro de 1895, apresenta “Ilmo. am.º e colega” e

só a partir de dezembro de 1897 o tratamento passa a ser “Meu caro José Veríssimo” ou “Caro Veríssimo”, com pouquíssimas variações. Essa suposta distância também foi percebida por Hélio Guimarães e Vladimir Sacchetta (2008, p. 33-4):

São raros os momentos em que Machado, avesso a derramamentos emocionais e ao tom confessional, nos deixa entrever sua intimidade. Mas é possível distinguir, nas formas de tratamento que utiliza, os diferentes níveis de afeição que tinha por seus interlocutores. Ao crítico José Veríssimo dirigiu-se sempre com um distante e respeitoso “Meu caro Veríssimo”. Com Joaquim Nabuco, o tratamento oscilou bastante ao longo dos anos, entre o “meu caro Embaixador” e o “meu querido Nabuco”.

Sempre querido foi Salvador de Mendonça, com quem se correspondeu por mais de trinta anos.

As posições dos interlocutores são determinantes nas formas de tratamento. Tanto Machado quanto seus destinatários foram tratados convenientemente de acordo com a idade ou com o cargo, como preconizava a *ars dictaminis*. Magalhães de Azeredo, por exemplo, um jovem embaixador e escritor, invariavelmente chamava Machado de Assis de “Mestre e amigo”. É visível a posição do autor de *Dom Casmurro*, na correspondência com Azeredo, como alguém mais velho, como se fosse um pai, e, sobretudo, como uma autoridade já consagrada das letras, ou prestes a ser, no cenário cultural estabelecido pela Academia Brasileira de Letras.

Um dos amigos mais próximos de Machado de Assis foi Francisco Ramos Paz, com quem dividiu moradia na juventude. As cartas endereçadas a ele, algumas delas bilhetes, naturalmente dispensam qualquer formalidade. O tratamento, muitas vezes, se

resume ao nome “Paz” no início da carta. Por sua vez, quando escreve a Rui Barbosa, Machado não dispensa o “Ilmo. Sr. Dr.” ou o “Exmo. Sr. Senador”. O barão do Rio Branco é o “ilustre” ou o “eminente amigo”.

Nas cartas inseridas na seção de Crítica e na Miscelânea, conforme organização de Afrânio Coutinho na *Obra completa* (1986), a *salutatio* não apresenta significativas variações, até porque algumas das cartas foram escritas a particulares e só depois os destinatários as fizeram públicas, como é o caso de Lúcio de Mendonça, que tornou a carta de Machado de Assis versando sobre o livro *Névoas matutinas* prefácio da própria obra (cf. BARBOSA, 2007a, p. 60). Além disso, Machado tinha plena consciência de que as cartas invariavelmente eram passíveis de publicação:

A carta é privada, mas o assunto é público, ou de interesse geral, como o foram as cartas publicadas nos jornais e periódicos. Machado de Assis, assim como todos aqueles que publicaram nos periódicos brasileiros, tem consciência de que seus escritos estarão sempre destinados a um público amplo, seja por meio da leitura oral, própria àquele século, seja pela cópia daquele original – outra prática que o jornal absorveu com muita naturalidade. (BARBOSA, 2007a, p. 62).

Em resposta a José de Alencar, a respeito da recomendação do jovem poeta Castro Alves, Machado de Assis dirige-se com o respeitoso “Exmo. Sr.” e, ainda no exórdio, com a expressão “V. Ex.^a”, deixando transparecer retoricamente a posição já consagrada do autor de *Iracema*. Na mencionada carta a Lúcio de Mendonça, a expressão usada foi “Meu caro poeta”, fórmula que vai se repetir nas outras duas cartas-prefácio: uma destinada a Francisco de Castro, para o livro

Harmonias Errantes, outra endereçada a Enéias Galvão, para o livro *Miragens*.

4.1.2 *Captatio benevolentiae*

A captação da benevolência, como sugere a tradução de Emerson Tin (2005) para a expressão em tela, é um expediente retórico que tanto apresenta o escritor da carta de forma humilde, como caracteriza o destinatário de maneira elogiosa. Serve para a construção de um discurso persuasivo, laudatório ou qualquer que seja a intenção, porém buscando a simpatia ou afeição do leitor. Mesmo em expressões críticas ou exortativas, o discurso pode se revestir de equilíbrio e ponderações.

Na referida carta a José de Alencar, datada de 29 de fevereiro de 1868, tratando da poesia de Castro Alves, Machado de Assis tece uma série de referências laudatórias ao autor de *O guarani*. Os três primeiros parágrafos da carta exemplificam bem a *captatio benevolentiae*:

É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Ex.^a, com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é umaagração. A musa do Sr. Castro Alves não poderia ter mais feliz intróito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre.

Mas se isto me entusiasma, outra coisa há que me comove e confunde, é a extrema confiança, que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inútil fora dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Ex.^a, mais do que uma animação generosa.

A tarefa da crítica precisa destes parabéns; é tão árdua de praticar, já pelos estudos que exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra eloqüente de um chefe é muitas

vezes necessária para reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido. (ASSIS, 1986, p. 894-5, grifos nossos).

Ao lado das expressões elogiosas, o autor de *A mão e a luva* se coloca humildemente diante do mestre. A carta de Alencar “vale um diploma”; receber uma recomendação sua é uma “fortuna” imensa; Castro Alves não teria melhor início na carreira literária; Machado se diz entusiasmado, comovido e orgulhoso pela extrema confiança depositada nele pelo autor de *Senhora*. A “palavra eloqüente de um chefe” e “mestre” como Alencar são capazes de “reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido” de um crítico que considera sua “tarefa árdua” e exigente.

Na continuação da carta, Machado comenta sobre o papel da crítica para a reforma no gosto do público leitor, afirmando que se vivia um “tremendo desastre”. Diante desse quadro, portando-se como convém à tradição retórica da *captatio benevolentiae*, o autor de *Dom Casmurro* se vê com “limitadíssimos esforços” e diz que o papel do crítico para combater “esse estado de coisas”, numa referência à ausência da imaginação e do elemento poético na obra literária, estava acima de sua capacidade. Machado, considerando-se incapaz desse papel, mostra que Alencar seria aquele que alcançaria tal êxito, caso não cedesse à produção literária propriamente dita:

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor ilustre, apto para este árduo mister, erudito e profundo, que teria prosseguido no caminho de suas estréias, se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as criações que depois nos deu. Será preciso acrescentar que aludo a V. Ex.^a? (ASSIS, 1986, p. 896).

As considerações laudatórias a José de Alencar estão presentes ao longo de toda a carta. O autor de *Iracema* é um dos poucos que “sabem exprimir sentimentos e idéias na língua que nos legaram os mestres clássicos”. E a missão dada a Machado de apresentar Castro Alves ao público não está tão difícil, pois a palavra do próprio Alencar já teria aberto as portas da publicidade:

Escolhendo-me para Virgílio do jovem Dante que nos vem da pátria de Moema, impõe-me um dever, cuja responsabilidade seria grande se a própria carta de V. Ex.^a não houvesse aberto ao neófito as portas da mais vasta publicidade. A análise pode agora esmerilhar nos escritos do poeta belezas e descuidos. O principal trabalho está feito. (ASSIS, 1986, p. 896).

Cumprir dizer que boa parte dos elogios de Machado a Alencar existe pelo respeito e pela posição deste, mas também acontece em resposta à maneira também elogiosa com que o autor de *Sonhos d'ouro* havia feito o pedido de crítica àquele, em carta que está reproduzida na edição da *Obra completa* de Machado de Assis, organizada por W. M. Jackson (1962).

O desfecho da carta de Machado traz uma espécie de conselho ao estreado e futuro poeta dos escravos: que houvesse perseverança contra a possível conspiração da indiferença. E o último parágrafo volta-se novamente para José de Alencar, reforçando os elogios feitos anteriormente, comprovando a presença dos elementos da *captatio benevolentiae*:

Quanto a V. Ex.^a, respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras-primas com que nos há de vir surpreender cá embaixo. Deve fazê-lo sem temor.

Contra a conspiração da indiferença, tem V. Ex.^a um aliado invencível: é a conspiração da posteridade. (ASSIS, 1986, p. 900).

Proposital ou não, a posição de Machado “cá embaixo” e a de Alencar nos “degraus da Tijuca” reforçam a retórica do discurso machadiano.

Ressalte-se aqui que a epistolografia de Machado de Assis não deve ser tomada como algo homogêneo, apresentando uma espécie de subjetividade única e imutável. A escrita epistolar muda conforme a posição do autor nos quadros da vida literária brasileira e também de acordo com os destinatários e os propósitos dos interlocutores, assim como preconizava a *ars dictaminis*.

Nesse sentido, podem ser citadas novamente as cartas-prefácio endereçadas a Lúcio de Mendonça, Francisco de Castro e Enéias Galvão, poetas estreantes. Nelas, a *captatio benevolentiae* quase não está presente. A posição de Machado de Assis agora é a de um severo crítico, mais experiente que os destinatários que estão a solicitar-lhe um prefácio. O texto é mais exortativo e aponta sem maiores reservas defeitos dos livros. A carta a Alencar, sobre Castro Alves, é relativamente extensa. A carta a Lúcio de Mendonça, ao contrário, é breve, conforme as palavras do próprio autor: “Estou que quer fazer destas linhas o intróito de seu livro. Cumpre-me ser breve para não tomar tempo ao leitor. O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras” (ASSIS, 1986, p. 900). Quando se dirigiu ao autor de *Iracema*, Machado afirmou que a responsabilidade só não era maior porque Alencar já havia iniciado a recomendação do jovem poeta baiano. Muito diferente é o que o crítico Machado de Assis diz para Francisco de Castro: “Pede-me a mais fácil e a mais inútil das tarefas

literárias: apresentar um poeta ao público” (ASSIS, 1986, p. 913). Era o ano de 1878, dez anos após a carta de José de Alencar, quando este já reconhecia, naquela época, Machado como um dos críticos mais respeitados. Agora, então, o tempo, a experiência e o reconhecimento de outros literatos colocavam Machado numa posição mais alta no cenário jornalístico e literário do país, a ponto de ser solicitado a escrever prefácios e introduções.

Como afirmado, a *captatio benevolentiae*, nas mencionadas cartas-prefácio, aparece em menor grau, mas não deixa de estar presente. Como uma espécie de compensação, ao lado das críticas, há também incentivos e certos elogios. Para Lúcio de Mendonça, o crítico diz que o público “reconhecerá o talento do poeta, a brandura do seu verso” e conclui supondo que o livro vai ser “recebido com as simpatias e animações que merece”. Para Francisco de Castro, numa humildade retórica própria da *captatio*, Machado diz que não tem autoridade para escrever um texto de apresentação, chegando a chamar o próprio escrito de “lauda inútil”, pois

um livro é um livro; vale o que efetivamente é. O leitor quer julgá-lo por si mesmo; e, se não acha no escrito que o precede, – ou a autoridade do nome, – ou a perfeição do estilo e a justeza das idéias, – mal se pode furtrar a um tal ou qual sentimento de enfado. (ASSIS, 1986, p. 914).

Para Enéias Galvão, Machado, o crítico-prefaciador, afirma que a obra *Miragens*, mesmo “com as lacunas próprias de um livro de estréia, tem as qualidades correspondentes, aquelas que são, a certo respeito, as melhores de toda a obra de um escritor”; “é um pequeno livro, que não cansa”, “que se pode ler com prazer, e fechar

com louvor”; que “a composição do verso acha da sua parte a atenção que é hoje indispensável na poesia” e, ainda, que a obra “exprime os sentimentos próprios, que estes são bons, que há no poeta um homem, e no homem um coração” (ASSIS, 1986, p. 921).

Para exemplificar o caráter retórico do discurso epistolar, outra carta a Lúcio de Mendonça, desta vez de 2 de abril de 1901, comprova que a posição dos interlocutores é fundamental para definição do discurso da *captatio benevolentiae*:

Meu querido Lúcio. / Logo que recebi a sua carta, fui-me ao Laemmert, onde achei à minha espera o exemplar das *Horas do Bom Tempo*. Já o título trazia a frescura necessária aos meus invernos. Devem ter sido bem bons tempos esses, que V. recordou em páginas lépidas, com vida e vontade. É doce achar na conta da vida passada algumas horas tais que não esquecem, que revivem e fazem reviver os outros. Não há senão um relógio para elas, mas é preciso ser bom relojoeiro para saber dar corda e fazê-las bater de novo como você fez. Ao pé delas, vi os contos, reli muitos, e agradeço as sensações de vária espécie que me deixaram, ou alegres ou melancólicas, ou dramáticas. Uma destas, a do “Hóspede”, é das mais vivas. E das melancólicas não sei se alguma valerá mais que aquela “À Sombra do Rochedo”, que é um livro em cinco páginas; a comparação da manhã e da tarde é deliciosa, e a que forma e dá o título é das mais verdadeiras. E as “Mãos”? e a “Lágrima Perdida”? e o resto? Eis aí boa prosa com emoção e sinceridade. / A Academia agradece o novo livro ao seu fundador e cá o espera para fazermos algumas sessões necessárias. Até breve, até o primeiro almoço da “Panelinha”. / Releve esta letra; nunca foi bonita: a idade a está fazendo execrável. Só o coração se conserva / Amigo velho e admirador / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.057-8, grifos nossos).

O amigo Lúcio de Mendonça não é mais aquele poeta estreante; é o companheiro idealizador e fundador da Academia Brasileira de Letras; é o escritor profícuo, integrante da “Panelinha”, grupo que se reunia para almoço ou jantar uma vez por mês, em que uma panelinha de prata passava às mãos do próximo anfitrião. O Machado de Assis daqui não é o crítico; é o amigo. As duras palavras de outrora cedem espaço à cortesia e, até mesmo, à gratidão pelo que o livro é capaz de provocar no leitor.

Reforçando o *lugar* dos interlocutores e a consequente construção do discurso a partir dele, pode-se observar a carta de Machado de Assis endereçada a Joaquim Nabuco, em 19 de agosto de 1906, a respeito das impressões causadas pelo livro *Pensées détachées et souvenirs*, escrito pelo amigo-embaixador:

Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas páginas de pensamentos e recordações. Vão aparecer justamente quando V. cuida de tarefas práticas de ordem política. Um professor de Douai, referindo-se à influência relativa do pensador e do homem público, perguntava uma vez (assim o conta Dietrich) se haveria progresso em colocar Aristides acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluía pela negativa. Você nos dá juntos o homem público e o pensador. Esta obra, não feita agora mas agora publicada, vem mostrar que em meio dos graves trabalhos que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de artista que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criaram a carreira literária. Erro é dizer como V. diz em umas destas páginas, que “nada há mais cansativo que ler pensamentos”. Só o tédio cansa, meu amigo, e este mal não entrou aqui, onde também não teve acolhida a vulgaridade. Ambos, aliás, são seus naturais inimigos. Também não é acertado crer que, “se alguns espíritos os lêem, é só por distração, e são raros”. Quando fosse verdade, eu seria desses raros. (ASSIS, 1986, p. 939, grifos nossos).

A carta continua, através da *captatio benevolentiae*, com as considerações elogiosas ao livro de Nabuco. Para Machado, a obra apresenta reflexão aguda e profunda; originalidade, graça e simplicidade; bem como encanta com uma forma que é sempre bela. Na data de publicação da epístola – 1906 –, o autor de *Dom Casmurro* já era há algum tempo o reconhecido presidente da Academia Brasileira de Letras; Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil em Washington. Ambos nutriam uma amizade de longa data. Além disso, não se tratava de um livro de estrepante. A cortesia e a amizade entre os interlocutores, assim como a posição social dos dois, eram propícias a esse conjunto de amabilidades, que estará presente em outras cartas trocadas entre eles. Esta carta foi classificada por Mário de Alencar, conforme atesta nota de rodapé nas edições da *Obra Completa* (1986), como sendo uma peça do Machado de Assis crítico.

A epístola endereçada a Rui Barbosa, em 9 de novembro de 1903, é praticamente toda construída em torno dos elementos da *captatio*:

Ex.mo Sr. Senador Rui Barbosa, / Li, com a pausa necessária a tão largo, numeroso e profundo trabalho, a *Réplica* de V. Ex.^a às defesas de relação do Código Civil, da qual agradeço o exemplar que me mandou. Que, mais de uma vez, fique o meu nome entre os que V. Ex.^a escolheu como dignos de citação, é já de si grande honra, mas V. Ex.^a a fez ainda maior com as palavras generosas que lhe acrescentou a meu respeito. Assim que, ambas as razões, a de admiração e a de gratidão, me levam a guardar este livro entre os que mais prezo, para estudo da nossa língua e animação a mim próprio. Queira V. Ex.^a receber a sincera expressão de minhas homenagens, como de quem é de V. Ex.^a Velho adm.^o am.^o e obr.^o / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.064).

Um senador da República enviava um livro ao Presidente da Academia Brasileira de Letras. O senador era nada mais nada menos que um dos maiores nomes da intelectualidade brasileira. O agradecimento não podia ser mais retórico.

Os padrões retóricos da *captatio benevolentiae* se mantêm no mesmo sentido da carta a Rui Barbosa em epístola endereçada ao barão do Rio Branco:

Meu eminente e querido am.º / Deixe que, em meio de seus graves trabalhos, vá ocupá-lo com a minha pessoa. O que me dá confiança, além da sua bondade, é tratar também de pessoa amiga nossa. Nabuco escreveu-me de Pau, dando-me notícia, entre outras, cousas da *Primeira Memória* que vai mandar para o Ministério das Relações Exteriores. Disse ele que lhes pedisse a inscrição do meu nome na lista dos que tenham de receber a *Memória* em português, a qual virá depois da *Memória* em francês, e só duzentos exemplares. É o que faço desde já, confiado em que não serei esquecido. Não é preciso dizer mais nada, senão que o acompanho, como todos os brasileiros, na grande campanha do Acre. E mais (isto agora em segredo diplomático, porque é uma frase confidencial do Nabuco): “Vejo que o nosso homem, além de chanceler, se fez comandante em chefe”. / Queira-me sempre bem, como eu lhe quero, além da grande admiração que lhe tenho, e releve a interrupção do / Velho am.º e adm.or / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.062).

Machado de Assis, já presidente da Academia Brasileira de Letras na ocasião, porém retoricamente humilde, escreve, como se diz popularmente, “pisando em ovos”, para pedir o exemplar de um livro do amigo Joaquim Nabuco.

As cartas particulares de Machado também não dispensaram a *captatio benevolentiae*.

Em carta íntima a Carolina, sua namorada na ocasião, as declarações de amor se revestem também do expediente retórico: “Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dous dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A m.^a tristeza converteu-se em súbita alegria” (ASSIS, 1986, p. 1.029). A amada, em outra passagem, é uma rainha que perdeu a consciência do próprio império e, por isso, se admira em ser obedecida por “Machadinho”. Ainda na mesma carta, ao tratar de amores passados, Machado reforça a atual paixão:

O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo. / Mas nem o primeiro nem o segundo se parecem nada com o terceiro e último capítulo do meu coração. Diz a Stäel que os primeiros amores não são os mais fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar. Assim é comigo; mas, além dessas, há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? (ASSIS, 1986, p. 1.029, grifos nossos).

Na intimidade ou nos negócios, a *captatio* se faz presente. Em carta a Lúcio de Mendonça, datada de 16 de abril de 1873, versando sobre a intermediação de um pedido de emprego como tradutor que lhe era feito, Machado responde que não obteve êxito, mas diz ao correspondente como argumentou com o livreiro Garnier a respeito do assunto: “compreende que eu nada podia fazer, salvo alegar a alta importância para o meu amigo neste negócio, o que fiz logo do

princípio” (grifo nosso). E acrescentou: “Se alguma coisa aparecer por aqui no mesmo sentido, apressar-me-ei a comunicar-lha” (ASSIS, 1986, p. 1.033). Assim, observa-se que, mesmo diante de um insucesso para o companheiro, o autor de *Helena* renova-lhe as esperanças com um prometido empenho de arranjar algo quando surgisse oportunidade.

Para o irmão de Lúcio, Salvador de Mendonça, em outras cartas, Machado de Assis influi novamente na mente do receptor, como preconiza a *ars dictaminis* para a *captatio benevolentiae*:

Recebi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer que te recebi todo em corpo e alma. A alma não mudou; é a mesma que daqui se foi. Mas o corpo! Estás outro, meu Salvador; renasceu-te a vida com a mudança, se é que não contribuíram principalmente para isso os tais lábios, “cujo inglês parece italiano”. (ASSIS, 1986, p. 1.033, grifos nossos).

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria idéia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e contei as doze laudas da tua letra, cerrada e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estavam ao pé de mim, o Quintino Bocaiúva e o João de Almeida. [...] Sê feliz, meu Salvador, porque o mereces pelo coração, pelo talento e pelo caráter. Tua esposa já adivinhou teus dotes; há-de apreciá-los, e reconhecer que, se te dá a felicidade, recebê-la-á do mesmo modo e em igual porção. (...) Miss Mary namorou-se de teus olhos de corça. Quando li isto, reconheci que nunca me enganara a respeito dos tais olhos; tu mesmo não sabes talvez o que eles valem. Agora o que é preciso é que ela não fique todo o tempo embebida neles, e pois que a natureza lhe concedeu talento, deve-nos os frutos dele, que serão ainda mais belos, com a influência do colaborador que a fortuna lhe deparou. Dize-lhe isto, acrescentando que o escreve o mais ífimo dos poetas e o mais entusiasta da glória literária. (ASSIS, 1986, p. 1.033-4).

Nestas passagens, são perceptíveis elogios à aparência e à beleza do amigo, bem como referências ao talento e ao caráter, características que, num dizer retórico, certamente encantaram a amada de Salvador de Mendonça. A carta deste, recebida antes por Machado, também é motivo de lisonja e afetuosa inveja. Acrescente-se, ainda, que não deixa de estar presente o discurso humilde do remetente: quem escreve é “o mais ínfimo dos poetas”.

Certamente, Joaquim Nabuco foi um dos correspondentes que mais recebeu escritos elogiosos de Machado de Assis, bem como os enviou também, formando um grupo de cartas em que se sobrepõe uma troca de gentilezas entre compadres. Em epístola de 29 de maio de 1883, Machado diz ao amigo:

Pela minha parte, creio escusado dizer a afeição que lhe tenho, e a admiração que me inspira. A impressão que V. me faz é a que faria (suponhamos) um grego dos bons tempos da Hélade no espírito desencantado de um budista. Com esta indicação, V. me compreenderá. / Adeus, meu caro Nabuco. Você tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos. (ASSIS, 1986, p. 1.037).

Em outra carta a Nabuco, desta vez de 14 de abril de 1883, o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* mostra o quanto aprecia a escrita inteligente do amigo correspondente:

deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o Jornal do Comércio, como que os meus amigos e pessoas com que converso, a tal respeito, têm a mesma impressão. E olhe que a dificuldade, como V. sabe, é grande porque no geral as questões inglesas (não só as que V. indicou em uma das cartas, e se prendem aos costumes e interesses locais,

mas até as grandes) são pouco familiares neste país; e fazer com que todos as acompanhem com interesse, não era fácil, e foi o que V. alcançou. Sua reflexão política, seu espírito adiantado e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas, dão muito peso a esses escritos. Há um trecho deles, que não sei se chegou a incrustar-se no espírito dos nossos homens públicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da cabeceira deles: é o que se refere à nossa dívida. Palavras de ouro, que oxalá não sejam palavras ao vento. A insinuação relativa à perda de alguma parte da região brasileira abre uma porta para o futuro. / Adeus meu Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu continuo a lembra-me de V., e deixe-me apreciar o seu talento, se não posso também gozar do seu trato pessoal. (ASSIS, 1986, p. 1.037, grifos nossos).

À medida que Nabuco se consolidava no cenário político brasileiro, atuando no exterior, a admiração aumentava, e as palavras afetuosas da *captatio benevolentiae* preenchiam os espaços das cartas machadianas:

Conhecíamos a capacidade e a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este país. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a glória de o haver feito e perfeito, não perdeu nem perde uma linha do que lhe custou e nos enobrecerá a todos. Esta foi a manifestação da imprensa e dos homens, políticos e outros. (ASSIS, 1986, p. 1.068).

Machado de Assis referia-se, acima, à atuação de Nabuco na questão política da divisão da Guiana Inglesa, em 1904, momento em que o futuro embaixador do Brasil nos Estados Unidos atuou no caso. O Brasil se sentiu derrotado com a divisão, mas nem por isso os louvores deixaram de ser manifestados ao advogado brasileiro.

Em outra carta, desta vez datada de 24 de junho de 1905, tem-se novamente outro exemplo da *captatio benevolentiae*:

Deixe-me agradecer-lhe a fotografia e a lembrança. Aquela é soberba, e esta é doce ao meu coração, já agora despojado da vida. Consolam-me ainda memórias de amigo, meu querido Nabuco. Esta aqui fica na minha sala, com as de outros íntimos. / Já aqui lemos a notícia de recepção da embaixada e o discurso do embaixador. Foi o que se devia esperar, na altura do cargo, dos dois países e do orador amado e admirado de nós todos. Cabe-lhe um legítimo papel na história das nossas relações internacionais, e agora especialmente americanas. É um desses casos em que o governo acerta nomeando o nomeado da opinião, sem perder por isso a glória do ato. (ASSIS, 1986, p. 1.073-4).

Na passagem acima, inicialmente, observa-se uma afetuosa demonstração de apreço, quando o autor de *Esaú e Jacó* afirma que vai expor a foto do amigo na sala ao lado dos retratos de seus íntimos. Mais adiante, Machado cumprimenta Nabuco pela recepção e pelo discurso de posse na embaixada brasileira nos Estados Unidos. O governo acertava, na opinião do missivista, em nomear aquele que era unânime na opinião pública, demonstrando, ao contrário do que se poderia supor, a grandeza do ato.

Escrevendo para Sílvio Dinart, o Visconde de Taunay, em 7 de outubro de 1886, a expressão é de gratidão pelas felicitações do interlocutor, por ocasião do banquete oferecido pelo 22º aniversário da publicação do livro *Crisálidas*, a primeira obra de Machado: “Agradeço-lhe de coração as suas palavras, ao mesmo tempo que me desvaneço de as ler tão cálidas e espontâneas”. Machado conclui a carta dizendo que não é “possível tratar de letras brasileiras sem

acudir à memória de todos o autor daquela jóia literária que se chama *Inocência* e de outros livros de valor” (ASSIS, 1986, p. 1.039).

Os elementos da *captatio benevolentiae* encaixaram-se bem por ocasião da controvérsia que existiu entre o crítico literário Sílvio Romero e Machado de Assis. A polêmica se deu em virtude das palavras de Romero ao analisar a obra do autor de *Quincas Borba* no livro cujo título era *Machado de Assis* e o subtítulo, *Estudo comparativo de literatura*, de 1897. Para Magalhães Júnior (1981, v. 4, p. 65-87), tratava-se de uma espécie de vingança do crítico sergipano, que havia recebido restrições de Machado à sua obra poética, dez anos antes, no artigo “A nova geração”. Nesse texto, o bruxo do Cosme Velho questionava se a nova geração de poetas brasileiros fazia, de fato, uma nova poesia. Quando se referiu a Sílvio Romero, o Machado de Assis crítico foi extremamente duro:

Os artigos de crítica parlamentar, dados há meses no *Repórter*, e atribuídos a este escritor [Sílvio Romero], não eram todos justos, nem todos nem sempre variavam no mérito, mas continham algumas observações engenhosas e exatas. Faltava-lhes estilo, que é uma grande lacuna nos escritos do Sr. Sílvio Romero; (...). Os *Cantos do Fim do Século* [livro de Romero] podem ser também documento de aplicação, mas não dão a conhecer um poeta; e para tudo dizer numa só palavra, o Sr. Romero não possui a forma poética (...). Um homem pode ter as mais elevadas idéias, as comoções mais fortes, e realçá-las todas por uma imaginação viva; dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la; um trecho de grande e maviosa poesia, se for poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que se exprimir. Que o Sr. Romero tenha algumas idéias de poeta não lho negará a crítica; mas logo que a expressão não traduz as idéias, tanto importa não as ter absolutamente. Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção e da forma; o

espírito, que formulou a idéia, a seu modo, supõe havê-la transmitido nitidamente ao papel, e daí um equívoco. No livro do Sr. Romero achamos essa luta entre o pensamento que busca romper do cérebro, e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura: o que dá impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional. (ASSIS, 1986, p. 828).

Foi por essas palavras de Machado que Magalhães Júnior chamou de vingança o livro de Romero sobre o autor de *Missa do galo*. Não era para menos. No estudo sobre a obra machadiana, Sílvio Romero retribui com moeda semelhante. Em 1897, afirmou: “Machado de Assis foi uma inteligência morosa, de tardio desenvolvimento: só depois dos trinta e cinco anos em diante é que se viu de posse de todas as suas faculdades em mor vigor; sua instrução, ainda hoje limitada, foi de princípio demasiado parca” (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 67).

Na ocasião, Romero afirmava que o autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* era elogiado com frequência por uma série de “politiqueiros profissionais” e questionava se esses elogios eram, de fato, sinceros ou frutos de capricho ou moda:

Noto apenas uma coisa e peço permissão para consigná-la aqui: é que isto sempre foi assim em relação a Machado de Assis; desde os seus princípios habituaram-no às mesmas festas, ao som da mesma música, quase podia dizer, ao espocar dos mesmos foguetes (...). Daí uma lacuna em sua carreira e uma falha em sua obra: não teve o momento da luta, o aprendizado do combate, nunca se viu contestado, nunca teve de terçar armas; falta-lhe esse elemento dramático em sua vida, essa diferenciação do sofrimento em seu caráter. Daí a placidez, a quietude, quase pudera acrescentar a estagnação de toda a sua obra, já hoje bastante avultada. (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 67).

E não paravam por aí as considerações do crítico sergipano: “Tendo começado os seus primeiros ensaios literários aos vinte anos, em 1859, até os trinta nada produziu que tivesse sério valor. Suas obras até 1869 são de ordem tão inferior que ele mesmo hoje as oculta em sua quase totalidade”. E arrematava: “Importava isto dizer que se, por desgraça, o nosso romancista tivesse falecido aos trinta anos de sua idade, seria hoje na literatura brasileira uma figura apagada, um tipo sem o mínimo relevo” (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 68). Mesmo dizendo em seguida que a obra machadiana depois de 1879 encontrou um lugar de destaque nas letras nacionais, um duro golpe havia sido desferido.

Sílvio Romero disse abertamente que havia um grupo de pessoas que sempre apreciava positivamente os escritos do autor de *A mão e a luva*. De fato, independentemente dos méritos de Machado de Assis, é perceptível que houve apropriação de uma prática extremamente comum no século XIX: a formação de grupos de literatos que, naturalmente, se associavam em torno de propósitos corporativos. Nosso trabalho associa essa ideia à construção de uma roda de compadres capazes de forjar a imagem de Machado de Assis ou de qualquer outro autor no cenário cultural brasileiro. Essa temática será mais bem desenvolvida em tópico posterior.

Ainda sobre a origem do embate entre Machado de Assis e Sílvio Romero, Ubiratan Machado, citando Galante de Sousa, esclarece que os ataques não foram iniciados pelo autor dos *Contos fluminenses*, como sugere o texto de Magalhães Júnior. Vinham, na verdade, desde 1870, quando Romero, no jornal *A Crença*, de Recife, “publicou uma crítica dura e ferina ao escritor carioca, atacando ‘o lirismo subjetivista, o humorismo pretensioso das *Falenas*’” (MACHADO,

2003, p. 19). Assim sendo, o artigo de Machado “A nova geração”, de 1879, era uma resposta à crítica anterior de Romero. Por sua vez, o livro deste, de 1897, era uma resposta ao artigo machadiano. Trata-se de uma curiosa briga de “gato e rato intelectuais”, críticos literários, por meio de artigos, livros e cartas. Já em 1888, o crítico sergipano havia deixado de fora o escritor carioca de sua *História da literatura brasileira*.

Na querela com Romero, é claro que os amigos de Machado de Assis partiram em defesa do romancista. Em carta a Lafaiete Rodrigues Pereira, de 19 de fevereiro de 1898, o presidente da Academia Brasileira de Letras agradece as palavras do destinatário publicadas no *Jornal do Comércio*, que refutavam o livro do Sr. Sílvio Romero:

A espontaneidade da defesa, o calor e a simpatia dão maior realce à benevolência do juízo que V. Ex.^a aí faz a meu respeito. Quanto à honra deste, é muito, no fim da vida, achar em tão elevada palavra como a de V. Ex.^a um amparo valioso e sólido pela cultura literária e pela autoridade intelectual e pessoal. Quando comecei a vida, V. Ex.^a vinha da carreira acadêmica; os meus olhos afeiçoaram-se a acompanhá-lo nesse outro caminho, onde, nem o direito, nem a política, nem a administração, por mais alto que o tenham subido, puderam arrancá-lo ao labor particular das letras em que ainda agora prima pelo conhecimento exato e profundo. (ASSIS, 1986, p. 1.043).

No final da carta, Machado reforça o agradecimento e afirma que está à disposição e é muito admirador do destinatário.

A repercussão do livro de Romero foi comentada por Machado com um dos seus mais constantes correspondentes: Magalhães de Azeredo. Em carta de 7 de dezembro de 1897, afirma:

É um estudo ou ataque, como dizem pessoas que ouço. De notícias publicadas vejo que o autor foi injusto commigo. A affirmação do livro é que nada valho. Dizendo que foi injusto commigo não exprimo conclusão ma.^a, mas a propria affirmação dos outros; eu sou suspeito. O que parece é que me espanca. Emfim, é preciso que quando os amigos fazem um *trumpho* à gente (leia esta palavra em sentido modesto) haja alguém que nos ensine a virtude da humildade. (ASSIS, 1969, p. 130, mantida a grafia original).

Ao assumir a condição de vítima dos ferinos ataques de Romero, Machado constrói um discurso retórico, próprio da *captatio*, em que se põe na humilde condição de receber as críticas, ao mesmo tempo em que abre espaço para a benevolência do destinatário. Tanto é que, apenas 20 dias depois, de Paris, Azeredo responde:

Espanta-me o que me conta sobre o livro de Sylvio Romero. Estando em Montevideo, li num jornal de S. Paulo uma serie de artigos que elle estava publicando com o título *Machado de Assis*; não os pude ler todos, por que recebia irregularmente o jornal; mas a impressão geral que tive foi que, no meio de muitas restricções injustas e de muitas observações paradoxalmente expostas, elle reconhecia o grande valor de sua obra. Naturalmente, irrequieto e incoherente como é, já no espaço de dois annos modificou as suas idéas! Se negar os serviços de investigação, e reconstrução tradicional que Sylvio Romero tem prestado, eu estou convencido de que as *conclusões* d'esse critico serão recusadas pelos vindouros. Sempre lhe faltou a principal virtude do critico – a serenidade, sem a qual não há verdadeira lucidez de espírito. O seu temperamento aggressivo lhe desvaloriza as apreciações. Isto é o que se pode dizer de um modo geral; e quanto ao seu caso particular, que vale a opinião de um homem apaixonado e parcial contra o trabalho fecundo e honesto de 30 annos, as creações de uma originalidade reconhecida, o vigor de um espírito que não envelhece, e que conquistou o apoio das novas gerações como tivera o das antigas? (ASSIS, 1969, p. 134-5, mantida a grafia original).

Em cartas posteriores, os interlocutores voltam a mencionar o livro do crítico sergipano e Azeredo se propõe a refutá-lo a fundo, mesmo reconhecendo a desnecessidade de defesa, visto que a obra de Machado se defende por si mesma, conforme afirmou o amigo em carta de 10 de fevereiro de 1898.

Uma das constantes nas cartas machadianas é certa postura metalinguística, em que o autor faz referências ao próprio escrito, justificando o tamanho da epístola ou a demora em responder ao destinatário⁶. Entendemos que isso também se configura como elemento da *captatio benevolentiae*, pois é uma espécie de demonstração de atenção para com o correspondente, que merece uma carta maior ou uma resposta mais rápida. Observemos alguns exemplos nesse sentido: “Meu caro Salvador. / Escrevo à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de cousas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito” (ASSIS, 1986, p. 1.035). “Meu jovem colega, / Esta carta devia ter-lhe sido escrita e enviada há cinco ou seis dias. São tais porém os meus trabalhos e apoquentações, que espero me desculpe a demora” (ASSIS, 1986, p. 1.036). “Meu caro Nabuco. / Há cerca de um mês que esta carta devera ter seguido, mas o propósito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta à sua, e daí a demora” (ASSIS, 1986, p. 1.036). “Meu caro Nabuco. / Esta carta devia ser escrita há cerca de um mês. Como, porém uma folha desta Corte anunciasse que V. em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperá-lo” (ASSIS, 1986, p. 1.037). “Meu caro Lúcio. / Não lhe respondi logo nos primeiros dias, porque era preciso tratar de um ponto de sua carta, e mais tarde, quando já estava tratado o ponto, meteram-se adiantamentos. Peça-lhe

6 No próximo capítulo, a questão metalinguística será devidamente tratada.

que me desculpe” (ASSIS, 1986, p. 1.038). “Meu caro Salvador. / Aqui está uma carta que vai duas vezes retardada; mas como acerta de levar uma notícia agradável aos teus amigos, como que me desculparás a demora das suas outras partes” (ASSIS, 1986, p. 1.041). “Meu caro J. Veríssimo. / Esta carta é apertada para caber, não no papel, mas no tempo de que posso dispor” (ASSIS, 1986, p. 1.056).

Como já foi dito aqui reiteradas vezes, as cartas de Machado de Assis vão refletir, com a passagem do tempo, a gradativa mudança de posição do autor no cenário jornalístico e literário do país. As epístolas dos anos 1900 a 1908, por exemplo, apresentam uma diminuição significativa dos elementos da *captatio benevolentiae*. Machado, em sua velhice e em sua respeitada posição, pôde se dar ao luxo de escrever cartas mais diretas e menos retóricas. Importavam, naquela ocasião, os problemas da Academia Brasileira de Letras que precisavam ser resolvidos. Importava também a conversação sobre a saúde ou o trabalho. Não havia mais ninguém, regra geral, para convencer ou elogiar nos moldes de outrora. Agora, era ele quem recebia a benevolência dos companheiros, como atesta em carta a Joaquim Nabuco, de 29 de agosto de 1905: “Todos me têm acostumado à benevolência” (ASSIS, 1986, p. 1.075). Na mesma carta, Machado menciona a famosa tela, com seu retrato, pintada por Henrique Bernardelli, que os amigos acadêmicos fizeram a fineza de pôr na sala de sessões da Academia Brasileira de Letras. Ainda hoje, o retrato se encontra na ABL, mais especificamente na Sala Machado de Assis, no Petit Trianon, demonstrando, desde a concepção da homenagem, o lugar do retratado na cultura letrada do país.

A impressão sugerida por boa parte das cartas dos últimos anos – 1904 a 1908 – é a de que restava, às epístolas de Machado, não

mais o papel de veicular críticas literárias, ou introduções a livros, mas tão somente o necessário para os bastidores da Academia, bem como elementos de certo pessoalismo, sobretudo nas correspondências com Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, nas quais o autor de *Quincas Borba* abre o coração para falar de velhice, enfermidades e solidão.

4.1.3 *Narratio* ou o lugar das temáticas

A narração é a parte da carta que corresponde ao que comumente chamamos assunto ou temática. A *ars dictaminis* não a pormenoriza, em função da natureza eclética dos temas. O Anônimo de Bolonha, tratadista do assunto, classifica a *narratio* em simples ou complexa, conforme a existência de uma ou de várias matérias na epístola (in TIN, 2005, p. 99).

As cartas machadianas, em geral, não se restringem a um único assunto, com exceção de alguns bilhetes cuja temática era meramente informativa, mostrando apenas uma espécie de recado, ou das cartas-prefácio que foram escritas com um propósito definido.

A apresentação da diversidade temática nas cartas de Machado de Assis é um dos objetivos do presente trabalho, através de uma catalogação que será discutida posteriormente, no tópico 4.2 deste capítulo.

Antecipamos apenas o levantamento dos temas principais, a fim de demonstrar a riqueza temática das cartas do autor. Em primeiro lugar, estão as referências à *velhice e enfermidades*. Mais de cem cartas mencionam o tema. Machado de Assis, naturalmente e principalmente nas cartas dos anos 1900, faz constantes referências aos incômodos da

idade e menciona recorrentemente doenças enfrentadas. Sobretudo a partir dos 56 anos, Machado torna-se meio paranoico com a velhice e as enfermidades. É apenas nesse sentido que as cartas parecem ganhar em pessoalidade. Muitas vezes, associada à questão da idade e das doenças, Machado refere-se à própria morte, apresentando um tom melancólico em certas passagens das epístolas.

Em segundo lugar, está o que aqui chamamos de *espírito associativo*, notadamente no que diz respeito à Academia Brasileira de Letras (temática, por sinal, muito visível e já apresentada por vários outros autores), mas não restrito a ela, visto que outras agremiações são mencionadas, assim como reuniões e encontros, sobretudo, ao redor dos livreiros.

Machado nitidamente apostou na Academia e nos encontros na *Revista Brasileira* ou na *Livraria Garnier*. As cartas mostram uma espécie de refúgio do autor em suas amizades literárias. Participava do grupo da “Panelinha”, chegou a ser membro do Clube Beethoven e envolveu-se com a Sociedade Petalógica, dados fartamente mencionados pelos biógrafos.

A partir da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, esta constituirá um tema sempre presente nas cartas do escritor. A função de presidente lhe faz apresentar vários encaminhamentos via carta: convocação de reuniões, informes sobre eleições, preocupações com um lugar definitivo para a instituição etc.

Como uma espécie de subtema (mas nem por isso menos relevante), decorrente, de alguma forma, dos primeiros temas aqui indicados (velhice e enfermidades e espírito associativo), tem-se a temática da *solidão*, diretamente relacionada à *morte de Carolina*, mas, de certo modo, também associada ao refúgio em agremiações,

configurando uma espécie de escape para alguém com pouquíssimas relações familiares. Alguns estudos, como, por exemplo, os de Magalhães Júnior (1981, v. 4) e Josué Montello (1961), já identificaram a *carta como remédio*. Machado escrevia e pedia para os destinatários (sobretudo Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo) escreverem, de modo que as epístolas funcionassem como consolo mútuo, com conselhos e até *receitas médicas*.

Não menos frequente é a temática associada às *críticas literárias*: pedidos tanto de Machado quanto de seus interlocutores, bem como agradecimentos por resenhas elogiosas, formulando o que neste trabalho chamamos de *roda de compadres*, forjadores de imagens positivas dos livros que estavam sendo escritos por eles.

Nesse sentido, será muito comum a troca de gentilezas e elogios com seus compadres literatos. É bastante revelador o uso da carta como canal de gratidão e de pedido em relação às críticas literárias feitas sobre os livros do autor. Machado estabelece um canal muito forte com o crítico José Veríssimo, que passa a ser um grande defensor e divulgador do escritor nos jornais. Em alguns casos, o autor de *Esau e Jacó* cobra de seus amigos-críticos comentários sobre seus livros, como acontece em cartas de 1876 a Salvador de Mendonça, a respeito do livro de poemas *Americanas*.

É perceptível nesses pedidos de crítica e nos agradecimentos às críticas já publicadas que Machado de Assis e seus companheiros construíram uma rede de literatos. Não é demais pensar que essas trocas de gentilezas também forjaram, a despeito de seu inquestionável valor, a imagem do grande escritor da prosa brasileira, capaz de superar as considerações opostas de Sílvio Romero, nome respeitado

da crítica brasileira de então. A vasta troca de correspondência com José Veríssimo, outro crítico renomado, acentua essa suposição.

Outro assunto bastante presente é a *sobrecarga de trabalho*, um dos poucos temas que percorre boa parte da vida do autor. As cartas revelam ainda um pouco da rotina de Machado de Assis. Após o dia de trabalho, o escritor costumava ir a encontros no prédio da *Revista Brasileira* ou no da *Livraria Garnier*. José Veríssimo era um dos destinatários mais presentes, e os encontros entre os dois são bastante mencionados ou agendados nas cartas. Em algumas ocasiões, Machado lamenta não encontrar o amigo, no mais das vezes devido à sobrecarga de atribuições na Secretaria onde o autor de *Quincas Borba* trabalhava.

Constata-se um Machado burocrático e, por vezes, resmungão: funcionário de uma repartição pública, assoberbado de trabalho, bem como o homem escolhido para presidir a Academia Brasileira de Letras, com as implicações que esse cargo trazia. A sua faceta de “reclamão” se revela em mais de quarenta cartas, nas quais menciona essa sobrecarga de atividades.

Temas outros aparecem com menor frequência: dificuldades financeiras; teatro; a figura de Machado como intermediário, dada a sua posição de escritor ou de funcionário público; negócios.

Ao lado dos assuntos discutidos, extraímos também algumas práticas discursivas próprias do gênero ou do que chamamos *estilo epistolar machadiano*. Nesse sentido, destacamos a presença dos seguintes aspectos: a postura metalinguística, já antecipada por ocasião da *captatio benevolentiae*; a menção à troca de pertences, como livros (inclusive aqueles que serviriam para análise e comentário do crítico-destinatário), retratos, fragmentos de jornal, periódicos, cartões-

postais ou algum objeto em especial; a referência a leituras e a livros, bem como a inserção de citações, configurando uma intertextualidade; a existência de escritos fáticos, ou seja, que apenas cumprem o papel de estabelecer um contato entre os interlocutores, sem maiores referências temáticas; e a indicação de cumprimentos aos familiares dos destinatários, que vão figurar nas cartas aos interlocutores mais recorrentes do autor. Os temas mais repetidos das cartas machadianas serão discutidos *a posteriori*.

4.1.4 *Petitio*

A petição, como o próprio nome indica, é a parte da carta que consiste em um pedido. Não aparece necessariamente em um lugar específico, mas é comum estar próxima à *conclusio*. Para o Anônimo de Bolonha, um dos tratadistas da *ars dictaminis*, a *petitio* pode ser de nove tipos: suplicatória, didática, cominativa, exortativa, incitativa, admonitória, de conselho autorizado, reprovativa e direta (in TIN, 2005, p. 100).

A *petitio* nas cartas machadianas é, naturalmente, determinada pelas circunstâncias e intenções do remetente, mas também, assim como os outros elementos da *ars dictaminis*, determinada retoricamente pela posição do autor (escritor iniciante, escritor renomado, presidente da Academia Brasileira de Letras etc.) e pelo lugar ocupado pelos seus destinatários no tempo da correspondência. Nesse sentido, em muitas cartas destinadas ao jovem Magalhães de Azeredo, Machado pede para que o amigo responda sempre às correspondências ou que continue a escrever versos e prosa. Muitos pedidos estão na forma de *conselho autorizado* ou de maneira *incitativa*, estimuladora. Afinal, como diz o

próprio Machado a Azeredo, citando Renan, “nada mais verdadeiro e eterno que aconselhar o trabalho à mocidade” (ASSIS, 1969, p. 25).

Quero dar-lhe ainda outro conselho; é o jus dos velhos, – ou dos mais velhos, se me permite esta vangloria. Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas. Hade de sempre haver quem duvide do seu talento; deixe essa tarefa a quem pertence *par droit de naissance*. O seu direito e dever é crer nelle e mostral-o. Não descreia das musas; elas fazem mal ás vezes, são caprichosas, são escuivas, mas entregam-se nas horas de paixão, e nessas horas os minutos valem por dias. (ASSIS, 1969, p. 25, grifos nossos; mantida a grafia original).

Os pedidos acima identificados são conselhos estimulantes para a atividade de escritor do destinatário. Trata-se de palavras incentivadoras, incitativas. No término dessa epístola, o autor acrescenta, continuando um círculo de comunicação próprio das cartas: “mande-me em troco alguns versos, se os houver, e, se não, a sua boa prosa epistolar, que é a própria pessoa”. Aliás, esse foi o pedido mais constante feito a Azeredo: “desejo ver cartas suas (...). Espero-as carinhosas e amigas, como sabem ser” (ASSIS, 1969, p. 42).

Em outra carta a Azeredo, de 2 de abril de 1895, Machado aconselha o amigo, que se queixava de alguma enfermidade e de excesso de trabalho, pedindo para que ele se poupasse, descansasse, pois, sendo jovem, não faltaria tempo para produzir escritos. Em carta de 7 de dezembro de 1897, referindo-se aos textos do amigo, o autor de *Quincas Borba* reitera o constante estímulo: “Continue com elles, e dê-nos um livro de viagens, ou mais, em que a imaginação de poeta, a observação de moço e moderno, com educação litteraria, nos mostre uma vista brasileira das cousas do velho mundo” (ASSIS, 1969, p. 131, mantida a grafia original).

A petição de Machado para Azeredo escrever sobre a Europa, mais especificamente sobre Roma e a Itália, onde o segundo se encontrava, era uma forma de conforto para quem nunca saíra do Brasil e muito pouco do Rio de Janeiro.

Uma das suas cartas (creio que a última) falava de me ver na Europa, e particularmente nessa Roma, que tanto e de tanta coisa fala. Sei que lhe daria prazer com isto, e pode adivinhar qual seria o meu. Entretanto, se não posso inteiramente dizer que não irei lá nunca, pois ninguém sabe onde estará amanhã, é todavia improbilissimo que lá vá. Terei vivido e morrido neste meu recanto, velha cidade carioca, sabendo unicamente de outiva e de leitura o que há por fora e por longe. (ASSIS, 1969, p. 182, mantida a grafia original).

Em carta de 21 de janeiro de 1897, Machado afirma:

Que bom que é ler o apanhado de tantas vistas bellas, como as de arte, de monumentos, de ruínas, e de toda aquella Italia que acaba de deixar! É melhor que ler outras de extranhos. Quando a pessoa que as descreve é um patricio, fala a nossa língua, sente conosco recordações communs, parece que tambem nós vemos pelos olhos delle. (ASSIS, 1969, p. 120-1, mantida a grafia original).

Para o organizador da correspondência entre os dois autores, Carmelo Virgilio, “as cartas de Magalhães de Azeredo deviam constituir para Machado de Assis um escape, pois que o velho mestre leria nessas páginas os anelos da mocidade que lhe era tão cara” (in ASSIS, 1969, p. 12). Em um tom de lamento, Machado repete em várias cartas a mesma temática:

As suas últimas cartas tem um encanto mais, além dos do costume, é o lugar, seja Roma, seja Albano, seja Carpinetto ou outra parte; fala-me sempre de cousas italianas, que me fazem lembrar a bella ode de Musset ao irmão, *en revenant d'Italie*. Somente, eu não sou Musset, nem posso dizer, como elle, que deixei o coração em Veneza. Se em alguma parte está nessa terra, é em toda Ella, que nunca chegarei a ver, meu querido amigo, por que na minha idade ja não é possível deixar a terra em que nasci e vivi para recomeçar uma vida nova. Agora acabou. Creio que nenhum dos meus contemporâneos deixou de ir ver terras alheias e diversas, onde a arte lhe deparasse vistas antigas e recentes, e costumes tão diversos destes. Só eu fiquei pegado à terra natal. (ASSIS, 1969, p. 206, mantida a grafia original).

Se para Magalhães de Azeredo a *petitio* geralmente se relacionava à escrita de cartas ou de textos literários, de forma incentivadora e conselheira, para outros destinatários, conforme as circunstâncias, os pedidos variavam.

Para Francisco Ramos Paz, amigo da juventude de Machado, com quem dividiu moradia, os pedidos estavam associados a necessidades financeiras na época do casamento do autor: “Ajuda-me, Paz; eu não tenho ninguém que o faça. Conselhos, sim; serviços, nada” (ASSIS, 1986, p. 1.031). E em outro bilhete: “Ainda preciso daquilo que te falei. Vê se me arranjas, e deixo ao teu parecer as condições, que conto serão razoáveis, favoráveis para mim” (ASSIS, 1986, p. 1.031).

Para Salvador de Mendonça, um pedido de crítica literária para o livro de poesia *Americanas*, configurando o que mais adiante trataremos sob o título *roda de compadres*: “Remeto-te um exemplar das minhas *Americanas*. Publiquei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. Vê lá o que isso vale; se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões” (ASSIS, 1986, p. 1.033). No mesmo

sentido, em carta a Joaquim Nabuco de 14 de abril de 1883, Machado pede para que o amigo escreva algo sobre o livro *Papéis Avulsos*, que estava sendo enviado junto à carta.

Como já mencionado, são reveladores de uma prática epistolar da época de Machado o pedido e o envio de retratos, revistas, jornais, livros ou qualquer outro pertence, que figurava como um presente para o destinatário. Em uma carta-bilhete a Salvador de Mendonça, a epístola praticamente se reduz à *petitio*: “Meu caro Salvador. / Procurei-te ontem sem ter a fortuna de encontrar-te; mas vai aqui no papel o que eu te queria dizer, e é que, se depois de publicado o discurso do Dumas, não fizeres empenho em conservar o original, o mandes a este / Teu do C. / M. A.” (ASSIS, 1986, p. 1.033). As fotografias eram pedidas não raramente. Os interlocutores mantinham um álbum de retratos, como atesta o próprio Machado em carta a J. C. Rodrigues: “Não me será dado obter igualmente um retrato seu para o meu álbum dos amigos?” (ASSIS, 1986, p. 1.032).

4.1.5 *Conclusio*

O desfecho das cartas também reflete, como a *salutatio*, uma espécie de fórmula que se repete, construída em conformidade com a posição dos interlocutores. No caso de Machado de Assis, um dado que reputamos importante é a presença de *recomendações familiares* para alguns de seus destinatários, revelando um círculo de amizade mais íntimo que envolvia também a esposa Carolina. Para Magalhães de Azeredo, por exemplo, invariavelmente, a *conclusio* era: “Apresente os meus respeitos à sua boa mãe. Minha mulher recomenda-se-lhe, e eu abraço-o de todo coração” (ASSIS, 1969, p. 42); “Meus respeitos a

Mamãe, e um apertado abraço do / Velho am.º e adm.” (ASSIS, 1969, p. 59); “Minha mulher manda-lhe felicitações, e recomenda-se a sua Mãe, como eu também” (ASSIS, 1969, p. 61).

As “qualificações” do final das cartas, acompanhadas obviamente da assinatura do remetente, em geral, revelam o grau de aproximação entre os interlocutores. Em carta a Quintino Bocaiúva, a *conclusio* foi “Teu amigo e colega / Machado de Assis”. Para a amada Carolina: “Escreve-me e crê no coração do teu / Machadinho”. Para o amigo Francisco Ramos Paz, em geral, o desfecho era mais direto, apenas com o pronome “Teu”, acompanhado da assinatura. Para Salvador de Mendonça, muitas vezes, uma das expressões mais carinhosas: “Teu do Coração”. A expressão mais recorrente foi “Velho amigo e admirador” ou apenas “Velho amigo”, presentes em cartas para quase todos os destinatários.

Naturalmente, a *conclusio* não se restringe às expressões finais de cortesia, mas abrange todo o desfecho da carta, quando são mencionados abraços, recomendações, conselhos, expressões de saudade e, algumas vezes, o arremate da temática discutida no corpo da epístola.

4.2 Catalogação temática das cartas de Machado de Assis

4.2.1 As possíveis razões da discrição machadiana; ausências e implícitos

As cartas de Machado de Assis revelam uma diversidade temática muito grande, mas nem por isso deixam de apresentar alguns temas recorrentes, que chegam a caracterizar uma espécie de estilo epistolar do autor. Os críticos e historiadores da literatura brasileira dizem, num sentido muito particular, a exemplo de Agrippino Grieco (1959, p. 134), que as cartas machadianas não revelam praticamente nada de extraordinário no que diz respeito à referência a extravagâncias, boemia, casos pitorescos, romances proibidos ou algo do tipo.

Agrippino Grieco (1969, p. 133) é bastante duro nas considerações que faz sobre a correspondência de Machado de Assis, chegando a adjetivá-la de insignificante, não confidencial e de estilo paupérrimo. A justificativa para tamanha “fúria” é dada pelo próprio Grieco ao referir-se, por exemplo, às cartas de Madame de Sevigné. Nestas há “aquelas deliciosas reportagens mexeriqueiras” (GRIECO, 1969, p. 133). Percebe-se, com isso, que o crítico só admitiria significância nas cartas de Machado se elas contivessem confidências, por assim dizer, sensacionalistas. O problema de uma caracterização como essa é o anacronismo das afirmações, com a consequente desconsideração do contexto de produção de uma carta no século XIX, bem como o desconhecimento das regras instituídas para a escrita de

epístolas, tanto formuladas pela *ars dictaminis* quanto presentes nas teorizações humanísticas.

Maria Cristina Cardoso Ribas (2008), no mais recente estudo sobre a correspondência machadiana, lança um olhar mais verossímil sobre a produção epistolar, afirmando categoricamente que

o mérito das cartas de Machado de Assis passa a existir exatamente quando deixam de ser mera caixa de ressonância das expectativas do intérprete e são valorizadas pelo que reiteram, pelo que (não) dizem, pela presença das elipses, pela linguagem – dolorosa – do corpo, pela reprodução do senso comum traduzido como *singular ocorrência*. (RIBAS, 2008, 30-31, grifo da autora).

O estudo de Ribas, baseando-se na tese de Roland Barthes sobre a “morte do autor”, defende que Machado de Assis criou um narrador epistolar, ou vários deles, dando relevância à escrita em si e por ela mesma, configurando o chamado “nascimento da escritura”. Nesse sentido, buscar segredos na correspondência do autor é incorrer em certa ingenuidade infantil (RIBAS, 2008, p. 39). Segundo a autora, as cartas tratam daquilo que já era de domínio público e, apesar do *déjà vu*, ganham relevância justamente devido à posição alcançada por Machado na sociedade carioca do século XIX.

As cartas machadianas acentuam a imagem de homem das letras e a figura de alguém bastante discreto. Uma das razões para essa discrição pode ser a preocupação em não se expor, nitidamente expressa no conteúdo e na prática cultural da época. Machado de Assis sabia muito bem que a carta, por particular que fosse, era alvo certo ou

quase certo de publicação. A carta a José Veríssimo, datada de 21 de abril de 1908⁷, menciona, de alguma forma, essa prática:

Meu caro J. Veríssimo. / Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação póstuma. / Nesse trabalho desconfie da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guiado, — e mal guiado, — daquela afeição que nos uniu sem arrependimento nem arrefecimento. O tempo decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. E para mim bastará a simpatia que o seu desejo exprime. / Receba ainda agora um abraço apertado do velho admirador e amigo. / M. DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.088).

Há, nas próprias palavras de Machado, uma expressão retórica: um jogo de suposta humildade, ao admitir que não há nada interessante nas cartas e que é melhor deixar a correspondência esquecida e calada; mas, por outro lado, se o amigo-crítico encontrar algo que mereça publicação, a autorização estava concedida.

À época em que escreveu a referida carta a José Veríssimo, no último ano de vida, em 1908, algumas cartas de Machado já haviam sido publicadas em periódicos, como atestam aquelas que estão presentes na seção de Crítica e na Miscelânea da *Obra completa* (1986), tantas vezes aqui mencionadas.

7 Apesar de já transcrita anteriormente em outro momento deste trabalho, entendemos que há necessidade de nova transcrição da epístola, em razão da discussão sobre a prática de escrita de cartas no século XIX.

A carta a Lúcio de Mendonça, por exemplo, que se tornou prefácio do livro *Névoas matutinas*, apresenta um teor íntimo e crítico, como bem observa Socorro Barbosa (2007a, p. 60), mas acabou sendo publicada na abertura da obra do poeta mesmo assim.

Em carta a Joaquim Nabuco, Machado chega a mencionar a “carta-crítica” escrita sobre o livro do amigo, que poderia muito bem ter sido publicada em um periódico:

Esta carta é breve, o bastante para lhe dizer que todos nós lembramos de V., notícia ociosa. O Veríssimo escreveu, a propósito do seu livro das *Pensées Détachées*, os dois excelentes artigos que V. terá visto no *Jornal do Comércio*, para onde voltou brilhantemente com a *Revista literária*. Fez-lhe a devida justiça que nós todos assinamos de coração. A minha carta, aquela que tive a fortuna de escrever antes de ninguém, era melhor que lá tivesse também saído. (ASSIS, 1986, p. 1.078).

Além da possibilidade de publicação das cartas, acrescentem-se, ainda, que elas poderiam ser lidas não só pelo destinatário. Este podia ser portador de notícias a outros, bem como se admitia a leitura da missiva em voz alta. Observe-se o seguinte fragmento de carta endereçada a Salvador de Mendonça, datada de 15 de abril de 1876:

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria idéia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e contei as doze laudas da tua letra, cerrada e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estavam ao pé de mim, o Quintino Bocaiúva e o João de Almeida. Mas logo que comecei a lê-la, senti uma doce desilusão: só o amor é tão eloqüente, só ele podia inspirar tanta coisa ao mais sério dos rapazes e ao mais jovial dos cônsules.

/ Reli a carta, não só porque eram letras tuas, mas também porque dificilmente podia ver melhor retrato de uma jovem americana. Tudo ali é característico e original. (...) Agradeço-te a confiança; mas devo dizer que ia caindo em rasgar o capote. Foi o caso; estava no Globo, lendo o que me dizias acerca de “um livro sobre coolies e um romance”, repeti estas palavras ao Quintino, João Almeida e Taunay. Admiramo-nos todos do teu gênio laborioso, e eu continuei a ler a carta para mim. Quando vi de que romance me falavas, limitei-me a dizer que efetivamente escrevias um romance, mas que não convinha anunciá-lo por ora. Meu receio era que o Quintino noticiasse gravemente no dia seguinte que as letras pátrias iam receber um novo mimo, etc. Imagina o efeito que te produziria semelhante notícia no Globo. De maneira que, por ora, só eu sei do caso, e não o revelarei antes de revelado por cartas ou jornais. (...) (ASSIS, 1986, p. 1.033-4).

Como se observa, a leitura de cartas poderia ser pública, com alguns trechos em segredo e outros dados à publicação em jornais e periódicos.

Em outra carta endereçada a José Veríssimo, datada de 18 de novembro de 1898, Machado, referindo-se ao próprio escrito, diz: “Esta carta, além do que lhe é pessoal, vale por uma circular aos amigos da *Revista*” (ASSIS, 1986, p. 1.043), admitindo, assim, por que não, a leitura de sua carta particular pelos outros amigos, de modo que não se configurava necessariamente como um escrito pessoal, mas como uma “carta circular”.

Na epístola a Joaquim Nabuco, de 7 de dezembro de 1900, Machado menciona uma carta para Graça Aranha dizendo que parte de seu conteúdo era para ambos e também para outros: “Na carta ao Graça Aranha digo alguma coisa a tal respeito. Parte dela é para ambos, e para o Oliveira Lima, nosso confrade na Academia, e diria também

para o Eduardo Prado, se não houvesse lido algures que ele embarcou para cá” (ASSIS, 1986, p. 1.054).

Como havia a possibilidade de publicação ou de uma espécie de leitura compartilhada, a discrição era um requisito da epistolografia machadiana. Em carta ao amigo Mário de Alencar, datada de 10 de fevereiro de 1904, o presidente da Academia instrui o destinatário: “Ponha-lhe a nota de *reserva*, se for precisa” (ASSIS, 1986, p. 1.066), referindo-se à resposta que esperava receber por carta sobre um lugar destinado à Academia Brasileira de Letras, que estava sendo articulado com o Ministro do Interior.

O possível extravio das cartas também era uma preocupação da época. Em carta a Salvador de Mendonça, de 8 de outubro de 1877, Machado afirma: “No primeiro pacote escreverei outra, para remediar o extravio desta, se houver” (ASSIS, 1986, p. 1.035). Em carta a Lúcio de Mendonça, de 3 de março de 1905, há a indicação da facilidade de extravio que havia naquele tempo, exposta pelo próprio diretor dos Correios:

Meu querido am. e confrade / Compreendo o tédio que lhe deu o desvio ou perda da carta de 12 ou 13 do mês passado. Ontem de manhã fui ter com o Diretor dos Correios para lhe contar o caso e pedir providências. Respondeu-me que ia telegrafar imediatamente ao agente de Teresópolis, e ao mesmo tempo ordenar aos empregados da Repartição que receberam as malas examinassem esta falta. Ouviria também o carteiro incumbido da correspondência oficial visto que a sua carta trazia o endereço para a Secretaria. Na mesma ocasião expôs longamente a facilidade que há em desvios de cartas apesar do cuidado. (ASSIS, 1986, p. 1.073).

Em outra carta a Mário de Alencar, desta vez de 11 de abril de 1907, Machado questiona sobre uma epístola ao amigo em comum que eles tinham, Magalhães de Azeredo: “Não terá havido extravio das duas cartas que lhe escreveu agora?” (ASSIS, 1986, p. 1.081).

A discrição de Machado de Assis se acentua com o fato destacado pelos seus biógrafos de que ele autorizou, ou melhor, ordenou a destruição de suas cartas pessoais destinadas a Carolina, sua esposa:

Essas cartas, que Machado guardou ciosamente até morrer, em móvel fechado, colocado ao pé de sua cama, junto com outras relíquias do seu amor – pedaços do véu de noiva, a grinalda, os sapatinhos de cetim com que se casou D. Carolina, as jóias que usava habitualmente – foram, a pedido seu, queimadas por ocasião de sua morte. (PEREIRA, 1988, p. 112).

Em nota de rodapé, Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 112-3) informa que a vontade de Machado de Assis foi atendida pelas senhoritas Pinto da Costa, que, na véspera da morte do autor e por recomendação deste, levaram o referido móvel para casa, a fim de que o desejo do escritor fosse cumprido.

Restaram apenas duas cartas endereçadas a Carolina⁸. Uma delas, inclusive, incompleta. Certamente, escaparam do controle do autor. São escritos do período anterior ao casamento de Machado, de uma mesma data, que foram preservados pela família de Carolina e tornaram-se públicos na Exposição Machado de Assis, de 1939, por ocasião do centenário de nascimento do autor.

8 Neste trabalho, considera-se o epistolário de Machado de Assis organizado por Afrânio Coutinho. Até então não se tem notícia de outras cartas destinadas à amada.

A vida pessoal do autor de *Dom Casmurro* permanece escondida. Como se está vendo, as cartas particulares que restaram e foram publicadas não comprometem o escritor. Restaram, na verdade, aquelas que podiam ser publicadas. A figura de Carolina certamente foi um dos temas mais preservados. Em carta a Mário de Alencar, de 8 de fevereiro de 1908, último ano de vida de Machado de Assis, este recomenda silêncio e discrição ao amigo, que descobrira o modelo da personagem D. Carmo, de *Memorial de Aires*, ou seja, a própria Carolina: “Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dois” (ASSIS, 1986, p. 1.086). Retórica ou não, o certo é que há uma intenção de reserva e discrição.

A consciência das possibilidades de publicação, de leituras compartilhadas e de extravio das cartas produziu um *eu-missivista*, alimentando ainda mais a imagem que se fez de Machado de Assis pelos biógrafos e historiadores da literatura como alguém extremamente reservado. As cartas, objetos de construção retórica, só auxiliam na consolidação dessa imagem e oferecem razões para tanto.

A discrição machadiana, como consequência do que foi há pouco mencionado, é provavelmente responsável também pela ausência de alguns temas no conjunto de cartas do autor. Entretanto, as supostas ausências temáticas devem ser estudadas de maneira a desconstruir possíveis preconceitos contra a correspondência pessoal do escritor de *Esau e Jacó*. São relevantes as considerações de Maria Cristina Cardoso Ribas a esse respeito:

Machado, na correspondência, não desfere golpes demolidores na estrutura social em que se insere. Sua *performance* epistolar não inclui contar singularidades, fazer confidências, a não ser as esperadas acerca de

sua doença, relatar fatos que comprometeriam seus amigos ou conhecidos, tampouco polemizar sobre o Império, Canudos, escravidão, abolicionismo, questão militar, República. Diante dessa formatação da correspondência, mesmo assim é mais útil, para o intérprete, ler o texto pelo viés das negativas sem, de imediato, traduzi-las meramente com o rótulo de omissão, indiferença, comprometimento pessoal com alguma das partes envolvidas ou absentéismo político – estigma alimentado mais pelo preconceito do que pelo conhecimento efetivo desses textos. (RIBAS, 2008, p. 42).

Nas cartas, Machado praticamente não tratou sobre política, nem apresentou opiniões partidárias. Há uma troca significativa de cartas com Joaquim Nabuco: 32 cartas particulares foram escritas por Machado ao amigo, configurando Nabuco como o terceiro maior destinatário de Machado de Assis, atrás apenas de Magalhães de Azeredo, com 52 cartas, e José Veríssimo, que recebeu 49. Nabuco era político, embaixador, figura pública com vários cargos ao redor do mundo. Mas os escritos não mencionaram a política, pelo contrário, tematizaram, sobretudo, a Academia Brasileira de Letras e suas particularidades, como resultado das eleições, votos, candidaturas às cadeiras da instituição etc. Ressalte-se, ainda, que a correspondência entre os dois foi a primeira obra a ser publicada contendo cartas do autor de *Quincas Borba*, em 1923.

Nas cartas a Magalhães de Azeredo, que se correspondia, invariavelmente, estando no exterior, há uma espécie de sequência no texto machadiano, configurando uma recorrência temática. Machado, metalinguisticamente, se desculpava pelo atraso na correspondência; tratava dos escritos de Azeredo, incentivando-o a continuar; informava sobre as novidades nacionais, quando havia, e sobre as publicações

ou os acontecimentos que envolviam a Academia. Ao se referir à política, há quase sempre um dito relativamente vago e, como se diz popularmente, a saída pela tangente:

Daqui não tenho nada que lhe dizer que não saiba pelos jornais. Diz-se que o seu ministro pediu demissão, e citam-se nomes de substitutos, entre elles o do Henrique Cavalcante, que é um bom rapaz; rapaz, entenda-se do meu tempo. Entretanto, por ora, não ha nada. Esperam-se as camaras, cuja sessão uns crêem que seja violenta, outros que não, e eu vou mais para estes, não acreditando em violencias annunciadas. Dahi pode ser que me engane. Não é difficil, em matéria que excede minha competência e o meu gosto; mormente na minha idade, quem viveu de letras, hade morrer com ellas. (ASSIS, 1969, p. 42, grifos nossos; mantida a grafia original).

Em outra carta a Azeredo, de 17 de novembro de 1896, há semelhante postura no dizer: “Nada ha que dizer daqui, a não ser o que ja sabe, que é a molestia do Dr. Prudente de Moraes e a substituição do governo. Estamos nos primeiros dias do Dr. Manoel Victorino, que tem agradado bastante” (ASSIS, 1969, p. 95, mantida a grafia original). Mais emblemáticas são as palavras de 19 de março de 1900: “Por aqui nada ha que mereça ser contado, salvo um caso de conspiração ou tentativa, mas as nossas cartas não tratam de política” (ASSIS, 1969, p. 196, mantida a grafia original). Machado não se posiciona comentando ou partidizando um assunto político. Limita-se a informar o que já é sabido pelos jornais.

Outra temática ausente é a condição de mulato de Machado de Assis. Ela não é referida uma única vez no epistolário. Jean-Michel Massa, um dos mais fecundos biógrafos do autor, ao tratar sobre a “cor” de Machado, afirma que ele “não ignorava que se achava na

confluência de duas raças. Mas no Brasil, mais do que em qualquer outra parte, a condição e o gênero de vida definem a participação efetiva a um grupo social” (MASSA, 1971, p. 49).

Massa acrescenta, ainda, que Machado sofreu uma espécie de “branqueamento, que se acentuou ao longo dos anos” como “consequência de seu progresso social”. E sobre essa “discussão” (se Machado era branco, preto, mulato ou mestiço), o biógrafo cita significativa carta de Joaquim Nabuco a José Veríssimo, por ocasião do artigo necrológico escrito por este, algumas semanas após a morte do presidente da Academia:

Seu artigo está belíssimo, mas esta frase causou-me um arrepio: *Mulato, foi de fato um grego da melhor época*. Eu não o teria chamado mulato e penso que nada lhe doeria mais do que essa síntese. Rogo-lhe que tire isso, quando reduzir os artigos a páginas permanentes. A palavra não é literária e é pejorativa. O Machado para mim era branco, e creio que por tal se tomava: quando houvesse sangue estranho, isto em nada afetava a sua perfeita caracterização caucásica. Eu pelo menos só vi nele o grego. (NABUCO apud MASSA, 1971, p. 46).

O objetivo aqui não é discutir se Machado de Assis era, de fato, mulato ou não, e, sendo, se ele se achava branco ou não. Importa a constatação de que, em suas cartas, não há menção a sua raça. A impressão que os escritos epistolares sugerem é que o autor de *Esau e Jacó* não queria referências pessoais nesses textos. Nesse sentido, também não se vê alusões à família ou à infância pobre.

O mal da epilepsia foi vagamente mencionado em uma carta a Mário de Alencar, que parecia sofrer da mesma doença. Aspectos pessoais são rarissimamente indicados: nas cartas de antes ou de logo após o casamento, são mencionadas dificuldades financeiras. A

exceção se dá com a morte de Carolina, quando o pesar de Machado fica evidenciado. Referências familiares aos pais, à madrasta ou a algum ente querido inexistem, a não ser a uma sobrinha de Carolina – Sara e, mesmo assim, em situações pontuais. Enfim, o bruxo do Cosme Velho não revela as suas intimidades, que, até por isso, parecem ser poucas. Ele revela, sim, no dizer de Maria Cristina Cardoso Ribas (2008), um narrador missivista, criado pelo autor, e não uma reverberação de sua biografia.

4.2.2 *Os achaques da velhice e o trem derradeiro*⁹

Segundo o levantamento desta pesquisa, considerando o Epistolário da *Obra Completa* (1986), organizada por Afrânio Coutinho, e a *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo* (1969), organizada por Carmelo Virgillo, a temática que mais aparece nas cartas de Machado é a da *velhice e enfermidades*. São mais de cem cartas (109, conforme nosso levantamento) que fazem menção à idade avançada ou a enfermidades, temas tratados separadamente ou em conjunto. O segundo tema mais recorrente (e que será tratado mais adiante) é o que aqui chamamos de *espírito associativo*, constando, nas duas obras mencionadas, 106 cartas que abordam essa temática. Como há muitas outras cartas dispersas nas biografias do autor, é possível que as referências à Academia Brasileira de Letras e a outras agremiações ultrapassem em quantidade o tema da *velhice e enfermidades*. De qualquer forma, os dois assuntos figuram inquestionavelmente como os mais recorrentes no gênero epistolar de Machado de Assis.

9 Essas expressões foram retiradas da própria epistolografia do autor para se referir aos incômodos da velhice e à morte, respectivamente.

Quando se fala aqui no tema *velhice e enfermidades*, não se quer dizer que as 109 cartas tematizam essencialmente o assunto em tela. Dificilmente uma epístola se restringe a uma única matéria. Consideram-se aqui as referências à velhice e às doenças, as reclamações de cansaço em decorrência da idade, a presença da figura de um senhor conselheiro, experiente e maduro e, ainda, as menções à morte ou à sua iminência.

É importante ainda ressaltar que, ao se falar na temática da velhice neste trabalho, não se delimita uma cronologia a partir de 60 ou 70 anos, por exemplo. Em primeiro lugar, porque a expectativa de vida na época de Machado de Assis certamente não era a mesma de hoje. Depois, porque as cartas mostram um *eu-missivista* que já se considera velho a partir da casa dos 50 anos. Importa, portanto, uma *persona epistolar* que se autodenomina velho, cansado, doente, impossibilitado de certas ações.

Em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 14 de janeiro de 1894, quando estava perto de completar 55 anos de idade, Machado começa a inserir em seu discurso epistolar a figura de alguém que vai entrando pela idade madura, capaz de aconselhar o jovem interlocutor:

Vejo tudo o que me diz dos seus trabalhos e dos seus ocios. Compreendo que se divida entre uns e outros; mas, desculpe a rabugem, não permita que estes vençam aqueles. Conselho banal, mas o Renan diz que as verdades banaes são as eternas, e nada mais verdadeiro e eterno que aconselhar o trabalho à mocidade. (...) Quero dar ainda outro conselho; é o jus dos velhos, – ou dos mais velhos, se me permite esta vangloria. Não duvide de si. (ASSIS, 1969, p. 24-5, grifos nossos; mantida a grafia original).

Na mesma epístola, ao falar sobre a improbabilidade de viajar para a Europa, o autor acrescenta:

Aqui fui nado e criado, aqui vou entrando pela idade madura. Tenho sahido algumas vezes; ja fui, raro e de corrida, a essa propria Minas, – o bastante para bemdizel-a. Mas a verdade é que supponho morrer aqui; e ainda que a Fortuna (o que não espero) me levasse a transpor algum dia o oceano, quaesquer que fossem as grandes novidades peregrinas, teria saudades da minha Carioca. (ASSIS, 1969, p. 25, grifos nossos; mantida a grafia original).

Surge da carta um *eu-missivista* resignado e, até certo ponto, sem maiores ambições, descartando a hipótese de sair do Rio de Janeiro, entre outras razões, devido à idade avançada. Aliás, ressalte-se que, em várias cartas endereçadas a Magalhães de Azeredo, há uma retomada do assunto:

Cá o invejo de longe. Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos annos, e por outras razões não menos melancolicas, creio que irei deste mundo sem ver essa outra parte delle, que attrahiu os jovens do meu tempo e continua a attrahir os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a immortalidade de Shylock e de Julieta e Romeu. (ASSIS, 1969, p. 109, grifo nosso; mantida a grafia original).

A sua carta de Veneza deu-me ainda uma vez rebate à imaginação, não só pelo que me diz da impressão que recebeu ao lá chegar na vespera, mas principalmente pelo que me conta de Florença e das suas obras-primas.

Eu, meu caro poeta, não leio nunca nada disso que não sinta das grandes lacunas da minha vida. O destino, – outros dirão as circunstancias, mas eu não demoro em nomes, – esse quer que é que nos leva atravez dos tempos fez-me nesta idade alheio e remoto de tantas cousas bellas, e, o que

é mais, sem a esperança de as ver jamais. (ASSIS, 1969, p. 111, grifo nosso; mantida a grafia original).

A indicação da impossibilidade de uma viagem para fora do país está presente não apenas em epístolas enviadas a Azeredo, mas também em carta para Nabuco, de 28 de junho de 1904: “Quisera dizer-lhe de viva voz estas palavras, mas creio que não voltará cá por ora, seguindo daí para Londres, e pela minha parte não irei lá. Já não é tempo para os meus anos compridos, natural fadiga, além de outras razões que impedem este passo, que considero de gigante” (ASSIS, 1986, p. 1.068, grifo nosso). Machado confessa, ainda, a Azeredo, falando de Roma: “para quem não hade ver nunca a cidade, dá grande melancholia” (ASSIS, 1969, p. 95, mantida a grafia original).

Um fato que foi considerado um duro golpe em Machado de Assis, acontecido na “velhice” – 58 anos –, foi ter se tornado adido, ou seja, ter sido colocado em disponibilidade, no início de 1898, na repartição onde trabalhava. Isso significava que assumia a condição de funcionário auxiliar, trabalhando apenas se fosse requisitado para alguma tarefa específica.

Magalhães Júnior transcreveu a passagem do *Diário Oficial*, de 3 de janeiro de 1898, que determinava a nova condição laboral do autor:

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.
/ Considerando que, nos termos do regulamento aprovado pelo decreto nº 2.766, de 27 de dezembro próximo findo, foram reunidas em uma só as Diretorias-Gerais de Viação e de Obras Públicas; / Considerando que o citado decreto converteu a nova Diretoria-Geral em repartição técnica, devendo a sua direção passar a ser exercida por um profissional; / Considerando que por essa razão não podem ser nela aproveitados os serviços do atual diretor-

geral Joaquim Maria Machado de Assis; / Considerando, porém, que esse funcionário tem mais de 10 anos de serviços públicos, com direito à aposentadoria; / Resolve, nos termos do artigo 19 da Lei nº 490, de 16 de dezembro de 1897, adi-lo à referida Secretaria de Estado, percebendo os vencimentos que lhe competirem. Capital Federal, 1º de janeiro de 1898. – Prudente J. de Moraes Barros – Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 47).

Segundo o biógrafo citado, a criação desse decreto era uma forma de deixar menos embaraçado o ato do governo, visto que Machado de Assis, nesse tempo, já era um homem respeitado no mundo intelectual, além de presidente da Academia Brasileira de Letras. O fato é que a situação magoara o novo adido. Para quem trabalhou a vida toda, o afastamento das funções era uma espécie de declaração de invalidez, quando podia ainda trabalhar.

Artur Azevedo, seu colega de repartição, escreveu a respeito desse episódio: “Todos sabem que no funcionalismo público o ficar adido é o ideal do vadio e o desespero dos laboriosos. Machado de Assis sempre foi um grande trabalhador, e não merecia, escusado é dizê-lo, a desconsideração com que o trataram, sofreu um desgosto sério com essa espécie de aposentação, com todos os vencimentos, mas com esse diploma de inútil”. Acrescentou que o ministro passara um pouco de mel pelos beijos de Machado, sob a forma de um aviso em que lhe dizia “coisas muito amáveis em estilo oficial, esperando que ele, embora afastado do serviço, continuasse a esclarecer o Ministério com as luzes da sua profunda inteligência e do seu enorme talento, honra e glória das letras nacionais”. Declarou ainda Artur Azevedo que ouvira, de Machado, o seguinte comentário:

– Fazem-me um enterro de primeira classe...
(MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 48).

Apesar de a justificativa do afastamento ter sido por questões técnicas e legais, alguns biógrafos, como Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 217), comentam que a razão poderia ser uma suposta incompatibilidade com o ministro Sebastião de Lacerda. O fato é que, ao comentar o caso, Machado menciona a idade como uma suspeita para o acontecimento.

Isso está em epístola destinada a Magalhães de Azeredo. Este havia confessado, em cartas a Machado de Assis, toda a tristeza por ter sido afastado das funções na Legação Brasileira em Roma, mas, passado algum tempo, acabou sendo reintegrado. Em 10 de janeiro de 1898 era a vez do autor de *Quincas Borba* confessar-lhe situação semelhante. Quando felicitava o amigo pela reintegração, Machado informava o próprio afastamento da Secretaria onde trabalhava:

A justiça vem aos moços. Os velhos, como eu, attrahem menos essa esquivia. Ao contrario (se me releva dizer aqui em reserva uma cousa publica e officialmente impressa) na ultima reforma da Secretaria de Viação fui declarado addido. A razão é que o regulamento novo exige para o meu logar um profissional, mas justam,^{te} o beneficio seria não exigir um profissional, e continuar como durante o tempo em que exerci o cargo effectivamente (cinco annos) e antes de mim outros que não eram profissionaes. Mas, emfim, o feito está feito, e o ministro ornou-me de rosas a saída, por meio de um decreto especial e fundamentado. A minha posição agora é a que pode crer; segundo o ministro, farei os trabalhos que elle me der, mas é preciso que os haja; sem isso, terei os proventos do cargo sem os onus. Os meus amigos tem sentido o caso, e m.^{tos} dos antigos colegas tambem. Sei que sentirá, mas fica tudo entre nós... Sobre este ponto, adeus. (ASSIS, 1969, p. 136, grifos nossos; mantida a grafia original).

Machado não sabia, por outro lado, que a condição de inatividade no serviço público seria relativamente rápida. “Em 16 de novembro de 1898, Severino Viera, que substituíra Sebastião de Lacerda na pasta da Viação, o nomeou seu secretário. Neste posto serviu também com Epitácio Pessoa, ministro interino, e com Alfredo Maia” (PEREIRA, 1988, p. 217). Além disso, havia as atividades de escritor, jornalista e presidente da Academia Brasileira de Letras. Ao lado do passageiro aborrecimento, as cartas revelam uma sobrecarga de trabalho de Machado de Assis, outra temática recorrente e apresentada mais adiante.

A passagem de um século para outro certamente tem um significado histórico ou, no mínimo, simbólico. Já em 1895, Machado pensava sobre a hipótese de chegar ou não no século XX. Comentando com o amigo Magalhães de Azeredo a respeito de um livro que estava escrevendo e sobre sua publicação, disse:

O que estou escrevendo imagine que ainda não está acabado, e que terá de ser impresso depois. Se levar a demora deste é negocio para saudar o proximo século; mas pode ser que não. Quando digo saudar o proximo século, não é que conte lá chegar, mas pode ser que sim. Em todo caso, não me demorarei muito por este mundo. (ASSIS, 1969, p. 59, grifo nosso; mantida a grafia original).

Para o mesmo destinatário, em 4 de maio de 1896, o autor de *A mão e a luva* fala na própria “despedida deste mundo” que os “separarão de todo” (ASSIS, 1969, p. 85). E voltando à incerteza da passagem do século, reafirma ao colega 33 anos mais jovem: “Escreva sempre; vai entrar em um seculo novo, que pedirá contas deste; eu, se

la entrar, será para fazer as minhas despedidas, mas é possível que não entre” (ASSIS, 1969, p. 96, grifo nosso; mantida a grafia original).

Para Salvador de Mendonça, em 9 de fevereiro de 1897, há a seguinte afirmação: “Os anos, meu caro Salvador, vão caindo sobre mim, que lhes resisto ainda um pouco, mas o meu organismo terá de vergar totalmente; e as letras, também elas me cansarão um dia, ou se cansarão de mim, e ficarei à margem” (ASSIS, 1986, p. 1.040).

No meio das considerações sobre a Academia, sobre alguma publicação ou sobre qualquer outra temática, Machado inseria uma referência à idade ou à suposta iminência da morte. Na carta em que felicita Joaquim Nabuco por ser escolhido pelo governo para ser “o defensor de nossos direitos ante a Inglaterra”, na questão da Guiana Inglesa, o autor de *Dom Casmurro* expressa o desejo de ver Nabuco receber o barão do Rio Branco na Academia Brasileira de Letras, mas não deixa de dizer que não sabe se ainda será o presidente da instituição. Era março de 1899:

A minha idéia secreta era que quando o Rio Branco viesse ao Brasil, fosse recebido por V. na Academia. Façam os dois por virem juntos, e a idéia será cumprida, se eu ainda for presidente. Não quero dizer se ainda viver, posto que na minha idade e com o meu organismo, cada ano vale por três. (ASSIS, 1986, p. 1.046, grifo nosso).

Em janeiro do mesmo ano – 1899 –, em carta a José Veríssimo, contrapondo-se ao excesso de atividades do colega, Machado já havia dito: “Não sei se ainda vivo. Você vive e bem. Não posso voltar-me para nenhum lado que o não veja impresso. Onde é que Você acha tanta força para acudir a tanta coisa?” (ASSIS, 1986, p. 1.045). Para

Azeredo, o tom era o mesmo, desde 2 de abril de 1895, data da carta em que afirma o seguinte, opondo-se à jovialidade do interlocutor:

Ja não posso dizer a mesma cousa de mim. Cançado de longos trabalhos, não robusto, vejo irem-se os annos, mais depressa do que vieram, e não sei se, em breve, terei de parar, á espera que passe o trem derradeiro, que me levará ao meu logar eterno. *Revertere ad locum tuum*.

Veja que bom consolador lhe saio hoje! Acabo fallando em cousas tristes.

Ha minutos desses que não se podem tirar do relógio da alma; o mais que se alcança é dar outro aspecto ao mostrador. O ponteiro marca a alegria, em quanto a mola interior vae na direção do pesar. Passou; não suprimo o trecho, para lhe deixar esta prova de confiança. (ASSIS, 1969, p. 46, grifos nossos; mantida a grafia original).

Pouco menos de dois meses antes de falecer, comentando sobre as vagas abertas na Academia, como sempre costumava fazer nas cartas, fala a Nabuco como que pressentindo que ele mesmo poderia abrir espaço para um novo acadêmico: “Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu? / Releve-me estas idéias fúnebres; são próprias do estado e da idade” (ASSIS, 1986, p. 1.092, grifos nossos).

A espera do *trem derradeiro*, inevitavelmente, é acompanhada dos *achques da velhice*. Em muitas ocasiões, a epistolografia foi espaço para referências a enfermidades. Ao caracterizar um período da vida em que esteve doente, na mesma carta para Azeredo referida acima, o autor menciona problemas de saúde anteriores e afirma:

já fui doente exemplar, quando padeci de uma retinite e me proibiram ler. Estive assim longas semanas. Era minha mulher que me lia tudo. Para o fim serviu-me de secretária. As *Memorias Posthumas de Braz Cubas* foram começadas por esse tempo; dictei-lhe creio que meia dúzia de capitulos. (ASSIS, 1969, p. 41).

No final de 1898, Machado demonstrou que a sua saúde começava a lhe trazer incômodos tais que o impediam de frequentar as costumeiras reuniões com os seus compadres. É o que se verifica em carta a Veríssimo, ao justificar a falta a um dos encontros no prédio da *Revista Brasileira*: “Quanto à Revista, era ontem dia marcado e hoje também, mas ontem os destinos o não quiseram, estive doente e recolhi-me logo” (ASSIS, 1986, p. 1.045). Nesse sentido, algumas cartas vão servir de recado para informar sobre as condições de saúde. É o que acontece com uma carta-bilhete enviada novamente ao amigo: “Anteontem saí daqui doente, antes da hora, e ontem não me foi possível falar ao Severino [Vieira] (...)” (ASSIS, 1986, p. 1.051). Para Lúcio de Mendonça, em 11 de julho de 1900, confessa: “era quase certo não ir ao almoço inaugural [do grupo “Panelinha”]. A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam quase de comer” (ASSIS, 1986, p. 1.053).

As doenças dos amigos, de si mesmo ou de D. Carolina, a esposa, eram mencionadas nas cartas. Perguntas sobre o estado de saúde, agradecimentos por atenções dispensadas pelos colegas ou até mesmo a indicação dos incômodos que sofria foram assuntos tratados por Machado em escritos para os amigos mais próximos.

Por ocasião da viagem a Nova Friburgo, no início de 1904, com o intuito de levar a esposa para um tempo de recuperação na cidade, o autor acabou adoecendo e relatou isso em carta a José Veríssimo:

A letra vai ainda um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias. A inflamação de garganta que a acompanhou é que me não deixou de todo, e ainda agora uso de um gargarejo, ao qual não sei que nome dê, mas que produz efeito. Veja o que são as coisas deste mundo. Entrei com saúde em cidade,

onde outros vêm convalescer de moléstia, e apanhei uma moléstia. Imagine-me um pouco mais magro, e cheio de saudades. (ASSIS, 1986, p. 1.066).

É significativa a troca de correspondência entre Machado de Assis e Mário de Alencar, tematizando os incômodos de saúde dos dois autores. A esse respeito, Magalhães Júnior (1981, v. 4) escreve um capítulo exclusivo – *Cartas que são remédio* – em sua volumosa biografia machadiana e mostra como as cartas funcionavam como consolo mútuo, indicando receitas médicas, sugerindo medidas preventivas, assim como confortando o espírito dos interlocutores. Josué Montello, em *O presidente Machado de Assis* (1961), também escreve sobre o assunto, ao comentar a amizade entre Machado e Alencar, bem como entre aquele e Azeredo.

A velhice e as doenças produziram um *eu-missivista* que recorrentemente voltava a esses assuntos, às vezes para informar aos companheiros sobre as condições de saúde, às vezes de forma natural e inconsciente, próprio da idade e das circunstâncias vivenciadas.

Em carta de 10 de abril de 1899 endereçada a Veríssimo, a “triste memória de velho” serve como desculpa pelo esquecimento da data de aniversário do colega, dois dias antes. Para o mesmo destinatário, em 10 de junho do mesmo ano, ao comentar uma crítica sobre o livro *Contos Fluminenses*, Machado agradece com cordialidade e, com certo tom de brincadeira, diz que tem “duas vezes a idade do livro”, “duas para não confessar tudo”. A obra havia sido editada em 1870, vinte e nove anos antes; no tempo em que escreveu a epístola, Machado estava chegando aos 60 anos de idade.

Em carta de 5 de janeiro de 1900, o autor refere-se à “verde velhice”: “Sobre a minha *verte vieillesse*, não sei se ainda é verde, mas

velhice é, a dos anos e a do enfado, cansaço ou o que quer que seja que não é já mocidade primeira nem segunda” (ASSIS, 1986, p. 1.050). Para Nabuco, em 7 de outubro de 1903, agradecendo um retrato e um cartão-postal recebidos, disse: “Mandar lembranças a um velho é consolá-lo dos tempos que não querem ficar também” (ASSIS, 1986, p. 1.063).

Fica perceptível que, invariavelmente, o autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de forma consciente ou não, mencionava que estava velho. E, em geral, num tom relativamente melancólico. Poucas são as vezes em que a referência destoa desse viés, como se vê em carta endereçada a Salvador de Mendonça, redigida logo após a passagem para o século XX, quando o autor escreve felicitando a longevidade da ama do amigo e menciona, ainda, o Visconde de Barbacena. Mesmo assim, observe-se que Machado trata num tom diferente a velhice alheia, e não a de si mesmo:

Meu querido Salvador / A tua carta, em que tão cordialmente me mandas os bons desejos de saúde e felicidade, trouxe-me outra grande alegria, — a notícia da tua ama Maria, que vive três séculos. A razão é que, ao pé de tal criatura, considero-me rapaz, e não é pouca fortuna para quem, considerando-se sozinho, acha-se outra coisa que não digo por ser feia. / Boa notícia também é a dos teus bisavós, com 96 e 113 anos, excelente exemplo para o neto, que não deixará de continuar a carreira; e o Mário que aprenda com o pai a passar a perna ao século. A verdade é que não se chega lá sem muita saúde e robustez, e não admira que a tua velha ama coma e durma bem, tenha juízo direito e memória viva. O Visconde de Barbacena, que tem os seus 99, não só fala de cousas antigas, mas ainda projeta fazê-las novas. Há dias, conversando sobre explorações no Amazonas e no Pará, disse-me que, em abril ou maio, irá a Londres *esquentar aquela gente* para mandar lá uma comissão. A simples idéia de fazer isto mostra que este homem conta ir ao enterro da boa Maria de Itaboraí. (ASSIS, 1986, p. 1.055).

Em algumas vezes, o desfecho das cartas mencionava a letra cada dia mais “cheia de garranchos” (para usar uma expressão popular), devido à idade: “Releve esta letra; nunca foi bonita: a idade a está fazendo execrável” (ASSIS, 1986, p. 1.058); “Vá desculpendo esta letra de velho” (ASSIS, 1986, p. 1.060); “Vá desculpendo estas palavras emendadas; é obra da pressa e da velhice. Não falo em doença para o não enfadar ainda uma vez com esta desculpa, mas a velhice fica. Quando não fosse obra da natureza, era do calendário” (ASSIS, 1986, p. 1.062); “Vá pondo à conta do meu mal esta letra irregular e velha, que está cada vez pior” (ASSIS, 1986, p. 1.078); “[...] desculpe esta letra que nunca foi boa e a idade está fazendo pior, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste” (ASSIS, 1986, p. 1.082).

A temática da velhice e da morte foi tão frequente na epistolografia de Machado de Assis, que ele mesmo reconheceu isso em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 5 de novembro de 1900: “Desculpe-me de falar tanto na idade, e alguma vez na morte. Cuido que hade ser assim, com todos, ou então é do temperamento melancolico, apenas encoberto por um riso já cançado” (ASSIS, 1969, p. 207, mantida a grafia original).

Machado de Assis faleceu aos 69 anos, em 29 de setembro de 1908, mas já aos 62 anos, dizia em carta a Joaquim Nabuco sobre sua condição: “o passado é ainda a melhor parte do presente, — na minha idade, entenda-se” (ASSIS, 1986, p. 1.059, grifo nosso). O peso da idade e de algumas enfermidades produziu esta face do *eu-missivista* machadiano: uma *persona epistolar* cujo discurso é permeado pelos *achques da velhice* e pela espera do *trem derradeiro*.

4.2.3 *Foi-se a melhor parte da vida e aqui estou só no mundo*

Certamente, as cartas de Machado de Assis mais comoventes são aquelas que fazem referência à morte de D. Carolina, sua esposa, e à conseqüente tristeza e solidão do autor. Se antes desse fato é perceptível, muitas vezes, um *eu-missivista* melancólico, ao tratar, por exemplo, da velhice e das enfermidades, após o falecimento da companheira acentuaram-se a amargura e a dolorosa solidão do marido.

O retrato que a *persona epistolar* faz de si mesma apresenta as cores da dor e da solidão. Os biógrafos machadianos parecem concordar, de forma unânime, que o autor cortou completamente os laços familiares desde a juventude. Some-se a isso a inexistência de filhos, de modo que a presença de Carolina era por demais importante na vida de Machado de Assis, como ele mesmo diz em algumas cartas para seus amigos correspondentes mais próximos, como Joaquim Nabuco, Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo e Salvador de Mendonça.

Observe a carta transcrita abaixo, de 13 de dezembro de 1904:

Meu caro Nabuco. / Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça e V. expressou logo a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu

contava morrer antes dela, o que seria um grande favor: primeiro, porque não acharia ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará. (ASSIS, 1986, p. 1.070-1, grifos nossos).

Nessa carta, o autor expõe a sua solidão de forma extremamente clara: ausência de familiares ou filhos e distância dos amigos, envolvidos em toda sorte de atividades ao redor do mundo ou mesmo no Rio de Janeiro. Restava tocar a vida no espaço do lar, onde tudo fazia lembrar Carolina. Em carta a Azeredo, de 13 de agosto de 1901, portanto três anos antes da morte da esposa, Machado já sentia a ausência dos companheiros da Academia Brasileira de Letras: “uma grande parte de nossos academicos está fóra da cidade e do paiz. Só na Italia temos 1, em Londres 3, na Allemanha 1, no Japão 1, e pode ser que haja mais” (ASSIS, 1969, p. 229, mantida a grafia original). E ainda mais cedo, mais especificamente em 7 de dezembro de 1900, o autor lamentava a Nabuco o fim dos encontros à tarde, costumeiramente acontecidos no prédio da *Revista Brasileira*: “O Oliveira Lima escreveu-me que Vocês têm aí um chá das cinco horas, em que recordam os nossos. Aqui é que acabou toda a reunião; raro nos vemos” (ASSIS, 1986, p. 1.054-5).

Em 1895, Machado de Assis já lamentava as muitas despedidas que fazia. Em carta a Magalhães de Azeredo, afirmou:

Quando nos despedimos no caes Pharoux, e que o vi affastar-se da praia, lembrei-me das muitas despedidas que tenho feito a amigos ou só conhecidos, que se vão e tornam, ou não tornam, conforme o programma delles, ou a decisão da sorte, que tanta vez corrige os nossos itinerarios. Perdi assim velhos amigos. (ASSIS, 1969, p. 33, mantida a grafia original).

E ainda acrescentou, referindo-se à melancolia dos dois: “Os nossos temperamentos são irmãos. Ora, eu ja li que os nervosos e melancolicos são pouco dados ás viagens” (ASSIS, 1969, p. 33, mantida a grafia original).

Na última carta escrita, de 7 de setembro de 1908, endereçada a Salvador de Mendonça, Machado disse: “A morte levou-nos muitos daqueles que eram conosco outrora; possivelmente a vida nos terá levado também alguns outros, é seu costume dela” (ASSIS, 1986, p. 1.094). Um dos que ficaram ao lado do romancista foi Mário de Alencar, como confessou o próprio Machado em carta a Azeredo: “É um dos que me tem valido nestes dias de solidão e de velhice” (ASSIS, 1969, p. 288). Quando o amigo Mário teve de se ausentar para tratamento de saúde, Machado declarou: “a sua resolução de obter descanso ou licença para se tratar de vez e seguidamente, é boa. Por mais que me custe a ausência, estimo saber que caminha para o total restabelecimento”. (ASSIS, 1986, p. 1.085, grifo nosso).

O temperamento melancólico de Machado e de Azeredo, conforme aquele mesmo declara, talvez seja uma das razões porque este foi o maior correspondente¹⁰ do autor das *Relíquias da Casa*

10 Considerando, obviamente, as cartas que foram publicadas até a finalização do presente trabalho, na primeira metade de 2009.

Velha. Ao mesmo tempo em que tentava driblar a melancolia do amigo, Machado tentava superar a sua, mas acabava por expô-la também:

A carta que me mandou, e a que ora respondo, com algum atraso, trouxe algumas palavras de tristeza, que não fazem mal. As de desespero, porém, são muitas e affligem. Um pouco de melancolia, ou muito que seja, tras inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas “essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o opprime, e para tudo o inutilisa”, isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a hygiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre; também eu o não sou, ainda que pareça menos triste. Mas ha em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio; perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna. (ASSIS, 1969, p. 59, mantida a grafia original).

Após a morte da esposa, subsiste “um velho sem forças, radicalmente enfermo” (ASSIS, 1986, p. 1.071), “ainda atordoado, pela imensidade do golpe, como pela injustiça que a feriu. Após trinta e cinco anos de casados é um preparo para a morte” (ASSIS, 1986, p. 1.070). Para o velho amigo Francisco Ramos Paz, Machado diz: “Não sei se resistirei muito. Fomos casados durante 35 anos, uma existência inteira; por isso, se a solidão me abate, não é a solidão em si mesmo, é a falta da minha velha e querida mulher” (ASSIS, 1986, p. 1.072).

Em carta a José Veríssimo, datada de 4 de fevereiro de 1905, Machado agradece o gesto do amigo de devolver um livro, que foi o último folheado por Carolina. Na mesma carta, sobressai um *eu-missivista* amargurado:

Meu caro José Veríssimo. / Ontem, depois que nos separamos, recebi o livro e a carta que V. me deixou no Garnier. Quando abri o pacote, vi o livro e li a carta, recebi naturalmente a impressão que me dão letras suas, — maior desta vez pelo assunto. Obrigado, meu amigo,

pelas palavras de carinho e conforto que me mandou e pelo sentimento de piedade que o levou à devolução do livro. Foi certamente o último volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazê-lo mais tarde, como aos outros que ela me viu escrever. Cá vai o volume para o pequeno móvel onde guardo uma parte das lembranças dela. Esta outra lembrança traz a nota particular do amigo. / Apesar da exortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá meter ombros a um livro, que seria efetivamente o último. Pelo que é viver comigo, ela vive e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistência à dor que ela me deixou. Enfim, pode ser que a necessidade do trabalho me traga esses efeitos que V. tão carinhosamente afiança. Eu quisera que assim fosse. / Quanto à minha visão das coisas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma grande injustiça para descrever do mal. Nabuco, animando-me como V., escreveu-me que a mim coube a melhor parte — “o sofrimento”. A visão dele é outra, mas em verdade o sofrimento é ainda a melhor parte da vida. / Adeus, obrigado, não esqueça este seu velho / M. DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.073).

A interrupção na regular correspondência com Magalhães de Azeredo, naturalmente em função do “golpe sofrido”, é plenamente justificada e expõe o *eu-missivista* solitário: “Certo é que o meu silêncio foi longo, mas eu tive as razões que sabe e lhe disse de viver metido em mim mesmo, só neste mundo, tendo delle perdido tudo” (ASSIS, 1969, p. 267, mantida a grafia original).

Pouco mais de um ano e meio depois da “grande desgraça”, Machado ainda mencionava em cartas o duro golpe sofrido, dizendo que a própria data de aniversário não era mais motivo de alegria:

Caro e distinto amigo. / Recebi a sua carta [de] 21, com as boas palavras que me manda pelo meu aniversário. Gostei de as ler, com a natural restrição que lhes põe

de que tal data não é de alegrias para mim, depois que perdi a minha boa companheira de trinta e cinco anos. Assim é: muito obrigado. Estou aqui um triste velho desamparado, contando alguns poucos amigos, entre os quais figura o seu nome de moço de talento. Creia-me sempre / velho am.º e confrade / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.076, grifo nosso).

Quase quatro anos após a morte da esposa, Machado mostrava que jamais a esquecera. Ao responder uma carta de Mário de Alencar, em que este confessava também seu lado melancólico, o autor de *Esauí e Jacó* tentava animá-lo, lembrando que não tinha mais o carinho da mulher, nem nunca teve a companhia de filhos. O amigo os tinha:

A segunda e menor parte da sua carta é a seu respeito, incômodos e o resto; nada de escritos ou só negativamente. O mal-estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal conseguirá alguma coisa. Também eu tenho desses estados de alma e cá os venço como posso, sem animações de esposa nem risos de filhos. (ASSIS, 1986, p. 1.087).

E em outra carta ao mesmo companheiro, diz: “Eu cá vou andando com os meus tédios” (ASSIS, 1986, p. 1.088).

No último ano de sua vida, em 1908, três meses antes de morrer, ao comentar em carta para Nabuco a escrita do último livro – *Memorial de Aires* –, a dor da perda permanecia tão forte quanto antes, por mais que os amigos tentassem minimizá-la. Mais uma vez, Machado reiterava a sua solidão:

A idade não me dá tempo nem força de começar outro; lá lhe mandarei um exemplar. Completei no dia 21

sessenta e nove anos; entro na ordem dos septuagenários. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei, por mais que amigos busquem temperá-la de carinhos. (ASSIS, 1986, p. 1.090, grifo nosso).

Na epístola de 1º de agosto de 1908, novamente destinada a Nabuco, o autor repete as palavras da carta acima:

Meu querido Nabuco. / Lá vai o meu *Memorial de Aires*. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantado em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confidência que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final. (ASSIS, 1986, p. 1.092, grifos nossos).

Não foram raras as vezes em que Machado se autodescreveu como triste ou solitário. Ao felicitar Azeredo pelo aniversário, disse: “é um abraço de velho amigo e companheiro neste dia de seus annos, e talvez seja o ultimo. Aceite-o de coração e não esqueça o triste que lh’o manda” (ASSIS, 1969, p. 279, grifo nosso). Para Mário de Alencar, despediu-se da seguinte forma: “receba o meu abraço de velho, de amigo e de solitário” (ASSIS, 1986, p. 1.078, grifo nosso).

Aliás, o desfecho de várias cartas é semelhante: “Adeus, meu querido Lúcio, receba um abraço do / Velho e triste amigo” (ASSIS, 1986, p. 1.073); “Adeus, meu querido Nabuco. Disponha sempre

deste velho e triste amigo” (ASSIS, 1986, p. 1.074); “Adeus, meu caro Nabuco, desculpe esta letra que nunca foi boa e a idade está fazendo pior, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste” (ASSIS, 1986, p. 1.082).

As cartas pareciam cumprir a função de amenizar a solidão. Nesse sentido, Machado convida sempre o interlocutor a responder suas epístolas: “Adeus, meu querido Nabuco. Escreva-me logo que possa; meia dúzia de linhas amigas, que me recordam tantas coisas, valem por uma ressurreição” (ASSIS, 1986, p. 1.085); “Leve-lhe esta carta, com as minhas saudades, as minhas invejas, e mande-me em troco alguns versos, se os houver, e, se não, a sua boa prosa epistolar, que é a própria pessoa do autor” (ASSIS, 1969, p. 25).

4.2.4 O espírito associativo e “corporativista”

Ao lado da temática da *velhice e enfermidades*, como já foi afirmado, o segundo tema mais recorrente nas cartas machadianas diz respeito ao *espírito associativo* da época e, em particular, do autor. Chamamos de *espírito associativo* as referências, nas cartas, às mais diversas agremiações de que Machado participou, figurando, no centro das atenções, a Academia Brasileira de Letras. Apesar da predominância da Academia, outros grupos ou instituições são também mencionados, como o Clube Beethoven, a Sociedade Petalógica, o grupo “Panelinha”, o Clube Português de Leitura, as reuniões no prédio da *Revista Brasileira* e na Livraria Garnier, entre outros lugares, menos frequentes. O século XIX foi muito propício ao surgimento de instituições associativas: políticas, patrióticas, abolicionistas, médicas, literárias etc. Esse espírito associativo de Machado é

confirmado pelas palavras de Magalhães Júnior. Após citar uma série de entidades, como a Sociedade Arcádia Brasileira, o Grêmio Literário Português, o Ginásio Científico-Literário Brasileiro, entre outras, diz o biógrafo: “A sociabilidade de Machado de Assis se manifestou desde cedo, favorecida, aliás, pelo grande número de grêmios e sociedades literárias existentes no período de sua juventude” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 152).

As biografias, em geral, indicam que a participação do autor de *Dom Casmurro* em reuniões ou encontros para conversas, sobretudo sobre literatura, iniciou-se em torno do editor Paula Brito e do advogado, poeta e político baiano Caetano Alves de Sousa Filgueiras, que reunia em seu escritório um grupo de jovens com propensões literárias, entre eles Machado de Assis. Por volta dessa mesma época – 1855 em diante –, Machado iniciou suas publicações de poesia na *Marmota Fluminense*, periódico editado por Paula Brito, em cuja loja Machado se empregara como caixeiro¹¹. No mesmo prédio da *Marmota*, aconteciam as reuniões do grupo da *Sociedade Petalógica*.

Salvador de Mendonça, discursando na Academia Brasileira de Letras em 1912, fez uma evocação que resgatava esse tempo:

No Largo do Rocio, em frente à casa de Paula Brito, do outro lado da rua, havia dois bancos em que, nas tardes de sábado, costumavam reunir-se com muita regularidade para palestrarem acerca das letras os seguintes indivíduos: Machado de Assis, então caixeiro da loja de livros e tipografia de Paula Brito; Manuel Antonio de Almeida, colaborador do *Correio Mercantil* e autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*; José

11 Há controvérsias sobre a informação de que Machado de Assis foi caixeiro da loja de Paula Brito (cf. MASSA, 1971, p. 87-9). Entretanto parece ser pacífica a ideia de que, quando jovem, trabalhou em casas comerciais naquela função. O importante, aqui, não é essa discussão, e sim mostrar que havia contatos de Machado com o meio intelectual da época.

Antônio, empregado do Tesouro e autor das chistosas *Lembranças*; e, afinal, quem vos fala, então estudante de preparatórios. Muitas vezes, ao atravessar da casa de Paula Brito para a sua, do outro lado do largo, Joaquim Manuel de Macedo, o criador do romance nacional, vinha sentar-se entre nós, lhano e sincero e, por mais de uma vez, Gonçalves Dias, com o seu corpo fanadinho, aspecto melancólico e olhar genial, e Araújo Porto-Alegre, com seu físico de urso e a perene jovialidade da saúde da alma e do corpo. Com exceção de Henrique César Múzzio e do José Antônio das *Lembranças*, todos os outros estão ligados à nossa academia, dois como acadêmicos, os outros dois como patronos de cadeiras. (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 55-6).

O contato, desde cedo, com intelectuais que se reuniam sistematicamente para falar de literatura, entre outros temas, certamente fomentou a mesma prática em Machado de Assis, fazendo dele, no futuro, presidente da Academia Brasileira de Letras e seu grande articulador. As palavras finais de Salvador de Mendonça também demonstram que a ABL é uma espécie de culminância das relações que foram se estabelecendo em meados do século XIX, dando a entender, ainda, o lado fraterno – ou, em outros termos, corporativo – desses agrupamentos. (Diretamente ligado ao *espírito associativo* está a *crítica-amiga* dessa *roda de compadres*, que será apresentada mais tarde, neste trabalho).

O próprio Machado de Assis, como bem lembra Magalhães Júnior (1981, v. 1, p. 57), numa crônica do *Diário do Rio de Janeiro*, datada de 11 de setembro de 1864, recordou esse tempo da mocidade: “A Sociedade Petalógica, como é sabido, teve nascimento do finado e sempre chorado Paula Brito. Quando a sociedade nasceu já estava feita; não se mudou nada ao que havia, porque os membros de então

eram aqueles que já se reuniam diariamente na casa do finado editor e jornalista”.

O biógrafo Jean-Michel Massa, responsável pela densa pesquisa sobre *A Juventude de Machado de Assis* (1971), comenta a importância da Sociedade Petalógica para a formação intelectual do autor de *Esaú e Jacó*, que havia nascido numa realidade totalmente diferente:

Para o rapazinho que era Machado de Assis, êsses contatos com um mundo nôvo, com um universo variado, foram decisivos. Aí viveu e aprendeu muita coisa. Que tenha sido ou não tímido, sua experiência se enriqueceu nesse meio. Um grande passo fôra dado. Já não se tratava mais da chácara, do Livramento ou do Engenho Nôvo, onde vivia seu pai. Lá, o ritmo de vida era diferente, raras as visitas, inexistente a vida intelectual ou quase inexistente. Machado de Assis não descobria a cidade do alto ou de longe, mas lá passava as horas mais ativas do seu tempo, sua jornada de trabalho. Ainda que se ignore a exata natureza de sua atividade, parece verossímil que a publicação dos seus primeiros poemas (no começo de 1855) corresponde justamente à sua vinda para a Cidade, para exercer uma ocupação remunerada. (MASSA, 1971, p. 87-8, mantida a grafia original).

Em 1865, Machado novamente evoca a agremiação, por ocasião da segunda edição do livro de José Antônio da Silva, que fora membro do grupo:

Dão-me saudades da Petalógica lendo o livro de José Antônio, – não porque esse livro reúna todos os caracteres daquela sociedade; dão-me saudades porque foi no tempo do esplendor da Petalógica primitiva que os versos de José Antônio foram compostos e em que saiu à luz a primeira edição das *Lembranças*. [...]

Cada qual tinha a sua família em casa; aquela era a família da rua, – *le ménage en ville*, – entrar ali era tomar parte na mesma ceia [...]. (ASSIS apud MASSA, 1971, p. 86).

“Cada qual tinha a sua família em casa; aquela era a família da rua”. Estas palavras de Machado de Assis (mesmo ditas aos 26 anos – antes, portanto, do próprio casamento) dão a dimensão do significado do que era pertencer às mais variadas associações. Certamente, o percurso por que sua vida seguiu – sem filhos, sem a presença dos pais ou de outros familiares, com muitos amigos diplomatas e jornalistas fora do país – reforça a relevância desses grupos na trajetória do autor.

O fato é que, na época dos primeiros passos poéticos – 1855, 1856 –, o autor de *Crisálidas* descobriu “juntamente com a literatura, uma república de amigos, de confrades, que deviam encorajá-lo” (MASSA, 1971, p. 101). Não é estranho, por isso, que as cartas de Machado de Assis revelem uma amizade intensa entre o velho Machado e dois jovens – Mário de Andrade e Magalhães de Azeredo –, que recebiam conselhos e eram encorajados para a literatura, a despeito das dificuldades em se inserir no meio poético com as contundentes análises dos críticos literários. O provável incentivo recebido quando jovem é dado, quando velho, aos escritores iniciantes.

As cartas que fazem referência ao que aqui chamamos de *espírito associativo*, naturalmente, tornam-se frequentes quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Até então, apenas em carta de 29 de março de 1887, endereçada a Rodrigo Otávio (futuro secretário da ABL), há menção ao Clube Beethoven e ao Grêmio Literário de Letras e Artes:

Meu caro e distinto colega Dr. Rodrigo Otávio. /
A Assembléia geral dos sócios do *Club* Beethoven

reelegeu-me para o cargo que tinha na Diretoria; e pelos estatutos não posso exercer cargo de diretor em outra associação análoga. / Obrigado assim a demitir-me da presidência do Grêmio de Letras e Artes e do lugar que a bondade dos meus amigos e colegas me deu no Conselho diretor, peço-lhe que apresente esta carta aos seus dignos companheiros, acrescentando que conservo o lugar de sócio e desejo ao Grêmio o maior desenvolvimento e brilhante futuro. / Cria-me sempre, ad.or am.º e obr.º / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.039).

O Clube Beethoven, segundo Magalhães Júnior (1981, v. 1, p. 58), destinava-se a promover concertos e audições musicais. Para alguns, Machado de Assis era melômano, ou seja, tinha uma paixão exagerada pela música. O importante, aqui, é destacar a presença do autor em agremiações. E não apenas como sócio, mas exercendo funções diretoras, o que sugere espírito associativo e de liderança, culminando, como foi dito, na ABL.

Em carta a Salvador de Mendonça, de 9 de fevereiro de 1897, Machado comenta sobre o surgimento da Academia e dá notícias sobre sua fundação:

A notícia é que foste, como de justiça, eleito pela Academia Brasileira de Letras, que aqui fundou o nosso Lúcio. Poucos creram a princípio que a obra fosse a cabo; mas sabes como o Lúcio é tenaz, e a coisa fez-se. A sua amizade cabalou em favor da minha presidência. Resta agora que não esmoreçamos, e que o Congresso faça alguma [coisa] pela instituição. Cá estás entre nós. O Lúcio te dirá (além da comunicação oficial que tens de receber) que cada cadeira, por proposta de Nabuco, tem um patrono, um dos grandes mortos da literatura nacional. (ASSIS, 1986, p. 1.041).

Dessa data em diante, as cartas vão estar repletas de referências à inauguração da Academia, à busca de um lugar para reuniões, a eleições e vagas abertas, aos temas tratados nas sessões, às publicações dos membros, às solenidades e recepções, enfim, a tudo que diga respeito ao funcionamento administrativo da instituição.

De todas essas referências, indubitavelmente, duas são mais recorrentes: as inquietações a respeito da definição de um lugar para as reuniões e a que trata de votos, candidaturas e eleições. Nesse sentido, é possível perceber, em algumas cartas, certas preferências de nomes, quando o remetente, de forma tendenciosa, informa sobre os candidatos. Às vezes, Machado indicava ou insinuava o próprio voto, o que, certamente, tinha um peso considerável:

Caro Nabuco. / Respondo à sua carta. Pensei na sucessão do Taunay logo depois que o tempo afrouxou a mágoa da perda do nosso querido amigo. A vida que levo, entregue pela maior parte à administração, não me permitiu conversar com os amigos da *Revista* mais que duas vezes, mas logo achei a candidatura provável do Arinos, e dei-lhe o meu voto; o Graça Aranha e o Veríssimo a promovem, e já há por ela alguns votos certos, ao que me disseram. Assim fiquei aliado, antes que V. me lembrasse o nome do Constâncio Alves. Também ouvi falar do Assis Brasil, mas sem a mesma insistência. (ASSIS, 1986, p. 1.045).

Poucos dias depois, Machado escreve a José Veríssimo, retornando, de forma semelhante, ao mesmo tema: “O Nabuco falou-me, por carta, na candidatura do Constâncio Alves. Respondi-lhe com o que já havíamos conversado na *Revista*, e o acordo em que estávamos alguns acerca do Arinos. Ouvi que também o Francisco de Castro pensa na vaga” (ASSIS, 1986, p. 1.045).

Como houve a desistência de Afonso Arinos de se candidatar dessa vez para uma vaga na ABL, a escolha recaiu sobre Francisco de Castro. A carta a Magalhães de Azeredo mostra novamente e de forma explícita a preferência de Machado:

Vamos ter, na Academia, uma eleição para a vaga do Taunay; é a de 10 de Agosto. Ha dous candidatos; o Dr. Francisco de Castro, cuja medicina não tolhe o cultivo litterario, e que, de resto, começou a vida na Faculdade por um livro de versos; e o deputado José Avelino. Creio que vencerá o primeiro. É superior ao segundo, e tem ja certo numero de votos. Tambem ha quem trabalhe pelo José Avelino, e elle mesmo tem feito visitas e escripto cartas, mas estou que é trabalho baldado. (ASSIS, 1969, p. 180-1, mantida a grafia original).

Por ocasião da eleição de Euclides da Cunha, em carta a Azeredo, datada de 17 de julho de 1903, Machado novamente expõe sua preferência, mesmo “não querendo” (?) insinuar voto algum:

Vamos ter eleição academica no meiado de Setembro. Lá receberá comunicação official pelo Rodrigo Octavio. Não quero insinuar-lhe voto, mas o candidato que parece reunir maioria é o Euclides da Cunha, autor dos *Sertões*. Estamos concertados muitos em votar nelle, começando pelo Rio Branco. (ASSIS, 1969, p. 249).

O biógrafo Magalhães Júnior (1981, v. 4, p. 180) acrescenta que “para os que exerciam função diplomática, como Azeredo, a preferência do Ministro das Relações Exteriores – o barão do Rio Branco – era uma indicação importante”.

Certamente o caso mais “escandaloso” das eleições foi o de Mário de Alencar, filho de José de Alencar e protegido de Machado de Assis. A imprensa e até mesmo alguns acadêmicos não se furtaram

a fazer críticas, sobretudo por ter sido preterido um reconhecido escritor – Domingos Olímpio, autor de *Luzia-Homem* – e eleito um “principiante”, sem trabalho expressivo na literatura.

Domingos Olímpio, então diretor da revista *Os Anais*, tendo alcançado três anos antes grande êxito com o romance *Luzia-Homem* e publicando no momento outra obra do mesmo gênero, *O almirante*, naquela revista, era escritor em plena maturidade, consagrado pela crítica. Já havia concorrido ele antes à vaga de Valentim Magalhães, perdendo para Euclides da Cunha. Mário de Alencar, ainda moço, apresentava-se como herdeiro de um nome ilustre e pupilo de Machado de Assis. Havia publicado apenas duas coletâneas de versos. Em 1905 estava, por assim dizer, no início da carreira literária. Entre os dois candidatos, a escolha teria de pender naturalmente para Domingos Olímpio. Mas começou logo a correr o boato de que o eleito seria Mário de Alencar, amparado por dois poderosos padrinhos: Machado de Assis e o barão do Rio Branco. A cabala a seu favor era grande, e Domingos Olímpio, com todo o mérito literário que lhe reconheciam, não conseguiria fazer frente. (BROCA, 2005, p. 103-4).

No pleito, até voto deixou de ser computado, apesar de que depois foi feita a devida correção, mas já sem qualquer interferência no resultado final. Os jornais acusaram o barão do Rio Branco de ter cabalado a eleição. Muitos acadêmicos deixaram de votar, sobretudo aqueles que votariam em Domingos Olímpio, o que mudaria completamente o resultado. Um dos entusiastas da eleição do autor de *Luzia-Homem*, Oliveira Lima, em carta a Machado de Assis, expressou desapontamento:

É a primeira vez que a Academia é atacada pela escolha feita (digo eleição), mas também é a primeira vez, desde a 1ª eleição, do João Ribeiro, que ela não foi justa.

Compreendo perfeitamente o seu voto pelo Mário: o Sr. é o seu pai espiritual, foi o seu mentor literário, está ligado a ele por laços de carinho; outros votos é que não compreendo, pois não posso admitir que se queira esposar ódios do Rio Branco e fazer-lhe a corte cometendo um ato de improbidade literária, porque alguns devem ter votado contra a sua consciência. (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 247).

Magalhães Júnior comenta, ainda, que Oliveira Lima também escreveu a Joaquim Nabuco, censurando-o por ter se curvado aos caprichos do barão do Rio Branco, e obteve a seguinte resposta, com uma ponta de cinismo:

Votei pela dívida em que estava com o pai, José de Alencar, por o ter atacado, quando jovem, com tanta falta de veneração nacional, e votei por pensar que os grandes nomes literários têm preferência a uma cadeira na Academia por duas gerações, e a segunda eleição podendo ser de puro favor, *pour encourager l'art*. Depois sabe que desejo agradar ao Machado, o pai do cenáculo. (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 248).

O espírito associativo era corporativista.

Como dito anteriormente, a Academia Brasileira de Letras era a culminância de uma prática comum no século XIX, dada a existência de clubes, grupos, associações, que congregavam profissionais ou grupos ideológicos.

As cartas machadianas vão revelar a participação do autor em agremiações, frequentando sistematicamente “reuniões” nos fins de tarde para um bate-papo e um chá com os amigos literatos. Brito Broca (2005, p. 80) comenta que, “além dos cafés, as livrarias eram os pontos de reuniões dos escritores. Entre todas se destacava, como

a mais freqüentada, e realmente a primeira, sob qualquer aspecto, a Garnier”. Antes dela, porém, as reuniões eram mais recorrentes no prédio da *Revista Brasileira*. Em várias cartas, Machado de Assis refere-se a esses encontros:

Tenho ido sempre à *Revista*, onde o nosso Paulo [Tavares] continua a receber com aquela equanimidade e bom humor que fazem dele um excelente companheiro. Somos todos firmes. Do Graça [Aranha] não o há ainda cartas, mas sei pelo sogro que chegou bem. Estive na *Revista* com o Artur Alvim, que veio da Europa [...]. (ASSIS, 1986, p. 1.042).

Na sala da *Revista*, rua Nova do Ouvidor 31, costumamos reunir-nos alguns, entre 4 e 5 horas da tarde, para uma xícara de chá e conversação; os mais assíduos são o Graça Aranha, o Nabuco, o Araripe Junior, o Taunay, o João Ribeiro, o Antonio Salles, e ultimamente o Tasso Fragoso. O José Veríssimo é da casa, mas está passando as férias em Nova Friburgo. (ASSIS, 1969, p. 139).

Em algumas epístolas, Machado lamentava não poder ir ao encontro com os amigos. Veríssimo, responsável pela *Revista Brasileira*, era informado sobre a impossibilidade: “Como vão o chá e o Paulo [?]. Quisera ir pessoalmente, mas é provável que não possa” (ASSIS, 1986, p. 1.044). As reuniões da própria Academia, quando não havia ainda um lugar definido, podiam ser realizadas no prédio da *Revista*: “Caro Lúcio. / Depois de algumas diligências que recomendei ao Rodrigo Otávio relativamente à sala da Biblioteca Fluminense, para celebrarmos a próxima sessão da nossa Academia, resolvi que nos reuníssemos na *Revista Brasileira*. Falei ao José Veríssimo, e só me falta marcar o dia” (ASSIS, 1986, p. 1.048).

A *Revista Brasileira* e a Livraria Garnier foram, sem dúvida, os lugares mais frequentados pelos homens das letras na passagem do século XIX para o XX:

Gina Lombroso Ferrero, no livro *Nell'America Meridionale (Brasile – Uruguay – Argentina)*, que publicou pouco depois da sua estada no Brasil em 1907, escreveu: “A Livraria Garnier, do Rio, não é, na verdade, um simples estabelecimento comercial, mas um clube, uma academia, uma corte de mecenato.”

Ali podia ser visto aquele que nunca andara pelos cafés e confeitarias: Machado de Assis. Costumara outrora fazer ponto na Livraria Lombaert; depois tornara-se comensal da *Revista Brasileira*, onde todas as tardes se reuniam ao lado do mestre José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Taunay, Nabuco e outros. Dessas tertúlias acompanhadas de um chá com torradas nascera, como se sabe, a Academia Brasileira. Foi com o fechamento da *Revista*, em 1899, que o grupo se transferiu para a Garnier. No dia 19 de janeiro inaugurou esta o imponente edifício, até há pouco ocupado pela Livraria Briguier, oferecendo a todos os convidados um volume de Machado de Assis, com a assinatura do autor. O romancista tornara-se uma das glórias da casa. Para ali se dirigia, todos os dias, depois de encerrado o expediente no ministério. Recebido respeitosamente, via-se logo cercado de atenções e de interesse. Tinha uma cadeira que lhe era reservada, e, de pequena estatura, não se destacava em meio dos confrades e admiradores, entre os quais se encontravam sempre José Veríssimo e Mário de Alencar.

[...]

Até pouco antes de recolher-se definitivamente ao leito para morrer, o romancista não deixou de “assinar o ponto” na Garnier. Nos últimos tempos, saía frequentemente acompanhado por Mário de Alencar, de quem se separava no largo do Machado. (BROCA, 2005, p. 81-2).

Assíduo frequentador da livraria, Machado, quando precisou viajar para Nova Friburgo por ocasião da doença da esposa, sempre perguntava, nas frequentes cartas endereçadas a Veríssimo, como andavam as coisas na Garnier ou na Academia, lamentando a ausência da boa palestra com os amigos: “Eu vou andando; não tenho a palestra do Garnier, e particularmente a nossa, mas Você tem a arte de a fazer lembrar” (ASSIS, 1986, p. 1.065). E quatro dias depois, perguntava: “Que há de novo entre os amigos da Academia e os habituados do Garnier?” (ASSIS, 1986, p. 1.065). E 14 dias depois: “Meu caro J. Veríssimo. / Como vai Você? E os amigos do Garnier e da Academia? Diga-lhes que me lembro deles e que em breve, este mesmo mês, irei vê-los a todos” (ASSIS, 1986, p. 1.066).

Outro grupo do qual Machado de Assis participou foi o da “Panelinha”, que recebeu este nome em função de uma pequena panela que circulava entre os participantes do almoço e que passava às mãos do próximo anfitrião do encontro. Certamente, o nome sugeriu o atual significado de *panelinha*, associado a decisões corporativas de um determinado grupo de pessoas. O *eu-missivista* machadiano deixa transparecer o espírito de “panelinha” nas decisões da academia e na formulação da crítica literária da época, como se verá no próximo tópico.

4.2.5 A crítica-amiga da roda de compadres

Em decorrência do *espírito associativo corporativista*, sugerimos a existência de uma *crítica-amiga* criada e alimentada por uma rede de literatos liderada por Machado de Assis. A epistolografia machadiana apresenta mais de 50 cartas que, de alguma forma,

sugerem um compadrio dos escritores ao estabelecerem uma troca de elogios aos próprios livros.

As cartas mostram, ainda, o remetente lendo os escritos do destinatário, de modo que um dos alvos dos textos publicados nas revistas ou jornais (crônicas, críticas, resenhas, correspondências, romances, poemas...) eram os próprios literatos. Trata-se de uma rede de escritores que formava uma roda de compadres, pois seus textos circulavam entre eles mesmos.

Em linhas diferentes, mas com informações aplicáveis à nossa tese da *crítica-amiga*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1998, p. 102) mostraram, em *A formação da leitura no Brasil* (1998), “o esvaziamento da função profissionalizante sofrido no trajeto da reivindicativa Sociedade dos Homens de Letras para a celebrativa Academia Brasileira de Letras”, afirmando o caráter conservador desta, “ao reunir escritores consagrados e servindo antes para canonizá-los que para profissionalizá-los”.

Sobre a crítica das obras machadianas, Ubiratan Machado (2003) organizou uma relevante coletânea de artigos publicados nos periódicos da época – *Machado de Assis: roteiro da consagração (crítica em vida do autor)* –, mostrando, como o próprio título indica, a trajetória consagradora da literatura do bruxo do Cosme Velho, construída pela crítica literária do próprio tempo. Uma literatura que sobreviveu às críticas adversas e que foi consagrada por tantas outras análises. Nesse tópico, reiteramos a ideia geral de Ubiratan Machado, mas enfocamos os bastidores dessa crítica literária consagradora, revelados pelas cartas de Machado de Assis aos seus críticos-amigos, sobretudo Magalhães de Azeredo, José Veríssimo e Mário de Alencar.

É possível visualizar um Machado que constantemente enviava seus livros e recebia outros de seus confrades, estabelecendo uma rede de compadres intelectuais, provavelmente fundadora de uma crítica literária “seletiva”, solidificando uma “panelinha” de literatos.

A própria figura renomada (já em seu tempo) de Machado no cenário da literatura brasileira servia como intermediária para lançamentos de livros ou autores, como se vê na vasta troca de cartas entre ele e Azeredo e conforme explicitado, em termos de “compadrio e colaboração mútua”, por Lajolo e Zilberman (1998, p. 72-6).

Machado de Assis e alguns de seus companheiros promoveram uma crítica literária que, de alguma forma, contribuiu para a promoção de muitos escritores, se não eternizados na história da literatura brasileira, no mínimo, prestigiados em seu próprio tempo pela classe intelectual, que era o próprio público leitor.

As epístolas vão revelando Machado de Assis pedindo ou agradecendo as considerações feitas sobre seus livros, de modo que se criava, se já não existisse, um laço entre os intelectuais, visto que, como exposto anteriormente, havia a captação da benevolência, com o discurso retórico apropriado.

Em geral, nas cartas machadianas, a relação entre Machado de Assis e a crítica literária é bastante elogiosa. Existem invariavelmente considerações positivas sobre os escritos do autor. Seu “nome” já estava assentado. Uma corrente de literatos amigos apenas solidificava ou forjava o talento um do outro. Ficaram conhecidos casos de amigos de Machado de Assis que foram eleitos para a Academia Brasileira de Letras muito mais pela força do presidente da instituição do que propriamente pela força de seus textos e unanimidade crítica.

Entretanto, até chegar a esse patamar de projeção indiscutível ou quase unânime, Machado certamente enfrentou, sobretudo no início da carreira, apreciações críticas não totalmente favoráveis. Na querela com Sílvio Romero, já aqui exposta, é verdade que Machado já estava consagrado, mas os golpes sofridos não apagaram o brilho do romancista e, ainda por cima, o autor que foi celebrado por Romero na ocasião – Tobias Barreto –, em oposição a Machado, não alcançou a mesma fama que o presidente da Academia Brasileira de Letras.

A defesa feita pelos amigos do autor de *Dom Casmurro* sobreviveu à posteridade, pois hoje todos sabem quem é o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e da história de Bentinho e Capitu, enquanto a crítica de Romero hoje é quase desconhecida. Na mesma linha de raciocínio, podem-se conferir as críticas que Machado sofreu do professor Hemetério José dos Santos, um ilustre desconhecido, apagado pela história, acusado, assim como Sílvio Romero, de rixas pessoais, como expõe Brito Broca em *A vida literária no Brasil – 1900* (2005, p. 280-3).

Diante disso, entendemos que a *crítica-amiga* contribuiu para a canonização de autores, defesa de compadres e circulação de livros no Brasil na passagem do século XIX para o XX.

Em 25 de janeiro de 1873, o *eu-missivista* machadiano, portando-se com a humildade retórica própria da *captatio benevolentiae*, agradece as palavras do crítico J. C. Rodrigues, que dirigia, nos Estados Unidos, a revista *Novo Mundo*. Nesse sentido, as portas eram deixadas abertas, quem sabe, para outros artigos e cartas, visto que, no fim da epístola, é solicitado um retrato do destinatário e indicado que Machado já lhe havia enviado o seu. As fotos geralmente acompanhavam os artigos de jornais e revistas:

Il.mo. am.º Sr. Dr. J. C. Rodrigues. / Aperto-lhe mui agradecidamente as mãos pelo seu artigo do *Novo Mundo* a respeito do meu romance. E não só agradeço as expressões amáveis com que me tratou, mas também os reparos que me fez. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo. Escrevera-lhe eu mais longamente desta vez, se não fora tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito. Entretanto, não deixarei de lhe dizer desde já que as censuras relativas a algumas passagens menos recatadas são para mim sobremodo salutares. Aborreço a literatura de escândalo, e busquei evitar esse escolho no meu livro. Se alguma cousa me escapou, espero emendar-me na próxima composição. (...) O nosso João de Almeida tinha-me pedido em seu nome um retrato, que lhe entrego hoje e lá irá ter às suas mãos. Não me será dado obter igualmente um retrato seu para o meu álbum dos amigos? Creia-me, como sempre / Seu am.º patricio ad.ºr / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.032).

Até o início de 1873, época da carta em questão, Machado havia publicado algumas peças, os livros de poesia *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), um livro de contos, intitulado *Contos fluminenses* (1870), e apenas um romance, *Ressurreição* (1872), provavelmente ao qual alude Rodrigues. Na ocasião estava como redator em *A Semana* e colaborador do *Jornal das Famílias*. Já não era um ilustre desconhecido, mas alguém plenamente relacionado no meio intelectual brasileiro.

A partir de 1875, verifica-se uma situação recorrente nas cartas: o envio de livros para apreciação e, invariavelmente, a solicitação de críticas literárias sobre eles, as quais acabavam sendo publicadas nos periódicos pelos companheiros literatos. É o que se pode chamar de *crítica-amiga* de uma *roda de compadres*. Salvador de Mendonça foi outro amigo de Machado de Assis, residente nos Estados Unidos e que era, entre outras atribuições, correspondente de *O Globo*:

Meu caro Salvador. [...] Remeto-te um exemplar das minhas *Americanas*. Publiquei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. Vê lá o que isso vale; se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões. Não remeto exemplar ao nosso Rodrigues, porque o Garnier costuma fazê-lo diretamente, segundo me consta. [...] Olha o Rodrigues é bom mestre, e o *Novo Mundo* um grande exemplo. (ASSIS, 1986, p. 1.033).

Em cartas seguintes ao mesmo destinatário, Machado menciona a espera pelo artigo do amigo sobre seu livro. Na epístola de 15 de abril de 1876, Machado afirma o seguinte: “Não vi o *Novo Mundo* do mês de março; mas afiançam-me nada vem lá a respeito das *Americanas*. Virá no de abril provavelmente; desde já te agradeço a atenção” (ASSIS, 1986, p. 1.034, grifo nosso). O texto de Machado está mais para uma exigência do que propriamente para uma solicitação. Apenas em 13 de novembro do mesmo ano, o autor das *Americanas* pôde finalmente agradecer o artigo e aproveitar para enviar outro livro:

Meu caro Salvador. / Mal tenho tempo para agradecer-te muito do coração o belo artigo que escrevestes no *Novo Mundo*, a propósito das *Americanas*. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre minhas jóias literárias. / Vai por este vapor um exemplar da *Helena*, romance que publiquei no *Globo*. Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau; não sei, lá verás. / Faço o que posso e quando posso. (ASSIS, 1986, p. 1.034).

Em 1883, mais especificamente no dia 14 de abril, Machado envia para Joaquim Nabuco seu livro *Papéis Avulsos*, em que, segundo o autor,

há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a *Época*. / Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a “Chinela Turca”) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. Você me dirá o que ele vale. (ASSIS, 1986, p. 1.037, grifo nosso).

O envio e o recebimento de livros não se prestavam unicamente como troca de lembranças ou presentes entre amigos; configuravam uma sociedade literária em que a opinião de um, publicada em jornal ou revista *a posteriori*, funcionava como suporte, apoio ou propaganda do escrito do outro. Os amigos, assim, se fortaleciam não apenas na amizade, mas também profissionalmente, promovendo a existência de grupos intelectuais prestigiados pela crítica deles mesmos.

Em 1886, foi promovido um banquete em homenagem a Machado de Assis, por ocasião do 22º aniversário da publicação do livro *Crisálidas*, o primeiro do autor. Em cartas, Machado agradece a Lúcio de Mendonça e ao Visconde de Taunay pelas felicitações enviadas, visto que esses amigos não puderam comparecer. Os jornais noticiaram o acontecimento, “com foto e tudo”. Os artigos exaltavam a figura do “príncipe atual” e a “figura mais saliente da literatura brasileira contemporânea” (cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 3, p. 94-5).

Em 1895, é a vez de Machado escrever elogiosamente um artigo sobre um livro de Magalhães de Azeredo. Na carta de 3 de setembro, avisa ao amigo:

Ja la hade ter, desde quarta-feira da semana passada, um telegramma em resposta ao seu de segunda-feira, relativamente á *Alma Primitiva*. Não sei se haverá entendido o meu; quis dizer-lhe que desde o domingo anterior tinha escripto sobre o seu livro. Fil-o na *Semana*,

que é, como sabe, a minha gazeta da *Gazeta*. Aqui apareceram algumas notícias, e ouço que aparecerão outras. É preciso esperar. A *Alma Primitiva* ficou um bom livro. Já no meu artigo notei as qualidades geraes da obra e do autor. Citei alguns dos cantos, e aqui lhe repito a impressão que todos me deixaram. (ASSIS, 1969, p. 58, mantida a grafia original).

O jovem escritor Magalhães de Azeredo certamente estava bem apadrinhado por Machado de Assis. É perceptível o tom encomiástico da carta e, conseqüentemente, do artigo. Na epístola seguinte ao colega, o autor de *Quincas Borba* pergunta se o amigo já havia lido a crítica e reforça: “Sabe que tem aqui amigos que sabem o valor de uma palavra de longe. Pela minha parte, não tem que agradecer o que escrevi; não desejo senão que confirme as minhas esperanças e prophecias” (ASSIS, 1969, p. 60, mantida a grafia original).

Machado de Assis funcionava como intermediário na publicação dos livros de Azeredo e já havia se comprometido a escrever o prefácio do livro *Procelárias*. No final do ano, a crítica elogiosa estava retribuída. Azeredo publicara um artigo sobre o livro *Várias Histórias*, de Machado de Assis, que, em carta de 9 de dezembro de 1895, diz: “Ainda lhe não agradei as boas palavras que me escreveu àcerca das *Varias Historias*. O que me agradou nesse livro foi ver que, embora composto, parte d'elle, ha dez annos, não pareceu velho aos que o leram” (ASSIS, 1969, p. 68, mantida a grafia original).

Em 21 de julho de 1897, Machado de Assis, em longa carta a Azeredo, refere-se a uma nova crítica-amiga:

Aqui tenho a *Rivisto Italo-Brasiliiana*, com o meu retrato e um artigo excessivamente benevolo. Isto, e a noticia que me dá do texto primitivo e dos córtes que lhe fizeram, faz-me crer que o artigo é seu. Assim

pensando, achei até prova disto nas duas letras minúsculas da assinatura, *a e r*, a quarta letra dos nomes de Magalhães de Azeredo. Ria-se à vontade; se as pôz fortuitamente, veja que dou para achar documentos nos mais inesperados vestígios. Seja o que fôr, agradeço cordialmente daqui ao autor daquellas palavras, e se pudesse enviar-me o que foi cortado do texto primitivo, dar-me-hia muito prazer. (ASSIS, 1969, p. 121, mantida a grafia original).

Ao responder a carta de Machado, Azeredo confessa que era, de fato, o autor do artigo citado e diz que foi a redação do periódico que se incumbiu de colocar as letras *a e r* sob o texto. O criador de Capitu conhecia muito bem as artimanhas do texto jornalístico. Delas também usou. Um questionamento se levanta nesse ponto: será que a colocação de um enigma de letras ou de um pseudônimo na assinatura também não servia para tentar mostrar imparcialidade nos escritos? Acreditamos que esse podia ser mais um subterfúgio da *crítica-amiga*. Em carta de 7 de dezembro de 1897, Machado agradece outro artigo de Azeredo, escrito na *Revista Moderna*:

Recebi, li e guardo, como lembrança de affeição sincera, este seu artigo. Muito lhe agradeço cá de longe a sympathia do juízo. Apesar do affecto, que leva à benevolencia, é sempre curioso ler, no espirito de um moço, a impressão que deixam escriptos de quem transpõe os limites da maturidade para descambar na velhice. Por outro lado, ver no fim da vida que esta não foi absolutamente chocha e van, fortifica a alma cançada, se o está, consola do mal recebido, se o houve, e anima para esforços novos, se são possiveis. Pelo que me diz em sua carta de 11 do mez passado, este artigo não é ainda tudo o que planeia a respeito do seu velho amigo; aguardo o resto com o interesse que hade imaginar. (ASSIS, 1969, p. 130, mantida a grafia original).

Após esta carta de Machado, Azeredo, em carta de 27 de dezembro de 1897, reforça a nossa ideia da *crítica-amiga* ao fazer perguntas ao autor de *Esau e Jacó*, a fim de escrever um estudo crítico ainda mais denso:

Quanto ao artigo que lhe dediquei na *Revista Moderna*, eu exprimi nelle, com toda a sinceridade da minha consciencia, o juizo que formo a respeito da sua obra e do seu genio litterario. Não ha alli uma linha que seja devida a parcialidades benevolas de coração; ha pura justiça, pura verdade. Mas, fora dos elogios propriamente dictos (ponto em que meu querido Mestre recusaria responder à consulta), ha uma coisa que a sua carta não diz, e que eu me empenho em saber.

Acha que *interpretei* bem o seu temperamento, os seus processos esthéticos, as suas opiniões philosophicas? Procurei, com zelo e cuidado, penetrar no seu espirito. Dei bem a impressão do que elle é? Como lhe disse, o estudo mais desenvolvido que desejo escrever a seu respeito, terá as *mesmas bases* que o artigo da *Revista Moderna*. Isso prova a importancia da minha pergunta. (AZEREDO in ASSIS, 1969, p. 134, mantida a grafia original).

Se o crítico pergunta ao dono da obra se está interpretando corretamente, uma coisa, no mínimo, é visível: parcialidade, mesmo que retoricamente se diga o contrário, como resultado da admiração pelo “mestre”. O resultado disso é a confirmação da existência de uma roda de compadres agindo em benefício próprio.

Machado de Assis não se faz de rogado e, em carta de 2 de fevereiro de 1898, fornece os elementos necessários para o estudo do crítico-amigo. Era o tempo da turbulência com Silvio Romero, já comentada quando tratamos da *captatio benevolentiae*. Nada melhor do que armar a defesa:

Quer saber se no artigo da *Revista moderna* interpretou bem o meu temperamento, as minhas opiniões e os meus processos? É difficil responder, desde que a sympathia de expressão se junta ao proprio juizo; mas se é possivel dizer alguma cousa sem accarretar approvação aos termos deste, respondo que a minha organização moral e mental é essa mesma que alli define; pelo menos, a leitura do seu escripto produziu em mim a sensação de um reflexo. O meu pessimismo é esse mesmo que alli analysa. Sobre os meus processos litterarios creio tambem não ter que divergir, salvo sempre o que implicar louvor em boca propria. Por exemplo, é certo que sou parco em descripções; e, quanto aos quadros naturaes, raro achará nos meus livros. Não é, relativamente a estes, que eu não receba a impressão esthetica que elles dão, é a minha preocupação exclusiva do homem que toma o papel todo nos meus escriptos; mas talvez esteja disfarçando com isto uma virtual incompetencia tecnica. Não digo mais para não dissertar, em vez de limitar-me à parte affirmativa da resposta que me pediu, e ahi vae. (ASSIS, 1969, p. 138-9, mantida a grafia original).

Também não era preciso dizer mais nada. Os elementos estavam fornecidos. No parágrafo seguinte da carta, Machado comenta sobre Sílvio Romero e a existência de uma série de artigos, no *Jornal do Comércio*, que partiam em defesa do romancista. O autor de *Dom Casmurro* até então não sabia a autoria dos textos, mas afirmou: “vê-se que é de amigo”.

Após descobrir que a autoria dos artigos era de Lafaiete Rodrigues Pereira, Machado agradeceu, em carta de 19 de fevereiro de 1898, com as seguintes palavras, que valem a pena ser novamente transcritas:

Soube ontem (não direi por quem) que era V. Ex.^a o autor dos artigos assinados Labieno e publicados no

Jornal do Comércio de 25 e 30 de janeiro e 7 e 11 do corrente, em refutação ao livro a que o Sr. Dr. Sílvio Romero pôs por título o meu nome. / A espontaneidade da defesa, o calor e a simpatia dão maior realce à benevolência do juízo que V. Ex.^a aí faz a meu respeito. Quanto à honra deste, é muito, no fim da vida achar em tão elevada palavra como a de V. Ex.^a um amparo valioso e sólido pela cultura literária e pela autoridade intelectual e pessoal. (ASSIS, 1986, p. 1.043).

É novamente perceptível o uso de um expediente comum nos jornais da época: o pseudônimo, buscando, como sugerimos, a construção de um texto não facilmente associável ao verdadeiro autor, para evitar vinculações explícitas entre o analista e o analisado pela crítica literária.

Às críticas benevolentes de Azeredo, Machado respondia com a função de intermediário, bancando cada vez mais a inserção do amigo em publicações brasileiras: “Na *Revista Brasileira* fiz publicar o seu lindo monologo *S. Francisco de Assis*; creio que não saiu erro nenhum. A *Revista* raro publica versos; os seus não podiam deixar de sair, e o J.^é Verissimo com muito prazer os aceitou” (ASSIS, 1969, p. 136, grifos nossos; mantida a grafia original). Observe-se que o presidente da Academia dá uma “forcinha”, pois o periódico não costumava publicar versos, mas o amigo Veríssimo aceitou com prazer.

É claro que Azeredo não deixaria também de contribuir na defesa do velho mestre na querela contra Romero. Machado agradeceu em carta de 10 de maio de 1898:

[...] tive hontem a surpresa de ler no *Jornal do Commercio* o bello estudo que escreveu a meu respeito, em refutação ao livro do Sylvio Romero. Assim, dou-me pressa em agradecer-lhe a fineza do trabalho e a sympathia e affeição com que me tratou naquellas

columnas. Já lhe havia agradecido o que me fez na *Revista Moderna*; este novo obsequio não vem mais que confirmar a inclinação sincera do seu espirito a meu respeito, e o apreço em que me tem. Aqui o lemos com igual apreço, eu com particular affecto também, de que lhe envio ainda uma vez as afirmações de sempre. Qualquer que seja o juizo que se possa fazer dos meus esforços, é claro que não ha no livro de Sylvio Romero a mesma sympathia do seu estudo. Outros dirão que a sympathia no seu caso dá ao estudo um tom demasiado benevolo, e não serei eu que o conteste. Já lhe disse, em relação ao artigo da *Revista Moderna*, que achei haver interpretado bem o meu temperamento litterario; o mesmo direi deste estudo do *Jornal do Commercio*. [...] Alem da sympathia do seu trabalho, há outra cousa que igualmente lhe agradeço, é a expontaneidade d'elle. Só uma verdadeira affeição tomaria a si o cargo desta defesa. E se eu considerar que é um moço, ainda mais me commove o acto, por ver que não destoei dos moços; tanto melhor se os fios brancos que me encham a barba, e entraram a invadir-me a cabeça não me despontaram ainda no estylo. (ASSIS, 1969, p. 146-7, mantida a grafia original).

Apesar de Machado indicar a espontaneidade do escrito de Azeredo, fica difícil acreditar nisso. Primeiro, porque em cartas anteriores Machado já havia comentado sobre o livro de Romero. Segundo, porque havia nitidamente um laço muito fraterno entre os dois correspondentes. Terceiro, em razão de uma série de informações pedidas por Azeredo e já repassadas por Machado ao amigo, para o estudo que estava sendo preparado, fato já mencionado anteriormente. Quarto, porque o próprio Azeredo já havia mencionado, em carta, que enviara um artigo ao *Jornal do Comércio*. É claro que as duas últimas razões, para não sermos levianos, podem ser descartadas, em função de possíveis atrasos do correio ou cruzamento das cartas. Azeredo estava se estabelecendo em Roma. Mas não se tem elementos para acatar

tais ideias de forma taxativa, nem para provar o contrário. Por outro lado, as duas primeiras razões são suficientes para Machado esperar a *crítica-amiga* do companheiro.

No final de 1898, o autor de *A mão e a luva*, em carta de 25 de dezembro, mencionava que havia escrito dois artigos sobre o livro *Procelárias*, de Azeredo: uma nota bibliográfica na *Revista Brasileira* e um texto no *Jornal do Comércio*.

José Veríssimo, sendo um dos mais importantes nomes da crítica literária brasileira, também contribuiu para a literatura machadiana, tornando-se um dos apreciadores mais entusiastas da obra do bruxo do Cosme Velho. Em carta de 15 de dezembro de 1898, Machado agradece a crítica ao livro *Iaiá Garcia*, dando-nos pista da época em que começou a divisão da obra machadiana em duas fases:

Meu caro Veríssimo. / Escrevo-lhe a tempo de suprir a visita pessoal, caso não possa ir agradecer-lhe as suas boas palavras de amigo no último número da *Revista*. Não quero encontrá-lo sábado, à noite, sem lhe ter dado ao menos um abraço de longe. Aqui vai ele, pela crítica do meu velho livro e pelo mais que disse do velho autor dele. O que Você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje. (ASSIS, 1986, p. 1.044).

Em carta (cujo rascunho está incompleto) ao mesmo destinatário, Machado agradece a crítica, provavelmente sobre o livro *Várias Histórias*: “Caro Veríssimo. / Cá vi hoje a menção honrosa que me fez, e mando-lhe o troco do meu cordial aplauso ao artigo. Eu notava que o *Jornal do Comércio* nada dissesse, estando Você lá, mas

tanto melhor se guardou para dizer melhor que todos” (ASSIS, 1986, p. 1.045).

Quando a casa Garnier reimprimiu os *Contos Fluminenses*, Veríssimo publicou artigo no *Jornal do Comércio* sobre a obra. Machado se apressa em agradecer, em carta de 10 de junho de 1899:

Meu caro J. Veríssimo. / Não há defeito que não ache explicação ou desculpa na boa amizade. Tal sucede aos meus velhos *Contos Fluminenses*, cuja notícia literária li hoje no *Jornal do Comércio*. Não é preciso dizer com que prazer a li, nem com que cordialidade a agradeço, e se devo crer que nem tudo é boa vontade, tanto melhor para o autor, que tem duas vezes a idade do livro; digo duas para não confessar tudo. Já três pessoas me falaram do seu artigo; falaremos sobre isto. (ASSIS, 1986, p. 1.046).

Machado inclusive comenta em carta a Azeredo: “Se ler a notícia que o Verissimo escreveu sobre elle [o livro] no *Jornal do Commercio*, verá que este nosso illustre companheiro e amigo sabe ser não menos amigo que critico; assim outros, raros, que não nomeio” (ASSIS, 1969, p. 181, mantida a grafia original), certamente numa referência ao próprio destinatário. No final da mesma epístola, Machado menciona que Veríssimo reeditara o livro *Cenas Amazônicas*, e o autor de *Dom Casmurro* confirma a circularidade da crítica entre os compadres, ao referir-se ao que havia dito sobre as *Cenas* em artigo da *Gazeta*.

Meu caro J. Veríssimo. / A sua carta de anteontem chegou-me tarde. Contava responder ontem, mas soube a tempo que poderia sair cedo, e logo que saí fui à Revista. Já o não achei. Aqui vai pois a resposta, que não é mais que a confirmação do publicado na *Gazeta*. Você fez bem em lembrar-me o que eu lhe dissera há anos, a respeito das *Cenas da Vida Amazônica*. Com

tal intervalo, a mesma impressão deixada mostra que o livro tinha já o que lhe achei outrora. Os que vencem tais provas não são comuns. E outra prova. Trouxe de lá a *Revista*, e li o artigo do João Ribeiro. Sem que houvéssemos falado, escrevendo ao mesmo tempo, veja V. que êle e eu nos encontramos nos pontos principais; donde se vê que as belezas que achamos no livro existem de si mesmas, e dão igual impressão ao moço e ao velho. (ASSIS, 1986, p. 1.047).

Cumprе ressaltar que parecia uma questão de honra escrever sobre os livros dos amigos. No dizer de Magalhães Júnior (1981, v. 4, p. 88), “depois que assumiu a presidência da Academia, Machado quase desapareceu das colunas da imprensa”, não por vaidade, mas, segundo o biógrafo, por vários outros motivos, entre eles o fato de estar preparando dois livros (*Páginas Recolhidas* e *Dom Casmurro*). É interessante notar que, mesmo com o acúmulo de atividades (tema a ser estudado mais adiante), as *críticas-amigas* continuaram sendo feitas:

Em 1898, Machado publicara apenas três trabalhos: um n’*A Estação* – o conto “Relógio Parado”, depois convertido em “Maria Cora” nas *Relíquias de Casa Velha* – e dois na *Revista Brasileira* – a página de reminiscências “O Velho Senado” e uma crítica sobre as *Procelárias*, de Magalhães de Azeredo. Em 1899, também pouco publicou, limitando-se a duas colaborações na *Gazeta de Notícias*, uma anônima, sobre o centenário de Almeida Garret, e outra assinada, sobre *Cenas da Vida Amazônica*, de José Veríssimo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 89, grifos nossos).

A suposta suspensão de escritos regulares nos anos de 1898 e 1899 não foi suficiente para calar a voz amiga de uma crítica literária

benévola. As palavras do biógrafo indicam que, dos poucos trabalhos (apenas cinco) de Machado publicados em jornais ou revistas naqueles anos, dois são de críticas sobre os livros dos amigos Azeredo e Veríssimo, respectivamente.

Por outro lado, não foram raras as vezes em que, em cartas, Machado agradeceu os artigos escritos sobre sua obra. Como Veríssimo foi dos mais fecundos críticos da passagem do século XIX para o XX, bem como um dos mais próximos do romancista, muitos textos são endereçados a ele:

Meu caro J. Veríssimo. / Deixe-me ainda uma vez apertar-lhe gostosamente a mão pela sua boa vontade e simpatia. Cá o li e reli hoje e guardo com as animações do amigo as indicações do juiz competente. (ASSIS, 1986, p. 1.049).

Caro am.º J. Veríssimo. / Esta carta leva-lhe um grande abraço pelo seu artigo de hoje. *Dom Casmurro* agradece-lhe comigo a bondade da crítica, a análise simpática e o exame comparativo. Você acostumou-nos às suas qualidades finas e superiores, mas quando a gente é objeto delas melhor as sente e cordialmente agradece. Ao mesmo tempo sente-se obrigada a fazer alguma coisa mais, se os anos e os trabalhos não se opuserem à obrigação. Caso fosse possível, não seria dos menores efeitos da sua crítica de mestre. Adeus, meu caro amigo, obrigado pela Capitu, Bento e o resto. (ASSIS, 1986, p. 1.051).

Meu caro J. Veríssimo. / Não sabendo se sairei cedo, quero que esta carta vá desde já agradecer-lhe a longa e afetuosa crítica que fez hoje do meu livro de versos, e naturalmente do autor. Já estou acostumado aos seus dizeres de amigo, que anima o velho escritor; mas não há costume que tire às belas palavras a novidade que elas trazem sempre do coração e do cérebro de um crítico eminente. (ASSIS, 1986, p. 1.058).

Meu caro Veríssimo. / A sua carta de 19 chegou aqui anteontem, mas suponho ter-lhe ouvido que desceria ontem pelas exéquias, receei que a resposta se desencontrasse do destinatário, e não lhe escrevi no mesmo dia. Escrevo-lhe hoje para lhe agradecer as boas e amigas palavras que me mandou a respeito das *Relíquias*. Já estou acostumado a elas. A sua afeição conhece a arte de acentuar a opinião já de si benévola. Ainda bem que lhe agradaram essas páginas que o teimoso de mim foi pesquisar, ligar e imprimir como para enganar a velhice. Não sei se serão derradeiras, creio que sim. Em todo caso estimo que não tenham parecido importunas ou enfadonhas, e o seu juízo é de autoridade. (ASSIS, 1986, p. 1.076).

A cada publicação ou republicação de uma obra de Machado de Assis, o crítico a acompanhava com olhos benévolos. Assim aconteceu com vários livros, entre eles *Páginas Recolhidas* (1899), *Dom Casmurro* (1900), *Poesias Completas* (1901) e *Relíquias da Casa Velha* (1906)¹². Os fragmentos acima transcritos referem-se, respectivamente, a essas obras. São de cartas enviadas a Veríssimo, datadas, em geral, do mesmo dia em que os artigos do crítico foram publicados. A obra era publicada, o artigo saudava sua chegada e, imediatamente, Machado agradecia os comentários críticos elogiosos.

Magalhães Júnior (1981, v. 4, p. 94-6) reproduz o artigo de José Veríssimo sobre as *Páginas Recolhidas*, um livro que reunia escritos já publicados. Como não havia quase nenhuma referência crítica à obra, Veríssimo a inaugurou com palavras do tipo “Estando ao que parece, o seu editor resolvido a dar-nos a obra completa do mestre da nossa literatura contemporânea, seria por ventura ocasião de lembrar que nessa obra há matéria para dois livros mais, um de teatro, outro

12 Os anos referem-se à chegada das obras no Brasil. Alguns livros eram publicados antes em Paris. Por exemplo, *Dom Casmurro* foi publicado em 1899 na França, mas só chegou ao Brasil em 1900.

de crítica”. E seguiam os elogios e as referências aos textos, sempre tratados com grande simpatia e louvor.

O mundo intelectual da época certamente percebeu as ligações entre Machado e Veríssimo. Não só Sílvio Romero “cutucou” Machado; Múcio Teixeira, outro crítico, também o fez, chegando a dizer: “Machado é um ‘decrépito versejador’, incensado por um ídólatra, que é José Veríssimo” (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 154). Segundo Magalhães Júnior, foi logo após a primeira parte do ataque de Múcio Teixeira que Veríssimo publicou, no *Jornal do Comércio*, um longo artigo intitulado “O Sr. Machado de Assis, poeta”, rasgando elogios ao estilo machadiano, não só na prosa, mas também na poesia.

Outro destinatário a quem Machado de Assis enviou cartas, tratando de críticas positivas, foi Belmiro Braga, que recebeu duas epístolas: uma datada de 5 de novembro de 1899 e outra, de 26 de fevereiro de 1900, com referências a artigos ou livros que tratavam da obra do romancista:

Meu caro Sr. Belmiro Braga. / Folguei muito com a sua carta, e cordialmente agradeço as palavras que me dirige a propósito do livro *Vindiciae* do Conselheiro Lafaiete. Creio que já não há quem ignore a autoria deste, embora ele a não confesse. Eu é que confessarei sempre a impressão que ele me fez, por dizer o que diz e vir de quem vem. Pelo que me escreve, há aí também quem pense e trabalhe em defender-me. Peço-lhe que, de antemão, lhe agradeça esta fineza de amigo, caso possa confessar ao Dr. Antônio Fernandes Figueira que me fez tão agradável e preciosa denúncia. Ainda bem que me não faltam amigos distantes, que sintam comigo o bem e o mal. / Não se esqueça de mim, e creia-me sempre / atento am.º muito obrig.º / MACHADO DE ASSIS (ASSIS, 1986, p. 1.050).

Prezado senhor e amigo. / Chamo-lhe amigo, e peço para conservar este nome a pessoa que mostra querer-me tanto. O Antônio Sales, a quem escrevo, ter-lhe-á anunciado esta carta, se receber a sua antes, mas eu espero que o correio me faça a fineza de as entregar ambas a um tempo. Não houve esquecimento na resposta que ora lhe dou; o adiamento é que me fez mal. Já não deixo a pena sem agradecer-lhe a fineza de suas palavras. Nem só fineza, mas a cordialidade também, e o espontâneo que as torna ainda mais prezadas. Também eu me honrei quando soube que Labieno era o nosso ilustre Lafaiete, esse mineiro que honra a terra de tantos brasileiros eminentes, e é venerado entre todos, como merece, por seus talentos naturais e rara Cultura nas letras e na ciência. Disse-me na sua carta que o Dr. Antônio Fernandes Figueira tenciona responder ao Sr. Sílvio Romero. Aguardarei mais essa prova de simpatia, e de antemão agradeço a defesa, igualmente espontânea e honrosa, tanto mais que só agora sei que o Sr. Figueira é o mesmo Alcides Flávio, da *Semana* onde colaborei também há anos. Queira-me como antes e receba as congratulações de um trabalhador velho e amigo / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.051).

As cartas ainda tratavam da querela com Sílvio Romero. Fizemos questão de transcrevê-las na íntegra devido a uma série de referências não só ao destinatário, obviamente, mas também ao crítico Alcides Flávio (pseudônimo de Antônio Fernandes Figueira), ao conselheiro Lafaiete Rodrigues – que com o pseudônimo Labieno havia escrito uma série de artigos em defesa de Machado, como mencionado anteriormente – e ao poeta Antônio Sales, que segundo consta também fez críticas elogiosas à obra de Machado de Assis e foi incentivado por este a se candidatar a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (cf. MACHADO, 2003, p. 207). Ressalte-se, ainda, que Belmiro Braga havia informado que amigos estavam inclinados a responder às

palavras de Romero. Na certa, um verdadeiro arsenal de compadres marchou em favor de Machado para compor uma *crítica-amiga*.

Outro companheiro de Machado de Assis, amigo confidente, também contribuiu com textos críticos para a manutenção do *status quo* literário do autor: Mário de Alencar. E assim como para Magalhães de Azeredo, o presidente da Academia Brasileira de Letras retribuiu a amizade escrevendo a *boa crítica* sobre o conhecido filho de José de Alencar, mas desprestigiado poeta.

Meu querido Mário. / Cá recebi a sua carta, e vejo que adivinhou a autoria da notícia da *Gazeta*. Sim, é minha; disse em poucas palavras o que sinto dos *Versos* e do autor. Juntando o seu nome ao de Magalhães de Azeredo, compreendo bem que seria agradável a ambos. / Estimo que as animações que ali pus achem no seu espírito culto e fino o necessário efeito, e folgo de haver acertado. Tem a idade, tem os estímulos, e destes, além dos que lhe podem dar os vivos, contará sempre o do nosso grande morto [o pai José de Alencar]. Tem já o respeito da arte, que é muito. (ASSIS, 1986, p. 1.061).

Três dias antes, Machado, em carta, comentava com Azeredo: “A *Gazeta de Noticias* falou hontem do aparecimento das *Horas sagradas*, e ao mesmo tempo dos *Versos* do Mario. Se leu a noticia e imaginou que as escrevi, acertou. Procurei justamente condensar o que lhe disse [...]” (ASSIS, 1969, p. 242, mantida a grafia original). Na mesma epístola, mencionava o artigo de Azeredo sobre Mário de Alencar, num verdadeiro círculo: o jornal trazia uma análise de Machado associando a poesia de Azeredo à de Mário, e também um artigo de Azeredo sobre Mário de Alencar, “que o deve ter lisonjeado e animado bem”. E as cartas, nos bastidores, iam para lá e para cá.

A contrapartida de Mário de Alencar se deu com os artigos sobre *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, publicados, respectivamente, em 2 de outubro de 1904 e 24 de julho de 1908, no *Jornal do Comércio* (cf. MACHADO, 2003, p. 263 e 285). As cartas de Machado de Assis revelam a sua gratidão ao amigo, como se pode observar no fragmento transcrito a seguir:

Meu querido Mário. / Ontem li e reli o seu artigo acerca de *Esau e Jacó*. Pela nossa conversação particular e pela sua cartinha de 26 sabia já a impressão que lhe deu o meu último livro; o artigo publicado no *Jornal do Comércio* veio mostrar que a sua boa amizade não me havia dito tudo. Creio na sinceridade da impressão, por mais que ela esteja contada em termos altos e superiores ao meu esforço. Vi que penetrou o sentido daquelas páginas, que as leu com amor e simpatia, e desta última parte nasceu dizer tanta coisa bela, mais ainda para quem já vai em pleno inverno. (ASSIS, 1986, p. 1.069).

Antes do artigo de 24 de julho de 1908, sobre o *Memorial de Aires*, Mário de Alencar já havia mencionado em carta particular as impressões sobre o livro. Em carta de 20 de julho – portanto, quatro dias antes da publicação do artigo –, Machado agradecia e já o aguardava: “Muito obrigado também pelo que me diz do livro. Aguardo o seu artigo amanhã” (ASSIS, 1986, p. 1.090). Não veio “amanhã”, mas, como dissemos, quatro dias depois, como atesta a obra de Ubiratan Machado (2003, p. 285), que transcreve o artigo.

O diálogo epistolar de Machado com seus amigos-críticos atesta a cumplicidade dos escritores. É sintomática a carta a José Veríssimo, de 4 de outubro de 1904 (mas também várias cartas a Azeredo), em que são visíveis os cumprimentos recíprocos e a indicação das leituras do momento de ambos: nada mais nada menos que os livros um do outro.

Nesse sentido, a carta seguinte do romancista revela uma *captatio benevolentiae* mútua:

Estimo que o meu *Esau e Jacó* lhe tenha produzido o efeito que me diz na carta. Se lhe pareceu que lá me teve a seu lado, em longa e interessante palestra, é porque estava também comigo, bastou a suprir a presença do amigo velho. Também eu cá o tive com o seu último volume dos *Estudos de Literatura* (4ª série), publicados na mesma ocasião. Já lhe conhecia as várias partes, entre elas a que me diz respeito, e que ainda uma vez lhe agradeço cordialmente. Já de há muito estou acostumado à sua crítica benévola, e mais que benévola. Esta nova série de estudos, vindo juntar-se às outras, dará caminho a um estudo geral das nossas letras, que servirá de guia a críticos futuros (ASSIS, 1986, p. 1.069-1.070).

Alcides Maia foi outro que recebeu carta de gratidão por artigo escrito sobre *Esau e Jacó*. A epístola é de 10 de outubro de 1904:

Meu jovem colega. / Deixe-me agradecer-lhe cordialmente as boas e finas palavras que fez publicar no *País* acerca do meu livro *Esau e Jacó*. Quando se conclui algum trabalho dá sempre grande prazer achar que[m] o entenda e explique com sincera benevolência e aguda penetração. Valham-me as suas agora, expostas com tão graciosa maneira, e aceite este aperto de mão do / Velho colega / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.070).

A última carta escrita por Machado de Assis (pelo menos de que se tem notícia) é de 7 de setembro de 1908, poucos dias antes de falecer. Nela, Machado agradece ao velho amigo Salvador de Mendonça pelo texto que este publicou no *Jornal do Comércio* sobre o último livro, *Memorial de Aires*:

A tua grande simpatia achou a velha da tradição itaboraiense para dizer mais vivamente o que sentiste do meu último livro. Fizeste-o pela maneira magnífica a que nos acostumaste em tantos anos de trabalhos e de artista. Agradeço-te, meu querido. (ASSIS, 1986, p. 1.094).

Só é preciso um rápido olhar sobre a obra de Ubiratan Machado (2003), que reúne a crítica em vida sobre Machado de Assis, para perceber que os maiores estudos, ou seja, as análises críticas mais extensas, regra geral, são justamente as de José Veríssimo, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar. Não por acaso.

4.2.6 A sobrecarga de trabalho e o Machado resmungão

Outro tema bastante recorrente observado nas cartas particulares de Machado de Assis é a sobrecarga de trabalho, que resulta, muitas vezes, na construção de um Machado resmungão. Se, em determinado período da vida, o autor passou por dificuldades financeiras e buscou ajuda junto ao amigo Francisco Ramos Paz (como se verá no tópico seguinte – *No tempo das vacas magras*), por outro lado, vivenciou situações de “sufoco” devido a tantas atribuições e prazos para serem cumpridos.

Independentemente da época, aos 30 anos ou aos 60, as cartas apresentam um Machado de Assis reclamando ou, ao menos, referindo-se à acumulação de trabalho. Talvez essa acumulação ocorra como escape à solidão e às poucas relações familiares, destacadas em tópico anterior, conforme o autor confessa em carta de 5 de janeiro de 1907, destinada a Mário de Alencar: “Faço o que posso, mas para

mim o trabalho é distração necessária” (ASSIS, 1986, p. 1.077). Distração, necessidade ou rotina, o certo é que, invariavelmente, as cartas apresentam um Machado assoberbado de trabalho. Tanto é que, mesmo nas cartas que não fazem menção explícita às muitas atribuições do autor, a quase totalidade da epistolografia gira em torno de ações profissionais: é o Machado de Assis que escreve como autor de romances, como crítico literário, como autor de teatro e versos, como correspondente de periódico europeu ou como presidente da Academia Brasileira de Letras. Raras são as vezes em que se sobressai, vamos dizer assim, a personalidade distinta de qualquer ação jornalística ou literária, como acontece nas duas únicas cartas endereçadas a Carolina presentes na epistolografia da *Obra Completa* (1986), que são de caráter mais íntimo.

Vale ressaltar que o tema da sobrecarga de trabalho constitui mais uma face não estudada do autor. Essa sobrecarga é o principal motivo do espírito resmungão de Machado e está presente, segundo o levantamento desta pesquisa, em 46 cartas. Às vezes, o escritor lamenta não poder encontrar os amigos no fim do dia, nas frequentes reuniões na Livraria Garnier ou na *Revista Brasileira*. A burocracia do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras, do qual era funcionário, o impedia de sair mais cedo do trabalho, a ponto de não mais encontrar os amigos no fim da tarde.

As “reclamações” ou referências à acumulação de trabalho começam por volta do ano de 1870, em carta a Francisco Ramos Paz, sem data determinada:

Meu caro Paz. / A pressa com que se precisa dos versos, a aglomeração de trabalho que sobrevivo agora, e as circunstâncias referidas na nossa conversa anteontem me impedem de servir-te como estava decidido. Não te

acanhos, se levar nisso gr.º interesse de afeição; farei então o trabalho a todo o custo; mas, se o caso é como me disseste, vê se me hás por dispensado, e crê-me teu / am.º do C. / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.031-2, grifo nosso).

A referência ao acúmulo de trabalho, presente na carta acima, poderia ser interpretada como um recurso retórico para o autor livrar-se de uma suposta atividade incômoda. Entretanto, o contexto da maioria das cartas enviadas ao amigo Paz indica que elas foram escritas nos anos 1869 e 1870¹³, envolvendo circunstâncias de dificuldades financeiras – como se verá mais adiante no presente trabalho –, o que não corrobora tal interpretação.

As cartas machadianas sugerem uma vida de trabalho árduo, indicando que a atividade de literato, por si só, talvez não suprisse as necessidades de alguém. Nem só de literatura viviam os escritores. Segundo Lajolo e Zilberman (1998, p. 64), “no Brasil do século XIX não foi possível à maioria dos escritores viver de sua literatura”. Nesse sentido, as epístolas revelam que, mesmo após o reconhecimento no cenário letrado brasileiro, Machado continuava a exercer suas funções administrativas na repartição pública onde trabalhava. Os seus colegas também exerciam outras atividades – eram diplomatas, advogados, possuíam cargos públicos etc. É nesse sentido que detectamos como recorrente a temática da sobrecarga de trabalho e do Machado resmungão.

Em carta de 14 de dezembro de 1876, destinada ao amigo Paz, Machado recusa uma oferta para trabalhar como tradutor do folhetim

13 As três cartas (bilhetes) destinadas a Francisco Ramos Paz que estão sem data na epistolografia machadiana foram colocadas próximas às outras que se supõem são de 1869 e 1870.

da *Gazeta*, alegando que são muitos os trabalhos que pesam sobre si (ASSIS, 1986, p. 1.035). Em carta “a um jovem colega”, afirma: “são tais porém os meus trabalhos e apoquentações” (ASSIS, 1986, p. 1.036), justificando a demora na resposta à carta do destinatário. Para J. C. Rodrigues, outra justificativa: “Escrevera-lhe eu mais longamente desta vez, se não fora tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito” (ASSIS, 1986, p. 1.032).

Se essas três passagens podem soar como desculpas para o autor não assumir ou retardar certos compromissos, em outra carta, desta vez destinada a Joaquim Nabuco, não havia motivo para isso. Machado afirmou categoricamente: “Escrevo esta carta prestes a sair da Corte por uns dois meses, a fim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinário que tive em 1880 e 1881” (ASSIS, 1986, p. 1.036). Embora não faça referência às ocupações, lembremos que, em 1880, o autor publicou, em folhetins, o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, editado em livro no início de 1881. Ainda em 1880, também assumiu o cargo de oficial do Gabinete do Ministro da Agricultura, o que, no dizer de Magalhães Júnior (1981, v. 2, p. 275), o fez um “quase ministro”, no sentido de assumir várias incumbências do Ministério na ausência do superior ou mesmo em sua presença.

Um artigo para a *Revista Brasileira*, comandada pelo amigo José Veríssimo, ficou comprometido face ao prazo exíguo e por algum problema de comunicação. Era necessário destinar um tempo exclusivo para a escrita dele, caso contrário não se alcançaria o objetivo dentro da data prevista:

Ilmo. am.º e colega. / Creio que houve um pequeno equívoco entre nós. Quando me falou pela primeira vez no artigo para a *Revista Brasileira*, deu o prazo até 5 do corrente. Assim, quando anteontem lhe disse que o dia

de ontem era dedicado ao artigo, não cuidei que o prazo ficava encurtado. Daí esta consequência: fiz o borrão apenas, resta-me copiá-lo e revê-lo. É o que vou fazer e se o equívoco foi meu, releve-mo. (ASSIS, 1986, p. 1.040).

As referências à sobrecarga de trabalho intensificam-se a partir da metade da década de 1890. Diretamente associada à fadiga profissional, emerge a temática da velhice, já estudada neste trabalho. Cansaço, velhice, enfermidades e muito trabalho vão compor o cenário das cartas machadianas a partir da época referida.

“O dia de ontem foi para mim de complicações e atribuições” (ASSIS, 1986, p. 1.042): palavras como estas, do primeiro dia de dezembro de 1897, vão se repetir com suas variantes ao longo dos anos seguintes. Particularmente, nos meses de novembro e dezembro de 1898, José Veríssimo recebe cinco cartas de Machado de Assis e, em todas elas, há a indicação da impossibilidade de encontrar o amigo face às muitas ocupações:

Esta carta, além do que lhe é pessoal, vale por uma circular aos amigos da *Revista*, a quem não vejo há mais de dois anos ou quarenta e oito horas. Como é possível que me suceda hoje a mesma coisa, peço-lhe a fineza de dividir com eles as saudades que vão inclusas, mas o papel não dá para todas. [...] Quisera ir pessoalmente, mas é provável que não possa. O tempo voa e o dia 30 está a pingar. (ASSIS, 1986, p. 1.043).

Escrevi sábado ao nosso Paulo dizendo que lá iria, se pudesse, mas saí depois das 6 horas da tarde. Não sei se poderei ir hoje; creio que não, mas caso saia a tempo, correrei à *Revista*. (ASSIS, 1986, p. 1.044).

A minha idéia era lá dar um pulo agora, mas não posso, e provavelmente não poderei fazê-lo hoje. (ASSIS, 1986, p. 1.044).

Meu caro Veríssimo. / Escrevo-lhe a tempo de suprir a visita pessoal, caso não possa ir agradecer-lhe as suas boas palavras de amigo no último número da *Revista*. (...) (ASSIS, 1986, p. 1.044).

Meu caro Veríssimo. / Aceito muito agradecido os abraços de fim de ano, aqui os devolvo com igual cordialidade, pedindo-lhe também que apresente à sua senhora as minhas respeitosas felicitações. Quanto à *Revista*, era ontem dia marcado e hoje também, mas ontem os destinos o não quiseram, estive doente e recolhi-me logo. Hoje estou aqui preso pelo trabalho. (ASSIS, 1986, p. 1.044, grifo nosso).

Esta última carta, inclusive, é datada de 31 de dezembro de 1898: o último dia do ano também foi cheio de atividades, que “prenderam” o autor. Na mesma época, mais precisamente em 25 de dezembro de 1898, Machado havia escrito uma carta para Magalhães de Azeredo nos mesmos termos e com mais explicações:

Hade saber que desde 17 de novembro estou de Secretario do Ministro da Viação. O que não sabe talvez é que o meu trabalho é agora immenso, e dizendo-lhe eu que saio todos os dias da Secretaria ao anoitecer, e, não obstante, trabalho em casa, logo cedo, e aos domingos tambem, poderá imaginar a vida que levo. (ASSIS, 1969, p. 161, mantida a grafia original).

Ainda antes, em 1894, Machado chegou a confessar ao próprio Azeredo que trabalharia até no domingo: “Vou abrir a pasta da

Secretaria apesar de domingo, e dar-me aos negócios administrativos” (ASSIS, 1969, p. 25).

No início de 1899, as palavras se repetiam. Para Joaquim Nabuco, em 13 de fevereiro, Machado disse: “A vida que levo, entregue pela maior parte à administração, não me permitiu conversar com os amigos da *Revista* mais que duas vezes” (ASSIS, 1986, p. 1.045). Para Veríssimo, os lamentos por não poder encontrar os colegas continuavam, e, em carta de 25 de fevereiro, o autor fez uma série de perguntas sobre candidaturas e definições na Academia Brasileira de Letras, dizendo que quando pudesse apareceria na *Revista*: “Todas estas perguntas são de pessoa que não pode aparecer e vive aqui entre ofícios e requerimentos. Como vão os amigos? Diga ao Paulo que estou à espera do que ele ficou de me dizer relativamente ao pai. Logo que possa, apareço. Até breve. Se desse cá um pulo? Em troca, tome lá um abraço e adeus” (ASSIS, 1986, p. 1.045). Para Azeredo, em 12 de março, a mesma “cantilena”:

(...) pode imaginar o serviço que tenho a meu cargo, já em casa, já Secretaria, donde o Ministro, eu e os demais auxiliares do gabinete saímos regularmente às seis e meia e sete horas da tarde. Para um homem franzino e avançado em annos, a tarefa não é pequena, posto que vou dando conta della como posso. (ASSIS, 1969, p. 170-1, mantida a grafia original).

Em junho do mesmo ano (1899), Machado chegou a dizer que ia pedir uma dispensa para poder realizar uma sessão da Academia: “Vou escrever a este [Rodrigo Otávio] para mandar a notícia, e entender-me-ei com o Ministro para que me dispense o tempo necessário” (ASSIS, 1986, p. 1.047).

O ano de 1900 não foi diferente. Nada menos que nove cartas referiram-se à acumulação de trabalho. Quando não era possível o encontro pessoalmente, a carta supria a ausência, mas mesmo assim, através de uma epístola curta, pois o tempo era pouco e o trabalho, muito. Para Veríssimo, em 5 de janeiro, a justificativa foi a seguinte:

Recebi a sua carta anteontem à noite. Era minha intenção ir lá ontem, mas não pude, e não sei se poderei fazê-lo hoje; provavelmente não. Dado que sim, a visita aparecerá atrás da carta, mas para o caso de falhar a primeira, aqui vai a segunda. É curta, porque o gabinete está cheio de gente e a mesa de papel. (ASSIS, 1986, p. 1.050, grifo nosso).

E como numa espécie de “refrão”, os resmungos machadianos continuavam ao longo das cartas: “Até logo se puder sair a tempo; se não, até amanhã, que é terça-feira, dia de despacho” (ASSIS, 1986, p. 1.051-2); “Sinto não poder dispor de todas as minhas horas. Fui ontem à *Revista* por alguns minutos” (ASSIS, 1986, p. 1.052); “Não sei se V. tem ido à *Revista*. Eu tenho saído agora muito tarde, de maneira que acho a porta fechada” (ASSIS, 1986, p. 1.053); “Desculpe os borrões da carta; escrevo no meio de atropelo e papelada grande” (ASSIS, 1986, p. 1.054); “Meu caro J. Veríssimo. / Ontem, quando o Ministro saiu, corri ao Garnier, mas era tarde; faltavam dez minutos para as cinco. Hoje não sei ainda se poderei ir a tempo; mas farei tudo para lá estar às quatro e meia. Como pode suceder que não saia mais cedo que ontem, quero desde já apertar-lhe a mão pelo estudo sobre a Prosopopéia, cuja segunda parte li há pouco” (ASSIS, 1986, p. 1.058); “Eu saio tarde do gabinete do Ministro, e entro cedo á mesma hora delle, que é matutino” (ASSIS, 1969, p. 206, mantida a grafia original); “Já não dou desculpas, para não o enfadar com repetições,

mas imagine que o que lhe tenho dito mais de uma vez, naturalmente se agrava com os dias. Quero dizer que as ocupações estranhas, obrigadas e diuturnas se tornam mais penosas e crescidas á medida do tempo” (ASSIS, 1969, p. 233, mantida a grafia original).

Em carta a Veríssimo, datada de 17 de março de 1903, Machado comenta, mais uma vez, os desencontros com o amigo e chega a brincar (coisa raríssima nas cartas) com o período no qual aumenta o trabalho na Secretaria:

Você, quando chego ao Garnier, já saiu, e agora cedo. Eu, é certo que chego tarde, mas sabe o que é, faz acaso mínima idéia do que, em linguagem administrativa, se chama a última quinzena do trimestre adicional? Repita comigo: última quinzena do trimestre adicional. Outra vez, devagar, e mande-me de lá um suspiro. Eis uma das razões de sair agora mais tarde. Hoje, porém, espero sair mais cedo, e se o não encontrar no Garnier é porque o Destino continua a querer a nossa eterna separação. (ASSIS, 1986, p. 1.062).

Quatro anos depois, em 1907, justificando a Mário de Alencar a impossibilidade de uma visita, a referência ao “trimestre” é a mesma: “Demais, é fim do trimestre adicional, em que a Contabilidade de todos os Ministérios trabalha muito” (ASSIS, 1986, p. 1.080). E ainda no ano seguinte, em 23 de fevereiro: “Eu vou emagrecendo e o trabalho neste trimestre adicional cresce e cansa” (ASSIS, 1986, p. 1.087).

É sabido, por meio dos biógrafos e também por meio de algumas cartas, que Machado de Assis tinha problemas de visão que o impediam de escrever à noite. Os trabalhos na repartição, durante o dia, somados ao problema ocular, provocavam atrasos nas publicações do autor. Pelo menos é o que se depreende de uma sequência de cartas a Azeredo, em que Machado fala a respeito da escrita de um livro, um

romance, cuja duração de produção foi de anos, e que se supõe, pela data e por algumas marcas textuais, tratar-se de *Dom Casmurro*. A primeira carta, transcrita abaixo, é de 26 de maio de 1895:

Pelo que me toca, o livro em que trabalho é ainda um romance. Não estou certo do titulo que lhe darei; já lhe pus três, e eliminei-os. O que ora tem é provisório; ficará, se não achar melhor. Disse-lhe romance, mas subtenda que no genero do meu *Quincas Borba*, o melhor que se accomoda ao que estou contando e á minha propria actual feição. Não trabalho continuamente, tenho gdes. intervallos de dias, e até de semanas. As tarefas administrativas são muitas, e, como ja lhe disse, não tenho noites. Se puder concluir o livro este anno, tanto melhor. (ASSIS, 1969, p. 47, mantida a grafia original).

Em 3 de setembro do mesmo ano, Machado volta a falar no livro que estava escrevendo, já insinuando a hipótese de lançá-lo no início do século seguinte, ou seja, quase seis anos depois:

O [livro] que estou escrevendo imagine que ainda não está acabado, e que terá de ser impresso depois. Se levar a demora deste é negocio para saudar o proximo século; mas pode ser que não. (ASSIS, 1969, p. 59, mantida a grafia original).

Não eram apenas as dificuldades de publicação da época que concorriam para atrasar o lançamento de um livro. No caso de Machado de Assis, a acumulação de atividades administrativas também contribuiu decisivamente para tanto. As cartas sugerem que *Dom Casmurro* estava sendo escrito desde 1895 (o lançamento só se deu em 1899, na França, chegando ao Brasil em 1900). Em carta de 28 de julho de 1899, Machado diz a Azeredo:

As *Paginas recolhidas* estão prestes a sahir, impressas em Paris. Tambem lá se está imprimindo o livro de que ja lhe falei, *Dom Casmurro*; não me lembra se lhe confiei o titulo. O primeiro não é propriamente novo, segundo se vê bem do titulo, mas tambem não é reimpressão de outro livro. *Dom Casmurro* é inédito; veremos o que sairá impresso. Já devolvi as provas dos ultimos capitulos, mas tendo de ler segundas provas do livro, conforme mandei pedir, não creio que antes de novembro possa ser exposto ao publico. Agora não sei quando poderei escrever outro; o trabalho administrativo, especial e dobrado que trago sobre mim, vêda em emprehendel-o. Por outro lado, é preciso ir contando os annos, e cumprindo as advertencias da natureza, que é pessoa despotica. Mas é possivel que, em me sentindo mais alliviado de outras obrigações, tente alguma cousa. (ASSIS, 1969, p. 181-2, mantida a grafia original).

Em março de 1900 é que Machado comunica, via carta, a chegada do livro: “Quanto ao *Dom Casmurro*, depois de muita demora appareceu aqui, e foi surpresa para toda a gente. Foi posto à venda na semana passada” (ASSIS, 1969, p. 195, mantida a grafia original). E na mesma epístola, o “refrão” se confirmava: “O trabalho cresce-me à medida que o tempo diminue”.

O acúmulo de atividades fez Machado recusar obrigações periódicas nos jornais, como se vê em cartas a Azeredo, quando aquele comenta também a suspensão da coluna “A Semana” na *Gazeta de Notícias*. A primeira carta é de 9 de dezembro de 1895:

As folhas de S. Paulo tem varios collaboradores daqui [Rio de Janeiro], Silvio Roméro, Bilac, Coelho Netto, Ferreira de Araujo, Affonso Celso. Já me propuseram tambem escrever para uma dellas, mas respondi que, por ora, não podia aceitar nada. Não tenho tempo. Escrevo uma ou outra cousa, como terá visto, por exemplo, na *Gazeta* de 15 de Novembro, folhas soltas, promessas de prompta execução.

O que não posso é aceitar obrigações periódicas e regulares. (ASSIS, 1969, p. 68-9, mantida a grafia original).

Em 25 de abril de 1897, Machado acrescenta: “Ultimamente tenho estado assaz fatigado, tanto que deixei por uns tres mezes a minha *Semana da Gazeta de Noticias*” (ASSIS, 1969, p. 108). E, em 21 de julho do mesmo ano, arremata:

Ando em divida com a *Revista Brasileira*, e divida por falta de tempo e sobra de cansasso. Hade ter visto que suspendi, ha tempos, as *semanas da Gazeta*; penso voltar a ellas, mas ainda não escolhi dia. Alem do mais, andei adoentado, e não me posso dizer inteiramente restabelecido. (ASSIS, 1969, p. 122, mantida a grafia original).

Em muitas ocasiões, Machado de Assis indica o excesso de trabalho como causa de doenças e cansaço. Não foram raras as vezes em que ele mencionou dores de cabeça, “fenômenos nervosos”, “olhos cansados”, em razão da sobrecarga que lhe era imposta.

Machado trabalhou até o último ano de vida. Nos últimos meses, estava de licença, e as forças diminutas davam previsão do desfecho. Pouco menos de dois meses antes de morrer, em carta de 1º de agosto de 1908, mencionou o seguinte ao amigo Joaquim Nabuco: “Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles”. Ao que parece, não voltou. Faleceu em 29 de setembro.

4.2.7 No tempo das vacas magras

As cartas da época inicial do casamento de Machado de Assis revelam dificuldades financeiras passadas pelo romancista. Ele ainda

não estava empregado na Secretaria que tanto lhe acumulou trabalhos. A partir de 1867, o autor se inseriu no cenário jornalístico, mas nem por isso deixou de passar por momentos de dificuldades financeiras. As referências a essas dificuldades cessam nas cartas dos anos de 1869 e 1870 a Francisco Ramos Paz. A partir de 1873, o cenário profissional de Machado de Assis começa a mudar com o emprego na Secretaria da Agricultura, onde, com o passar do tempo, ele vai galgar a certas posições.

Como está assentado na crítica e na história literária brasileira e também mencionado neste trabalho, as cartas machadianas não chegam a revelar muitas confidências. Mas a construção da imagem do grande autor ou do consagrado presidente da Academia Brasileira de Letras como um homem que não se expôs sequer em cartas particulares não se fez desde sempre, ou seja, em determinada parte de sua vida, por volta dos 30 anos, por exemplo, essa imagem, naturalmente, ainda não estava produzida. É por isso que ainda se vê, em cartas de até 1870, a temática “problemas financeiros”. Um tema bem particular, bem pessoal, que o tempo e o emprego público, de alguma forma, afastarão das outras epístolas.

Em 1870, Machado completava 31 anos de idade e era casado há pouco menos de um ano. O casamento, que ocorreu mais especificamente em 12 de novembro de 1869, trouxe responsabilidades maiores e dificuldades financeiras certamente desconhecidas até então.

Quatro cartas destinadas ao amigo Francisco Ramos Paz tematizam essa problemática. Paz, como era chamado por Machado, era um português que morou com o autor de *Quincas Borba* entre 1860 e 1869, segundo nota de rodapé da epistolografia machadiana (ASSIS, 1986, p. 1.030). Bibliófilo, tornou-se proprietário de uma das

mais requisitadas bibliotecas do país, sendo bastante mencionado na correspondência de Capistrano de Abreu (AMED, 2006).

A primeira carta destinada a Francisco Ramos Paz é de 19 de novembro de 1869, sete dias após o casamento de Machado, cuja transcrição é a seguinte:

Meu caro Paz. / Estimo muito e muito as tuas melhoras, e sinto deveras não ter podido ir ver-te antes da tua partida para a Tijuca. Agradeço-te as felicitações pelo meu casamento. Aqui estamos na Rua dos Andradas, onde serás recebido como um amigo verdadeiro e desejado. / Infelizmente ainda não te posso mandar nada da continuação do drama. Na tua carta de 8 deste-me parte da tua moléstia e pediste-me que preparasse a cousa para a segunda-feira próxima. Não reparaste certamente na impossibilidade disto. Eu contava com aquele adiantamento e a tua carta anulou todas as minhas esperanças. Não imaginas que me foi preciso fazer desde segunda-feira à noite até sexta-feira de manhã. De ordinário é sempre de rosas o período que antecede o noivado; para mim foi de espinhos. Felizmente o meu esforço esteve na altura de minha responsabilidade e eu pude obter por outros meios os recursos necessários na ocasião. Ainda assim não pude ir além disso; de maneira que, agora mesmo, estou trabalhando para as necessidades do dia visto que só do começo do mês em diante poderei regularizar a minha vida. / Tais são as cousas pelas quais não pude continuar o nosso trabalho; continuá-lo-ei desde que tiver folga para isso. Ele me será necessário, e tu sabes que eu não poupo esforços. Espero porém que me desculpes se neste momento estou curando da solução de dificuldades que eu não previa nem esperava. / Se a Tijuca não fosse tão longe iria ver-te. Apenas vieres para casa, avisa-me a fim de te fazer a competente visita e conversarmos acerca da conclusão da obra. / Teu / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.030-1, grifos nossos).

É consenso entre os biógrafos machadianos que o autor das *Crisálidas*, nos primeiros dias de casado, solicitou empréstimo ao amigo Paz, como atesta a própria epistolografia. Para Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 116-8) e para Magalhães Júnior (1981, v. 2, p. 53-4), o *Memorial de Aires*, sendo um livro de caráter autobiográfico, recuperou esse tempo de agruras financeiras. Para eles, o casal Aguiar e D. Carmo pode ser lido como Machado e Carolina nos primeiros dias de casados:

A pobreza foi o lote dos primeiros tempos de casados. Aguiar dava-se a trabalhos diversos para acudir com suprimentos à escassez dos vencimentos. D. Carmo guiava o serviço doméstico ajudando o pessoal deste e dando aos arranjos da casa o conforto que não poderia vir por dinheiro. Sabia conservar o bastante e o simples; mas tão ordenadas as cousas, tão completadas pelo trabalho das mãos da dona que captavam os olhos ao marido e às visitas. Todas elas traziam uma alma, e esta era nada menos que a mesma, repartida sem quebra e com alinho raro, unindo o gracioso ao preciso. Tapetes de mesa e de pés, cortinas de janelas e outros mais trabalhos que vieram com os anos, tudo trazia a marca da sua fábrica, a nota íntima da sua pessoa. Teria inventado, se fosse preciso, a pobreza elegante. (ASSIS, 1997, p. 15).

Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 118) chega a afirmar categoricamente: “Leia-se Carolina e Machado onde há Carmo e Aguiar, e ter-se-á a descrição do lar de Machado de Assis, desde a primeira casa, na rua dos Andradas, até a última, no Cosme Velho”.

A seqüência de cartas a Paz, provavelmente de 1869 e 1870, sugere um remetente envolto em necessidades:

Paz. / Procurei-te ontem e anteontem em casa, e não te achei. Hoje, se te não encontrar, deixarei esta carta, pedindo-te que me esperes amanhã de manhã para conversarmos sobre aquilo. Sei que tens andado ocupado, e temo importunar-te com estes pedidos; mas, como te disse, não tenho outro recurso, e desejava concluir o negócio o mais cedo que fosse possível. Não insisto. Não insisto sobre a importância capital do serviço que me estás prestando; tu bem o compreendes, e sabes além disso qual é a minha situação. Não pude arranjar a cousa só por mim, vê se consegues isso, e repara que os dias vão correndo. Ajuda-me, Paz: eu não tenho ninguém que o faça. Conselhos, sim; serviços, nada. / Espera-me amanhã, domingo; irei às dez horas e meia para dar-te tempo de concluir o sono que por ser domingo, creio que irá até mais tarde. / Teu / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.031, grifos nossos).

Paz ami.º / Ainda preciso daquilo de que te falei. Vê se me arranjas, e deixo ao teu parecer as condições, que conto serão razoáveis, favoráveis para mim / Todo teu / M. d'ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.031, grifo nosso).

As cartas sobre dificuldades econômicas terminam em 1870. Para Lúcia Miguel Pereira, a situação financeira do casal, tão precária inicialmente, vai gradativamente melhorando. Isso, naturalmente, é a razão para a ausência do tema nas demais cartas. Machado vai se firmando como funcionário público:

Em janeiro de 71, criado o Conservatório Dramático sob a presidência de José de Alencar, foi Machado nomeado um dos seus membros; não diz o decreto se o cargo era honorífico, mas é provável que sim. Logo no ano seguinte, em abril de 72, foi designado para amanuense da comissão do *Dicionário Tecnológico da Marinha*, com a gratificação de cinquenta mil réis mensais. Substituiu a César Muzzio, falecido nesse ano.

Foi breve a sua permanência na Comissão, que deixou em 73, quando, na reforma da Secretaria da Agricultura, foi nomeado primeiro oficial. É de 31 de dezembro de 1873 o decreto de nomeação, e a 6 de janeiro de 1874 deixou ele o lugar do *Diário Oficial*.

O sossego material estava assegurado, entrava para um cargo estável, e de acesso: ganhava 4:000\$000 anuais, o que representava bons vencimentos para a época. (PEREIRA, 1988, p. 121).

Acrescente-se, ainda, que o autor assumia cada vez mais colaborações em periódicos e iniciava a publicação de suas obras com o livreiro Garnier, já em 1869.

4.2.8 Machado e o teatro

Parece ser consenso nos estudos críticos que Machado de Assis foi mais profícuo como crítico teatral do que como autor dramático. A biografia e as cartas, de alguma forma, mostram que Machado se envolveu com o teatro muito mais ou exclusivamente na década de 1860, quando foram publicadas traduções ou peças originais do autor: *Queda que as mulheres têm pelos tolos* (tradução, 1861); *Desencantos* (fantasia dramática, 1861); *O protocolo* e *O caminho da porta* (1863); *Quase ministro* (1864); e *Os deuses de casaca* (1866). Outro trabalho dramático só sairia em 1881 (*Tu só, tu, puro amor*).

Considerando o Epistolário de Machado de Assis, presente na *Obra Completa* (1986) organizada por Afrânio Coutinho, apenas seis cartas da década de 1860 sobreviveram. Duas foram destinadas a Carolina. Três dessas cartas revelam o autor envolvido com a escrita de textos para o teatro: uma para Quintino Bocaiúva, solicitando conselhos; um bilhete para o Conservatório Dramático com a remessa

de uma comédia; e a terceira, uma espécie de inquietação por não ter terminado um drama prometido a Francisco Ramos Paz.

A principal delas é a destinada a Quintino Bocaiúva, que já foi transcrita neste trabalho, por ocasião da análise dos elementos da *ars dictaminis*. Entretanto, a transcrição é novamente necessária, em virtude do enfoque distinto que vai ser dado:

Meu amigo. / Vou publicar as minhas duas comédias de estréia e não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência. / Já uma crítica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação. / Sou imensamente reconhecido, por tal, aos meus colegas da imprensa. / Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não altera o valor da obra? / É para a solução destas dúvidas que recorro à tua autoridade literária. / O juízo da imprensa via nestas duas comédias – simples tentativas de autor tímido e receoso. Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o trabalho: cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. / Caminhar destes simples grupos de cenas à comédia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento prático das condições do gênero – eis uma ambição própria de ânimo juvenil e que eu tenho a imodéstia de confessar. E tão certo estou da magnitude da conquista que me não dissimulo o longo estádio que há percorrer para alcançá-la. E mais. Tão difícil me parece este gênero literário que, sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverá, menos superáveis e tão sutis, que ainda as não posso ver. / Até onde vai a ilusão dos meus

desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti. / E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razões de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento. / O que nos honra, a mim e a ti, é o que a tua imparcialidade suspeita. Serás justo e eu dócil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: *Les amitiés, qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?* / Teu amigo e colega / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.028, grifos nossos).

Esta carta nos revela um Machado de Assis que “engatinhava” em busca de projeção como autor de texto teatral. Nessa época, Machado já era redator, tinha sido crítico teatral e iniciava sua produção dramática. Tinha 23 ou 24 anos quando solicitou conselhos a Quintino Bocaiúva, então com 26 ou 27 anos. Bocaiúva foi poeta, teatrólogo, jornalista e, na época, já contava com alguma inserção na cultura carioca. Era, como Machado, redator do *Diário do Rio de Janeiro*, além de diretor da Biblioteca Brasileira. Se correta a suposição de que a carta foi escrita em 1862 ou 1863, Bocaiúva já tinha escrito algumas peças. Por essa razão, Machado entendia o amigo como uma referência para o teatro ou para sua produção.

Apesar de já trabalhar na imprensa como redator e de já ter sido crítico de teatro, Machado pede conselhos a Bocaiúva sobre as duas comédias de estreia. O autor quer saber se “o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode sem inconveniente ser trasladado para o papel”, ou seja, se a peça já encenada sofre mudanças quando transposta para a publicação escrita, no que diz respeito ao valor da obra ou aos juízos dos críticos. Confirma Machado a sua intenção: “A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não

altera o valor da obra? / É para a solução destas dúvidas que recorro à tua autoridade literária”.

Sabendo que Bocaiúva havia feito considerações elogiosas sobre suas peças quando da encenação, Machado pede orientações para a publicação do texto. Segundo nota de rodapé presente na *Correspondência* (1962) editada por W. M. Jackson e mantida por Afrânio Coutinho na *Obra Completa* (1986), as duas peças eram “O caminho da porta” e “O protocolo”, publicadas em 1863.

As peças de Machado de Assis foram recebidas pela crítica como “simples tentativas de autor tímido e receoso”, segundo a carta. Com certa humildade retórica, Machado reconhece forças insuficientes para uma peça mais densa, mas promete esforçar-se para alçar voos mais altos. Machado precisava de uma orientação literária para alcançar o beneplácito da crítica e a consistência de um autor de escritos teatrais: “Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti”. Machado se preocupava com a mudança do *suporte* e, conseqüentemente, com a possível mudança do público: havia diferença entre o público que lia o texto dramático e aquele que assistia às peças?

A segunda carta, uma espécie de bilhete, é destinada a Domingos Jaci Monteiro, então secretário do Conservatório Dramático, em 18 de março de 1864. Na época, para as encenações, as peças precisavam passar pelo crivo do censor, cargo que Machado também ocupou:

Il^{mo} Sr. Dr. Domingos Jaci Mont.^{ro} / Dig.^o Secret.^o
Conservat.^o Dramático Brasileiro. / Tenho a honra de remeter a V. S.^a a minha comédia em 3 atos intitulada: *O Pomo da Discórdia* para ser sujeita ao parecer do Conservatório Dramático Brasileiro. / Deus g.^e a V. S.^a / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.028).

Em carta de 19 de novembro de 1869, destinada a Francisco Ramos Paz, Machado fala sobre um drama que está escrevendo, mas cuja continuação ainda não pode enviar, provavelmente devido a problemas financeiros, como visto em tópico anterior.

A epistolografia machadiana revela o insucesso na área teatral visto que apenas sete cartas fazem alguma referência à temática. Transcorridos mais de quinze anos após as cartas da década de 1860, aparece uma carta em 1895 falando de teatro, mas tão somente para enviar uma cópia de uma antiga peça para o arquivo do Gabinete Português de Leitura.

Em carta de 1897, endereçada a Salvador de Mendonça, outra vaga citação: um agradecimento ao destinatário por ter feito referência a uma peça na dedicatória de um livro recebido. Em 1904, há uma felicitação ao amigo Salvador por um discurso em que este saudava o ator João Caetano. E em 1908, o escritor comenta com Veríssimo sobre a republicação de suas peças. As cartas pessoais de Machado parecem contribuir para a ideia de que o Machado de Assis do teatro não foi o mesmo profícuo autor de romances e contos.

4.2.9 Machado intermediário

Muitas cartas entremostam a figura de Machado de Assis como um intermediário, ou seja, como alguém a quem os amigos recorrem para obter algum benefício. Do ponto de vista literário, a opinião ou o respaldo do presidente da Academia Brasileira de Letras, já reconhecido escritor no cenário intelectual da corte, era fundamental, era uma espécie de passaporte para o reconhecimento. “Recorrer, na última década do século XIX, à mediação de Machado de Assis

equivalia a estabelecer parceria com nada menos do que o patriarca da literatura brasileira” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1998, p. 75-6). Além disso, havia a influência de Machado no meio jornalístico, devido às funções, exercidas ou ainda vigentes, de redator, crítico ou cronista. Do ponto de vista administrativo, os cargos exercidos pelo romancista também lhe conferiam uma posição de certo destaque ou relevância. Em 1873, tornou-se o primeiro-oficial da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; em 1876, passou a chefe de seção; em 1880, veio a ser oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura; em 1889, assumiu o cargo de diretor na Diretoria de Comércio da Secretaria da Agricultura; em 1892, tornou-se diretor-geral do Ministério da Viação. E mesmo depois de afastado, voltou a exercer uma função na secretaria em contato direto com o ministro. Enfim, sua carreira no serviço público foi ascendente e cheia de atribuições.

O lugar social alcançado por Machado no funcionalismo público ou no mundo das letras colocava-o em destaque, a ponto de algumas cartas revelarem pedidos dos amigos para que o autor conseguisse algum benefício.

Lajolo e Zilberman (1998, p. 72-6) analisam a correspondência entre Magalhães de Azeredo e Machado de Assis, mostrando o jogo de compadrio estabelecido entre os dois. Valendo-se do prestígio de Machado, que funciona como uma espécie de agente literário, Azeredo buscava a oportunidade de ver seus livros lançados no mercado carioca. Em várias cartas, o autor de *Dom Casmurro* mostra que está estabelecendo contatos com os editores e negociando valores e prazos, enfim, fazendo tudo aquilo que é necessário para a publicação dos livros do amigo.

Atestam ainda esse fato os pedidos de alguns escritores novatos feitos a Machado, a fim de que escrevesse o prefácio de um livro ou analisasse alguns textos. Nesse sentido, o próprio Azeredo consegue que o conhecido romancista escreva o prólogo do livro *Procelárias*. O mesmo acontece com Lúcio de Mendonça, para quem Machado escreve a carta-prefácio do livro *Névoas Matutinas*; Francisco de Castro (carta-prefácio de *Harmonias Errantes*); e Enéias Galvão (carta-prefácio de *Miragens*). Poucos dias antes de falecer, Machado ainda era procurado, como atesta a carta a Batista Cepellos, de 30 de julho de 1908. As condições de saúde, entretanto, já não eram favoráveis, de modo que, com fina educação e alta cortesia (elementos da já discutida *captatio benevolentiae*), o romancista descarta a hipótese de uma análise mais aprofundada, mas ainda demonstra (quem sabe, retoricamente) que leu os versos do poeta iniciante:

Meu distinto Sr. Cepellos, / A pessoa que me trouxe o seu livro das *Vaidades* lhe terá dito que o meu estado de saúde não permite fazer dele a leitura precisa a um cabal juízo. Para um moço que começa assim em tão verdes anos uma leitura rápida não basta; fi-la, entretanto, o bastante para ver que há notas de vigor e rasgos de colorido, surtos altos ao par de descuidos a que o autor de si mesmo acabará fugindo. Este juízo é sem autoridade e expresso com a timidez dos velhos. / Creia-me, com elevada / consideração, / admor. e obr. / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.091).

Não aprofundaremos essa “intermediação literária” porque ela está diretamente associada ao que já foi dito no tópico da *crítica-amiga*. Destacaremos a mediação “administrativa” ou o “tráfico de influência”.

Algumas cartas revelam Machado intermediando empregos, como demonstra a epístola a Lúcio de Mendonça, datada de 16 de abril de 1873:

Meu caro Lúcio de Mendonça. / Antes de mais nada deixe-me agradecer-lhe a confiança que depositou em mim. Qualquer que fosse o objeto, devia agradecer-lhe; tratando-se porém de seu futuro, como me disse, lisonjeou-me muito mais a escolha que fez de mim. / Conversei com o Garnier e miudamente lhe expus a sua proposta com as vantajosas condições que me indicou; sua resposta foi que neste momento acha-se ele com cinco tradutores, que trabalham assiduamente e são mais que suficientes para fornecer o mercado do Rio de Janeiro. Mostrou sentir não poder aceitar a sua proposta, alegando que não podia despedir nenhum dos outros, um dos quais parece que é o Salvador, se me não engana a memória. Diante desta proposta, compreende que eu nada podia fazer, salvo alegar a alta importância que tinha para o meu amigo neste negócio, o que fiz logo do princípio. / Tal é meu caro Lúcio a resposta que sou obrigado a enviar-lhe. Se alguma coisa aparecer por aqui no mesmo sentido, apressar-me-ei a comunicá-lhe. Por outro lado se de lá se lembrar de algum negócio em que eu possa ser mediano, pode contar que o farei com a melhor vontade do coração. Creia-me seu amigo e admirador. / M. DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.032-3, grifos nossos).

O texto mostra que Machado tentou uma vaga de tradutor para Lúcio de Mendonça, a pedido deste, com o editor e livreiro Garnier. Mesmo não obtendo resposta positiva, comprometeu-se em avisar quando surgisse outra oportunidade, assumindo textualmente a função de “mediano”.

Inserido no meio jornalístico, em 8 de outubro de 1877, Machado, intermediando a busca por alguém para ocupar uma vaga

para um novo jornal que surgia, convida o irmão de Lúcio, Salvador de Mendonça, para o cargo de correspondente:

Meu caro Salvador. / [...] Vai aparecer no 1.º do ano de 78 um novo jornal, *O Cruzeiro*, fundado com capitais de alguns comerciantes, uns brasileiros e outros portugueses. O diretor será o Dr. Henrique Correia Moreira, teu colega, que deves conhecer. / Incumbi-me este de te propor o seguinte: / 1.º Escreveres duas correspondências mensais. / 2.º Remeteres cotações dos gêneros que interessem ao Brasil, principalmente banha, farinha de trigo, querosene e café, e mais, notícias do câmbio sobre Londres, Paris etc., e ágio do ouro. / 3.º Obteres anúncios de casas industriais e outras. / Como remuneração: / Pelas correspondências, 50 dólares mensais. / Pelos anúncios, uma porcentagem de 20%. / Podes aceitar isso? No caso afirmativo, convém remeter a primeira carta de maneira que possa ser publicada em janeiro. Caso não te convenha, o Dr. Moreira pede que vejas se o nosso amigo Rodrigues, do *Novo Mundo*, pode aceitar o encargo, e em falta deste algum outro brasileiro idôneo. / Os industriais que quiserem mandar os anúncios poderão também remeter se lhes convier, os *clichés* e gravuras. Quanto ao preço dos anúncios, não está ainda marcado, mas regulará o do *Jornal do Comércio*, ou ainda alguma coisa menos. [...] (ASSIS, 1986, p. 1.035).

Às vezes, a intermediação referia-se a contatos mais simples, autorizações, informações, pedidos de livros ou articulações em torno da Academia Brasileira de Letras, por exemplo. Outras vezes, à busca de empregos ou serviços, como vimos nas duas cartas anteriores. Em 4 de março de 1886, Machado responde novamente a Lúcio de Mendonça sobre um cargo de tradutor:

Falei ao [Ferreira de] Araújo, que me disse não convir o romance para a *Gazeta de Notícias*, por ter o Daudet carregado a mão em alguns lugares. O Faro e o Garnier não podem tomar a edição; disse-me este último que

cessara inteiramente com as edições que dava de obras traduzidas, por ter visto que não eram esgotadas, ou por concorrência das de Lisboa, ou porque, em geral, o público preferia ler as obras em francês. / Não falei a mais ninguém, porque estes são os editores habituais. Os outros terão as mesmas e mais razões. (ASSIS, 1986, p. 1.038).

A carta acima revela, ainda, a preferência do público por ler as obras em francês, e não traduzidas. Mostra também que, de fato, Machado era bem articulado com os principais editores da época, por isso as insistências de Lúcio de Mendonça e, como relatado antes, os pedidos de Magalhães de Azeredo.

Em três cartas endereçadas a José Veríssimo, percebe-se Machado intermediando a resolução de problemas com o serviço de água. A primeira carta é de 31 de dezembro de 1898: “Sobre a água falei anteontem ao Floresta de Miranda, que tomou nota de tudo e ficou de providenciar logo. Vejo que não fez nada. Vou escrever-lhe agora, não sei se com melhor fortuna, mas com igual obstinação” (ASSIS, 1986, p. 1.044). Dezesesseis dias depois, Machado dá outro retorno ao amigo:

Meu caro Veríssimo. / Antes de tudo, água. Deus lhe dê água, e o Floresta, seu profeta também. Novamente escrevi e falei a este. O mais que alcancei é que as obras necessárias darão o mesmo mal a outros, e assim o remédio será que Você tenha coisa maior para depósito. Não sei se será realmente assim. Você diga-me o que pode ser. / Sobre a nomeação recaiu em outro que não o seu candidato. O nomeado tem perto de 40 anos de serviço e começou em carteiro, e com tais qualidades que levaram o Vítório a propô-lo e o ministro a adotá-lo. / Escrevo ao Paulo sobre a aposentação do pai. (ASSIS, 1986, p. 1.045).

Na carta, dois outros assuntos são tratados. Observe que se comenta sobre a nomeação de alguém (mas não está indicado explicitamente quem seja), nomeação esta que contraria o desejo de Veríssimo, bem como ainda se fala da aposentadoria do pai de Paulo (também sem maiores informações). É visível, nesse sentido, uma espécie de *tráfico de influência*.

Em carta de 25 de fevereiro de 1899, Machado retoma os assuntos:

Meu caro J. Veríssimo. / E água? Como vamos de água? Depois da nossa última conversa, estive comigo o Floresta que, em resposta à minha carta, trouxe uma nota, que aqui lhe mando inclusa. Disse-lhe que isto sabíamos nós, mais ou menos, e novamente lhe recomendei que abrisse as cataratas do céu; não sei se o fez, não tenho carta de um lado nem de outro. [...] Diga ao Paulo que estou à espera do que ele ficou de me dizer relativamente ao Pai (ASSIS, 1986, p. 1.045).

A respeito do *tráfico de influências*, algumas cartas vão mostrar essa prática – tão difundida hoje nos meios políticos e públicos – acontecendo também na época de Machado de Assis. Ao expressar a torcida pelo colega Salvador de Mendonça a respeito de uma nomeação relacionada à carreira diplomática, as palavras de Machado explicitam a “força” dos amigos: “Dou-te os parabéns pela saúde, pelos lábios e pelo exercício do consulado. Aqui crêm todos que terás a nomeação definitiva. O Otaviano, se bem me lembra, falou-me também nesse sentido. O que é preciso é que os amigos que podem influir não se deixem ficar parados” (ASSIS, 1986, p. 1.033, grifo nosso). Para Rodrigo Otávio, um pedido é feito com um “misto de escancaramento e ponderação”:

Meu caro Dr. Rodrigo Otávio. / Acabo de saber que V. foi nomeado para substituir o Dr. Amaro Cavalcanti na mesa examinadora de candidatos ao lugar de cônsul e de chanceler, amanhã. Um desses candidatos é o meu am.º Sr. Rodrigo Pereira Felício para o qual peço a sua indulgência em tudo o que não for contrário à justiça, – o que aliás é inútil, sabendo que o seu espírito é reto e moderado. O Sr. Rodrigo Felício, conquanto já exercesse o lugar de chanceler, é a primeira vez creio eu, que se apresenta em concurso, e a timidez pode prejudicar a habilidade. / Creia-me sempre / Velho am.º e ad.or / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.041).

Em outras palavras, Machado pede uma ajudinha para um amigo numa disputa para nada mais nada menos que um lugar de cônsul.

Em 1º de fevereiro de 1900, Veríssimo recebe uma carta de Machado versando sobre definições de nomes para algum cargo que, se supõe, tem relações diretas com a presidência:

Aqui estive e está o Dr. Severino. Disse-me que (em resumo) falara ao Epitácio ontem. Soube dele que não tinha candidato seu, e que o Presidente, a primeira vez que falaram disso, não tinha nenhum e aceitava o que o Ministro lhe apresentasse. Posteriormente, estando juntos, disse-lhe o Presidente que tinha um candidato, sem lhe dizer quem era, e o Epitácio está esperando a indicação. Será Você? É a pergunta que me fez o Severino e a que eu lhe faço, sem nada podermos decidir. Em todo caso, tal é o estado do negócio; resta ir pela via conhecida. (ASSIS, 1986, p. 1.051).

Na carta a Salvador de Mendonça, datada de 11 de agosto de 1900, a “prática” está explicitada: “Vai só uma palavra, por falta de tempo e necessidade de não adiar para amanhã. O Vilhena esteve

comigo e disse-me que o negócio da transferência de teu sobrinho está concluído; creio que é só esperar alguns dias” (ASSIS, 1986, p. 1.053).

Em 1904, em duas cartas endereçadas novamente a Salvador de Mendonça, mais uma vez o amigo chamado Paulo é mencionado, desta vez a respeito de uma transferência que Machado poderia facilitar com seus contatos: “Meu querido Salvador. / Estive ontem com o [César] Campos. Ouvi-lhe que não podia responder logo, mas que em dois dias me mandaria recado à Secretaria. Não havendo objeção fará a transferência do Paulo” (ASSIS, 1986, p. 1.067);

Meu querido Salvador de Mendonça. / Estive com o [César] de Campos, que me mostrou a nota recolhida acerca das duas agências. Disse-me que já houvera pedido de transferência, e alegou que o serventúrio do Rio Bonito já ali está há muitos anos. Propôs-me vir o Paulo para a Estação Central; disse-me que esperava a resposta. Não adiantei nada acerca da aposentação do outro, nem respondi afirmativamente acerca da vinda para cá. Fiquei de lhe dar resposta. / A meu ver, é melhor que Você escreva ao Lúcio, como me disse. Irá assim mais direta e prontamente. Mande-me o que lhe parecer. (ASSIS, 1986, p. 1.068).

Machado também serviu de intermediário junto ao amigo Domício da Gama ao pedir uma vaga de emprego para um conhecido seu, estudante de Direito. A carta é de 29 de dezembro de 1906:

Meu caro Domício. / Vim procurá-lo e soube que está em Petrópolis e não descera hoje. Disse-me o senhor Vasco Smith de Vasconcelos que o Dr. Dutra, adido à Secretaria, vai pedir demissão 2.^a-feira, depois de amanhã. Ele deseja o lugar para si, e já uma vez lhe falei disto, pedido dele; é estudante do 1.^o ano de direito. Pode você interceder por ele? Não desejo incomodar indiretamente o nosso Rio Branco a este respeito, nem sei se lhe poderia falar hoje. Escrevo também ao Graça Aranha. (ASSIS, 1986, p. 1.077).

Talvez pedir ao barão do Rio Branco fosse mais temerário, daí, quem sabe, o pedido ao amigo Domício da Gama.

As cartas machadianas expõem o “quanto é bom ter amigos influentes” para alcançar certos benefícios, seja na esfera pública, seja no âmbito das letras.

4.2.10 A personificação das letras

Dizer que Machado de Assis foi um homem das letras é um clichê, mas não é uma inverdade. E essa designação é mais naturalmente empregada devido à grandeza da produção literária do autor, consagrada através do tempo. O que pode ser surpreendente é que suas cartas pessoais também corroboram a mitificação do escritor como grande nome das letras nacionais.

Isso porque sua correspondência pessoal, invariavelmente, gira em torno da literatura, de modo que a figura de Machado parece personificá-la. Esses escritos apresentam referências a livros, revistas, jornais e artigos; confissões de leituras; citações; algumas concepções literárias; além de terem, é claro, a partir de 1897, a Academia Brasileira de Letras no centro de suas preocupações. Nesse sentido, pode-se afirmar que a correspondência de Machado ganha ainda mais interesse para a historiografia literária brasileira.

Os “diálogos” estabelecidos nas cartas machadianas mostram um autor cuja temática é a literatura ou sua variante na época – o jornalismo, com as crônicas, as críticas literárias ou a correspondência (como explicada anteriormente: o escrito de um correspondente fora do país). As referências à literatura permeiam todo o discurso epistolar. As letras parecem resumir a vida de Machado de Assis. Mesmo quando

a temática recai sobre problemas financeiros ou de saúde, ou ainda sobre a velhice, a literatura se faz presente. Pode até parecer óbvia essa constatação, visto que uma das atividades profissionais desenvolvidas por Machado era o jornalismo, diretamente associado à literatura. Mas não é menos surpreendente o fato, pois poderia se visualizar nas cartas temas variados, como a política, a religião, a família, a economia, problemas pessoais etc. Mas, não. Definitivamente, Machado de Assis era um homem das letras. Quando elencamos as recorrências temáticas – velhice e enfermidades, solidão, espírito associativo, crítica-amiga etc. –, não mencionamos as referências literárias por entender que elas constituem o próprio discurso epistolar, a razão de ser do texto machadiano. Os incômodos da velhice impediam-no de escrever; as doenças prejudicavam as leituras; e as referências à Academia e às críticas literárias, por si só, estão associadas às letras, de modo que, quando Machado se referia a qualquer temática, não fugia da realidade literária que lhe moldou a vida. Reiterando o que já foi dito em capítulo anterior por insinuação de Josué Montello (1961), Machado escrevia suas cartas como se fossem crônicas.

Mesmo em cartas nitidamente íntimas, há referências literárias. Nas duas cartas (uma completa, outra não) destinadas a Carolina, que ainda não era sua esposa na época, estão presentes metáforas associadas à narrativa e menções a livros e autores, mostrando uma visão de mundo enraizada em leituras.

Na primeira dessas cartas, Machado, galanteando a noiva, comenta sobre seus amores e, obviamente, sobre a supremacia do amor de Carolina. Para isso, usa uma linguagem cheia de elementos das letras: capítulos, romance, página, resumo:

A minha história passada do coração, resume-se em dous capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo. / A tua pergunta natural é esta: Qual destes dous capítulos era o da Corina? Curiosa! Era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo. / Mas nem o primeiro nem o segundo se parecem nada com o terceiro e último capítulo do meu coração. Diz a Stäel que os primeiros amores não são os mais fortes porque nascem simplesmente da necessidade de amar. Assim é comigo; mas, além dessas, há uma razão capital, e é que tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. (ASSIS, 1986, p. 1.029, grifos nossos).

A visão de mundo de Machado, sem dúvida, estava permeada por suas leituras, pois, até em carta íntima, aproveitava-se de uma citação de Madame de Stäel (1766-1817), escritora francesa. Além disso, criou metáforas para o seu próprio passado amoroso.

A segunda carta a Carolina também confirma o nosso homem de letras. Machado indica uma leitura à noiva: o livro “A família”, afirmando que deveriam ter esta obra em casa como uma Bíblia:

Dizes que, quando lês algum livro, ouves unicamente as minhas palavras, e que eu te apareço em tudo e em toda a parte? É então certo que eu ocupo o teu pensamento e a tua vida? Já mo disseste tanta vez, e eu sempre a perguntar-te a mesma cousa, tamanha me parece esta felicidade. Pois, olha; eu queria que lesses um livro que eu acabei de ler há dias; intitula-se: *A Família*. Hei de comprar um exemplar para lermos em nossa casa como uma espécie de Bíblia Sagrada. É um livro sério, elevado e profundo; a simples leitura dá vontade de casar. (ASSIS, 1986, p. 1.030).

Segundo o que diz a carta, a própria Carolina já teria notado a intelectualidade de Machado. Ele afirma que as próprias leituras da noiva o lembrariam, e é nesse momento que sugere a leitura de *A família*, caracterizando o livro como “sério, elevado e profundo” e afirmando que “sua simples leitura dá vontade de casar”¹⁴.

Se para Carolina, futura esposa, Machado, em suas cartas, fazia referência a livros ou escrevia com alusões literárias, com seus outros destinatários, as letras vão ocupar espaços ainda mais privilegiados.

Nesse sentido, ao longo das cartas, há uma série de citações e referências a leituras. Ressalte-se que estamos nos referindo, agora, exclusivamente às cartas particulares, ou seja, àquelas que não foram escritas com o propósito inicial de publicação nos jornais como crítica literária.

Como visto no tópico da *crítica-amiga*, algumas das leituras da época aconteciam dentro do próprio círculo de amizades: lia-se o que o outro escrevia – livros ou artigos. Assim, vários periódicos são mencionados: *Revista Brasileira* (comandada por José Veríssimo), *Novo Mundo* (periódico produzido nos Estados Unidos, tendo à frente J. C. Rodrigues), *Jornal do Comércio*, *Revista Moderna* (onde Azeredo escreveu críticas literárias sobre Machado), *Gazeta de Notícias*, *O Globo*, para indicar os mais citados. Livros e poemas dos próprios destinatários ou de colegas também são recorrentemente mencionados. Autores amigos, como Coelho Neto, Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo, Graça Aranha, Lúcio de Mendonça, Joaquim Nabuco, entre

14 Em *A Biblioteca de Machado de Assis*, indica-se que *A família* é a mais remota referência à aquisição de um livro nos escritos do autor, não se dando maiores informações sobre a obra (VIANNA in JOBIM, 2001, p. 112). Poderia-se pensar no drama de mesmo título escrito por Quintino Bocaiúva, publicado em 1866 (COUTINHO e SOUSA, 2001, v. 1, p. 361). Porém, segundo Rafael Pereira (2008), em reportagem da *Revista Época* de 29 de setembro de 2008, trata-se de *A família – A mãe*, de Eugène Pelletan, um estudo sobre como a mulher poderia conquistar postos políticos no futuro. Esse seria um dos livros que influenciaram o autor e que se encontra guardado na biblioteca da ABL.

outros, figuram na lista de citações, leituras e elogios presentes na epistolografia machadiana. Nomes de poemas e contos dos amigos são ditos como comprovação de leitura por parte do remetente. As críticas de José Veríssimo são também recorrentemente mencionadas, além de discursos dos colegas acadêmicos.

Não era incomum Machado de Assis citar, nas cartas, passagens de outros autores. Como já indicado, por exemplo, Madame de Stäel, que é novamente citada em carta de 31 de dezembro de 1898, enviada a José Veríssimo, no momento em que Machado pergunta sobre alguns amigos: “Como vai o Paulo? E o Graça? E os outros? Como vai o *ruisseau de la rue du Bac*, como diria Madame Stäel?” (ASSIS, 1986, p. 1.044).

Renan, La Palisse e Flaubert foram outros autores franceses citados nas cartas machadianas. Quando aconselhou Magalhães de Azeredo, Machado disse: “Renan diz que as verdades banaes são as eternas, e nada mais verdadeiro e eterno que aconselhar o trabalho à mocidade” (ASSIS, 1969, p. 24-5, mantida a grafia original). Em outra ocasião, referindo-se ao cansaço e à idade, afirmou: “não trabalho às noites, e ponha o remate dos annos, cujo pezo cresce à medida que se acumulam, como diria La Palisse” (ASSIS, 1969, p. 252, mantida a grafia original). Em carta a Veríssimo, de 18 de fevereiro de 1902, citou Flaubert, em meio a uma série de elogios a um escrito do amigo.

Comentando sobre o calor que fazia no Rio de Janeiro, Machado cita um poeta brasileiro ultrarromântico: “nunca pude entender o verso de Álvares de Azevedo: ‘Sou filho do calor, odeio o frio’. Não odeio o frio, adoro-o, este daqui, ao menos, que é apenas uma fresca e deliciosa primavera” (ASSIS, 1969, p. 24).

Na carta de 2 de fevereiro de 1895, novamente a Magalhães de Azeredo, há uma referência ao episódio da história de Israel, narrada na Bíblia, por ocasião do cativeiro babilônico. O autor de *Esau e Jacó* incentivava o amigo, que estava longe da pátria, a escrever: “Os captivos de Israel penduravam as cytharas nos salgueiros dos rios de Babylonia, mas bebiam a agua, por não haver outra. Faça melhor que elles; não pendure o instrumento da poesia, e cante-nos, ainda que longe de Syão, o que a sua alma de moço lhe inspirar” (ASSIS, 1969, p. 33, mantida a grafia original).

Em carta de 25 de abril de 1897, há uma série de referências a autores, que indicam, naturalmente, as leituras de Machado:

Roma e Grecia não perdem o seu grande prestigio, por mais que hajam fatigado alguma vez. *Qui nous delivra des Grecs et des Romains?* diriam um dia. Mas nos fins do outro seculo, Chernier mettia os gregos em bellos versos, seguindo-se Chateaubriand, que os mettia em bella prosa. [...] Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a immortalidade de Shylock e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas aguas do Lido e o que Sthendal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros. (ASSIS, 1969, p. 109, mantida a grafia original).

Musset é novamente citado nas cartas a Azeredo de 21 de julho de 1897 e de 5 de novembro de 1900, e Stendhal, em carta de 7 de novembro de 1899. E o quarteto Mme. de Stäel, Byron, Stendhal e Musset é mencionado em carta de 7 de dezembro de 1897, quando Machado transcreve uma estrofe completa do último autor. Em outras ocasiões, Machado de Assis comenta que começou a ler a *Ilustre Casa de Ramires*, livro do português Eça de Queiroz (ASSIS, 1969, p. 137), questiona o amigo Azeredo se ele já havia lido *Pais e filhos*, de Ivan

Turgueniev (ASSIS, 1969, p. 138), e cita Camões: “A história repete-se; é outra vez a *austera, apagada e vil tristeza* do tempo de Camões; é essa *rudeza* que faz esquecer a vida do grande homem” (ASSIS, 1969, p. 181). Para o mesmo destinatário, em carta de 25 de dezembro de 1898, refere-se a Schopenhauer, Hartmann, Voltaire e confessa: “Leopardi é um dos santos da minha igreja, pelos versos, pela philosophia, e pode ser que por alguma afinação moral; é provavel que tambem eu tenha a minha corcundinha” (ASSIS, 1969, p. 162, mantida a grafia original).

Reforçando uma espécie de preferência nas leituras e também criando uma associação com o lugar onde estava o interlocutor, Machado, na correspondência com Azeredo, cita a Itália, estabelecendo uma ligação com autores preferidos: “No meu tempo de rapaz, a Italia era sonho commum, por causa de Byron, Musset e Alvares de Azevedo. Ainda agora dou commigo a repetir os versos de Musset ao ‘irmão que voltava da Italia’, onde ha, entre tantas estrophes deliciosas, aquella que alude a Stendhal” (ASSIS, 1969, p. 213, mantida a grafia original).

Em carta a Veríssimo, de 21 de março de 1900, há a sugestão da leitura de *Ressurreição*, de Tolstói. Tasso Fragoso havia emprestado a Machado o primeiro tomo. Em outras ocasiões, o autor afirma ao amigo crítico: “Recebi e estou lendo o *Herod*” (ASSIS, 1986, p. 1.056); “Já recebi e já li *Canaã*; é realmente um livro soberbo e uma estréia de mestre. Tem idéias, verdade e poesia; paira alto” (ASSIS, 1986, p. 1.060).

Camões é novamente citado, quando Machado se refere à velhice e à passagem do tempo:

Eu aqui indo, como posso, emendando o nosso Camões,
naquela estrofe:
Há pouco que passar até outono...
Vão os anos descendo, e já de estio.

Ponho outono onde é estio, e inverno onde é outono, e isto mesmo é vaidade, porque o inverno já cá está de todo. (ASSIS, 1986, p. 1.076).

Em carta de 30 de julho de 1908, Machado diz ao amigo Mário de Alencar que releu o próprio livro *A mão e a luva* (ASSIS, 1986, p. 1.091). Nos últimos dias de vida, já licenciado, repousando em casa, passava os dias jogando paciência e... lendo: “Estou passando a noite a jogar paciências; o dia, passei-o a reler a *Oração Sobre a Acrópole*, e um livro de Schopenhauer” (ASSIS, 1986, p. 1.093). Ler um livro de Schopenhauer nos últimos dias de vida não é nem um pouco estranho para quem era considerado pessimista. Para completar, em outra carta para Mário de Alencar, datada de 29 de agosto de 1908, exatamente um mês antes de morrer, Machado diz: “Meu querido amigo, hoje à tarde, reli uma página da biografia do Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro...” (ASSIS, 1986, p. 1.094). O mesmo mal, o outro, segundo os biógrafos, era a epilepsia de que Flaubert, Alencar e Machado sofreram.

Em suma, as cartas pessoais de Machado de Assis, recheadas de citações e indicações de leituras, insinuam que o autor, em tudo que fazia, tinha uma relação direta com a literatura, como que personificando as letras.

4.3 A escrita de cartas e o discurso metalinguístico

Costuma-se dizer que a carta é um diálogo entre ausentes¹⁵, de modo que há sempre uma conversação estabelecida: o remetente

15 Conferir os tratados sobre a escrita de epístolas presentes em *A arte de escrever cartas*, de Emerson Tin (2005).

escreve e espera a resposta do destinatário, provocando a existência de uma espécie de círculo de escritos, só interrompido por expressa determinação de um dos missivistas. É o que se depreende, por exemplo, das palavras de Machado a Veríssimo, em carta-bilhete de 20 de junho de 1899: “Quase certo ou certo de não poder ir pessoalmente lá, vou por este bilhete que não exige resposta” (ASSIS, 1986, p. 1.048, grifo nosso). Em geral, o desfecho das cartas solicitava um retorno textual do destinatário.

Neste tópico, não pretendemos teorizar sobre o discurso epistolar, mas tão somente mostrar como a própria escrita converge para si mesma ou para a resposta do destinatário, configurando o que estamos chamando, aqui, de discurso metalinguístico. A intenção é visualizar certas “práticas” na escrita e, ainda, alguns comportamentos que acompanham o texto, como, por exemplo, o envio de objetos, “lembranças”, cartões-postais etc.

Um aspecto sempre presente nas cartas machadianas é a “desculpa” pela demora na resposta de uma epístola. Ao mesmo tempo em que isso constitui um elemento da *captatio benevolentiae*, também acaba demonstrando a relevância do escrito, a importância do discurso epistolar.

Já comentamos antes, neste trabalho, a carta endereçada a Salvador de Mendonça, datada de 15 de abril de 1876, mas é significativa sua retomada:

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria idéia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e a mais agradável das surpresas. Quando a abri, e contei as doze laudas da tua letra, cerrada e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estavam ao

pé de mim, o Quintino Bocaiúva e o João de Almeida. (ASSIS, 1986, p. 1.033-4).

O tamanho da carta poderia indicar uma grande atenção dispensada pelo remetente ao destinatário. A impressão que se tem é que o recebimento de uma epístola era festejado, como um documento importante a ser guardado e relido, como o próprio Machado de Assis vai dizer na continuidade da resposta ao amigo. O texto explicita que os “que estavam ao pé” de Machado sentiram “afetuosa inveja” por tamanha carta recebida. Ressalte-se, ainda, que a epístola fora escrita com “letra miúda e cerrada”. Graça Aranha também confessa ter sentido inveja ao ver uma carta de Machado endereçada a Oliveira Lima e só através desta um recado “ao Graça”. Por mais que seja uma “retórica brincadeira”, não deixa de sugerir o valor que a carta possuía na época:

Meu grande e querido Machado de Assis. / Vi há pouco letras suas com o Oliveira Lima e, confesso, tive inveja. (V. não levará a mal este condenável sentimento... Creio que no caso é permitido.) Ao mesmo tempo, porém, não pude deixar de murmurar: ‘Que fiz ao Machado de Assis? Por que esse silêncio tão longo?’ Então a minha voz de julho, uma voz cheia de confidência, de infinitas coisas da alma e do coração, ficou sem resposta? O que eu disse era o louvor do meu espírito, o murmúrio da minha admiração sobre ele e o seu livro... E no entanto os meses se vão de junho para cá; os dias se sucedem, o ano vai morrer, e com ele o século... E Machado silencioso, impenetrável... Eis a minha queixa de ainda agora, quando vi em mãos alheias as suas saudades *viçosas*, que V. não me quis mandar diretamente. Malvado! Mas no fundo, reconheço, tenho bom coração; ponhamos de lado a recriminação e conversemos, como velhos amigos, que há muito não se vêem. (Graça Aranha in MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 129-130).

Como estava sendo dito, as cartas, invariavelmente, iniciavam-se com um pedido de desculpas pela demora na resposta, aspecto visível especialmente naquelas destinadas a Magalhães de Azeredo, mas não restrito a elas. A atenção dada por Azeredo ao discurso epistolar impelia Machado a responder constantemente, de modo que a correspondência entre os dois se tornou a mais robusta dentre todos os outros destinatários do autor de *Quincas Borba* (pelo menos no que diz respeito às cartas que foram publicadas em livros até o momento). Em carta de 14 de janeiro de 1894, o início é o seguinte:

Esta carta devia ser immediata á sua, mas taes são aqui os meus trabalhos que não cumpri logo essa obrigação, aliás deleitosa, uma vez que é fallar-lhe, ainda que de longe. Li e reli a sua carta, tão cheia da sua alma, e certo que o invejei e invejo (ASSIS, 1969, p. 24, mantida a grafia original).

Dentro dos padrões da *captatio benevolentiae*, há a caracterização da escrita epistolar como uma ação “deleitosa”; indica-se a leitura e releitura da carta e mostra-se o cuidado com o tempo (ou demora) da resposta. O remetente podia silenciar sobre a suposta demora, porém, além do cuidado com a cortesia e a demonstração de afeto para com o outro, o significado da carta no século XIX (ou em todos os tempos), conjecturamos, impõe certos procedimentos discursivos, tais como menciona Machado de Assis ao referir-se ao tamanho da carta, à letra empregada, à demora na resposta, às justificativas a respeito da pressa na escrita.

Em carta a Azeredo, Machado chega ao ponto de desculpar-se por não escrever “cartas literárias” ou mais longas:

Dir-me-ha que uma carta breve escreve-se depressa, mas é justamente isto o que me prende as mãos. Quizera escrever cartas longas e cheias como as suas costumam ser, não só pessoas, mas litterarias tambem, isto é, duas vezes agradaveis entre amigos que cultivam a arte, e o meu temor é não haver, já não digo tempo, mas aquelle vagar de espirito que permite tratar da poesia e do que lhe é conexo; emfim cartas quaes as que lhe mandei ainda o anno passado. (ASSIS, 1969, p. 171, mantida a grafia original).

Escrevendo para Carolina, o romancista, mesmo com a “retórica dos namorados” (como diria Bento Santiago na cena do primeiro beijo em *Capitu*), demonstra a metalinguagem nas referências às cartas enviadas e recebidas:

Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dous dias de espera. Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A m.^a tristeza converteu-se em súbita alegria. Eu estava tão aflito por ter notícias tuas que saí do *Diário* à 1 hora para ir à casa e com efeito encontrei as duas cartas, uma da quais devera ter vindo antes, mas que, sem dúvida, por causa do correio, foi demorada. Também ontem debes ter recebido duas cartas minhas; uma delas, a que foi escrita no sábado, levei-a no domingo às 8 horas ao correio, sem lembrar-me (perdoa-me!) que ao domingo a barca sai às 6 horas da manhã. Às quatro horas levei a outra carta e ambas devem ter seguido ontem na barca das duas horas da tarde. Deste modo, não fui eu só quem sofreu com demora de cartas. Calculo a tua aflição pela minha, e estou que será a última. (ASSIS, 1986, p. 1.029).

O discurso epistolar não deixa de mencionar os horários de saída da barca (ou do pacote), nem os possíveis problemas com o correio. Na carta seguinte, novamente à amada, permanecem certas referências: “Já a esta hora debes ter em mão a carta que te mandei

hoje mesmo, em resposta às duas que ontem recebi. Nela foi explicada a razão de não teres carta no domingo; deves ter recebido duas na segunda feira” (ASSIS, 1986, p. 1.030).

As referências metalinguísticas são recorrentes, como se vê nas seguintes citações: “Escrevo esta carta prestes a sair da Corte por uns dois meses (...). / A carta é pequena e tem um objeto especial (...)” (ASSIS, 1986, p. 1.036); “Escrevera-lhe eu mais longamente desta vez, se não fora tanta cousa que me absorveu hoje o tempo e o espírito” (ASSIS, 1986, p. 1.032); “Escrevo esta carta, à hora de sair da secretaria, para ir levá-la ao João de Almeida. Prometo desde já ser muito extenso no primeiro vapor” (ASSIS, 1986, p. 1.034); “Escrevete à pressa, à última hora, e por isso me dispensarás se te não digo uma série de cousas que há sempre que dizer entre bons amigos que se não falam há muito” (ASSIS, 1986, p. 1.035); “Esta carta devia ter-lhe sido escrita e enviada há cinco ou seis dias. São tais porém os meus trabalhos e apoquentações, que espero me desculpe a demora” (ASSIS, 1986, p. 1.036); “Há cerca de um mês que esta carta devera ter seguido mas o propósito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta à sua, e daí a demora. ‘Valha a desculpa, se não vale o canto.’ E o canto aqui não vale muito, porque afinal vai uma carta mínima, como vê, não querendo prolongar estes adiamentos” (ASSIS, 1986, p. 1.036); “Esta carta devia ser escrita há cerca de um mês. Como, porém, uma folha desta Corte anunciasse que V. em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperá-lo” (ASSIS, 1986, p. 1.037); “Não lhe respondi logo nos primeiros dias, porque era preciso tratar de um ponto de sua carta, e mais tarde, quando já estava tratado o ponto, meteram-se adiamentos. Peço-lhe que me desculpe” (ASSIS, 1986, p. 1.038); “Aqui está uma carta que vai duas vezes retardada; mas

como acerta de levar uma notícia agradável aos teus amigos, como que me desculparás a demora das suas outras partes” (ASSIS, 1986, p. 1.041); “Recebi anteontem, 29, a sua carta de 27, e só hoje lhe respondo, porque o dia de ontem foi para mim de complicação e atribuições” (ASSIS, 1986, p. 1.042);

Deve estar zangado commigo, e com tanta razão que não me atrevo a pedir-lhe desculpa. Não é só a demora desta carta, é a demora de todas. As suas são mais promptas. Verdade é (sempre tenho uma desculpa) que desta vez esperava por pessoa que me levasse tambem o seu exemplar do meu ultimo livro (...). (ASSIS, 1969, p. 67, mantida a grafia original).

E os exemplos poderiam se prolongar mais e mais.

Parecia fazer parte do discurso epistolar essa referência metalinguística, em que se justificava o espaço de tempo para a resposta, a pressa no escrever, a preocupação com a brevidade da epístola, entre outros aspectos. Tudo isso dá a entender que a carta era um texto que merecia cuidado, ou seja, não se podia escrever de qualquer jeito. Era preciso atenção a todos os pontos tratados na carta recebida para que o retorno fosse uma “conversação completa”, não devendo haver perguntas sem respostas.

As cartas mais longas não eram escritas “de um fôlego só”, como demonstra a seguinte passagem do meio de uma epístola endereçada a Magalhães de Azeredo: “Interrompi a carta por motivo de doença” (ASSIS, 1969, p. 162). E em outra carta, a mesma ideia: “o desalinho desta carta corre parelhas com o ruim aspecto da lettra, que é peor que a do costume; mas, tendo suspendido a penna um pouco acima, para acabar a carta mais tarde, estou na vespera da mala, e preciso levar isto ao Correio hoje mesmo” (ASSIS, 1969, p. 121, grifo nosso; mantida a grafia original).

Certamente, outro cuidado com a escrita se verifica na hipótese de a carta ser lida antes de ser enviada: “Reli a carta, é tudo um embrulho, mas prefiro mandá-la assim mesmo a não lhe dizer uma linha” (ASSIS, 1986, p. 1.066).

Retoricamente, o discurso epistolar machadiano revela um *eu-missivista* que atribui valor às cartas e chega a agradecer por uma “carta amiga e boa” (ASSIS, 1986, p. 1.042). Em epístola a Belmiro Braga, datada de 22 de junho de 1897, Machado afirma que guardará o escrito, junto com o retrato recebido:

Prezado senhor e amigo. / Muito me comoveu a carta que me enviou, datada de ontem, cumprimentando-me pelo meu aniversário natalício, e assim também a prova de afeição que me deu enviando-me o seu retrato. Este fica entre os dos amigos que a vida nos depara, e aquela entre os manuscritos dignos de recordação. Agradeço-lhe os votos que faz pela minha vida e felicidade, e subscrevo-me com estima e consideração / atento e obrg.º / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.042).

Receber uma carta com um retrato significava, nas palavras do próprio Machado a Salvador de Mendonça, receber o remetente de corpo e alma: “Recebi a tua carta e o teu retrato, o que quer dizer que te recebi todo em corpo e alma” (ASSIS, 1986, p. 1.033). Aliás, o envio de fotografias acompanhando as cartas parece ser uma das práticas do século XIX que as epístolas machadianas apresentam. Não são raras as vezes em que isso acontece: “Com grande prazer recebi o teu retrato e a carta que o acompanhou, cheia de tantas saudades e recordações” (ASSIS, 1986, p. 1.040). Em carta a Azeredo, Machado agradece um retrato do papa enviado pelo amigo:

Creio que é a primeira vez que lhe escrevo respondendo a trez cartas seguidas. Certamente o meu silencio lhe haverá causado algum desgosto, como me diz, mas não o atribua a esquecimento. Não pode havel-o onde há affeição, e eu não perdi a que tinha ao meu jovem poeta. A ultima das trez cartas é ja de Roma, e ver uma carta datada de Roma, para quem não hade ver nunca a cidade, dá grande melancholia. Recebi com ella, e muito lhe agradeço, a ultima photographia do Papa. É a primeira vez que tenho noticia exacta do actual Leão XIII. Li tambem a impressão directa que teve delle, assaz viva e com certeza, fiel. Recebi tambem a reproducção da obra de Chartan. (ASSIS, 1969, p. 95, mantida a grafia original).

A epístola acima reforça o que já foi dito sobre as referências metalinguísticas e confirma a prática comum de envio de fotografias, aspectos estes que podem ser vistos também nas seguintes citações:

Escrevi-lhe uma carta, ha duas semanas mais ou menos, em resposta à que me escreveu depois de alguma demora, e pela data terá visto que a minha demora não foi menor que a sua. Respondo agora à de 2 deste mez, que recebi com o seu retrato; é mais que me dá, e sou também de opinião que é dos melhores. (ASSIS, 1969, p. 60, mantida a grafia original).

“O nosso João de Almeida tinha-me pedido em seu nome um retrato, que lhe entrego hoje e lá irá ter às suas mãos. Não me será dado obter igualmente um retrato seu para o meu álbum dos amigos?” (ASSIS, 1986, p. 1.032); “agradeço-te as fotografias que daí me remeteste; são de excelente efeito” (ASSIS, 1986, p. 1.034-5); “Venhamos ao teu retrato. Acho-o excelente; não te importes com os 54 anos; eu cá vou com os meus 56 e não digo nada. Vivam os quinquagenários! Entreguei ao Paz e ao Pacheco os exemplares que

lhes mandaste” (ASSIS, 1986, p. 1.040); “Já te agradei o último retrato, que cá está na minha sala, com a cabeça encostada na mão; eu quisera mandar-te o meu último, mas não sei onde me puseram os exemplares dele. Se os achar a tempo, meterei um aqui; se não, irá depois” (ASSIS, 1986, p. 1.041); “Quero pedir-lhe uma coisa, se é possível, / mandar-me alguma das suas fotografias últimas” (ASSIS, 1986, p. 1.072); “Deixe-me agradecer-lhe a fotografia e a lembrança. Aquela é soberba, e esta é doce ao meu coração, já agora despojado da vida. Consolam-me ainda memórias de amigo, meu querido Nabuco. Esta aqui fica na minha sala, com as de outros íntimos” (ASSIS, 1986, p. 1.073).

A prática de troca de fotos indica a existência dos “álbuns dos amigos”, bem como reforça, no nosso entender, o significado da carta e dos interlocutores um para com o outro. As fotos dos mais íntimos ganhavam exposição na sala. Mas não apenas fotografias eram trocadas juntamente com as epístolas. A lista é extensa: cartões-postais, revistas ou jornais com artigos dos próprios remetentes, livros para a *crítica-amiga* ou emprestados para a leitura, retalhos de jornal etc.:

Acabo de receber a segunda remessa do *Temps* e um cartão postal datado de ontem perguntando-me se recebi a primeira. Não só recebi a primeira, mas já lhe respondi agradecendo-lha, bem como os seus bons desejos a nosso respeito. Provavelmente a carta terá sido entregue depois da partida do cartão; se não a recebeu, peça-lhe que me diga para indagar o que houve, porquanto não fui eu que levei a carta, mas uma pessoa que saía para o correio. / Agradeço-lhe esta segunda remessa do *Temps* (ASSIS, 1986, p. 1.065).

(...) resolvi mandar-lhe estas duas linhas, acompanhadas de um livro meu. / Antes de falar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando

recebo. A última, um retalho de jornal, acerca da partida de xadrez, foi-me mandada à casa pelo Hilário; pouco antes tinha recebido pelo correio alguns jornais franceses relativos à morte e enterro de Gambetta; e ainda há poucos dias tive em mão uma remessa mais antiga, um cartão do “Falstaff Club”, noite de 21 de junho de 1882. / Vê V. que, se se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é transmissor das suas memórias. Oxalá faça o mesmo com o livro que ora lhe envio, *Papéis Avulsos*, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a *Época*. (ASSIS, 1986, p. 1.037).

Em carta a Salvador de Mendonça, de 1875, Machado solicita que o amigo envie o discurso de um autor francês: “Procurei-te ontem sem ter a fortuna de encontrar-te; mas vai aqui no papel o que eu te queria dizer, e é que, se depois de publicado o discurso do Dumas, não fizeres empenho em conservar o original, o mandes a este” (ASSIS, 1986, p. 1.033). A Nabuco, o romancista agradece o exemplar de um periódico americano: “Obrigado pelo exemplar da *Washington Life* em que vem o seu telegrama ao Roosevelt. Já o havia lido, mas agora tenho aqui o próprio texto original, com as belas palavras e conceitos que V. lhe soube pôr, como aliás pôs a tudo” (ASSIS, 1986, p. 1.075).

Joaquim Nabuco parece ter sido aquele que enviou, com as cartas, os objetos mais significativos para Machado de Assis. Primeiro, as “ruínas do teatro grego e de uma de suas vistas” (ASSIS, 1986, p. 1.068). Segundo, “um ramo do carvalho de Tasso”, com a sugestão de uma homenagem ao autor de *Quincas Borba* na Academia, que acabou acontecendo e causando comoção ao homenageado. Em algumas cartas, Machado menciona o presente e a homenagem feita em 1905, ocasião em que uma tela do autor foi exposta, discursos realizados, uma carta de Nabuco lida, versos recitados:

Meu caro Nabuco. / Escrevo algumas horas depois do seu ato de grande amigo. Em qualquer quadra da minha vida ele me comoveria profundamente; nesta em que vou a comoção foi muito maior. Você deu bem a entender, com a arte fina e substanciosa, a palmeira solitária a que vinha o galho do poeta. / O que a Academia, a seu conselho, me fez ontem, basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira; eu lhe agradeço haver se lembrado de mim tão longe e tão generosamente. / O Graça desempenhou a incumbência com as boas palavras que V. receberá. Antes dele o Rodrigo Otávio leu a sua carta diante da sala cheia e curiosa. Ao Graça seguiram com versos de amigo o Alberto de Oliveira e o Salvador de Mendonça. / A recepção do Bandeira esteve brilhante. Lá verá o excelente discurso do novo acadêmico. Respondendo-lhe, o Graça mostrou-se pensador, farto de idéias, expressas em forma animada e rica. A Academia está, enfim, aposentada e alfaiada; resta-lhe viver. / Adeus, meu querido amigo, ainda uma vez obrigado. Aceite um apertado abraço do / Velho amigo / M. DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.074).

Em abril de 1908, escrevendo a Mário de Alencar, Machado faz os encaminhamentos dos objetos recebidos, já pressentindo a morte:

Meu querido Mário. / Uma das melhores relíquias da minha vida literária é aquele galho de carvalho de Tasso que J. Nabuco me mandou há três anos, por intermédio do Graça Aranha e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira. O galho, a carta ao Graça e o documento que os acompanhou conservo-os na mesma caixa, em minha sala. / Perguntei-lhe há tempos se queria dar destino a essa relíquia, quando eu falecesse; agora renovo a pergunta. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de três de seus membros e da sua própria bondade em se reunir para completar o obséquio de Nabuco e de Graça Aranha. Peço-lhe também que se incumba de o saber oportunamente. Caso não deva ali ser guardado, estou que haverá em sua casa algum recanto correspondente ao que sei possuir em seu coração, e onde ele possa recordar-lhe a saudade de um velho amigo desaparecido. Receba deste um apertado abraço, e até breve / MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 1986, p. 1.088).

Os objetos foram guardados e se encontram ainda hoje na Academia Brasileira de Letras. Algumas cartas e outras informações biográficas insinuam que Machado planejou minuciosamente certos encaminhamentos: mandou queimar os pertences íntimos de Carolina; pediu que a Academia guardasse os objetos ganhos por ocasião da homenagem recebida; e permitiu que Veríssimo publicasse suas cartas. Ele sabia que elas eram passíveis de publicidade e, por isso, não tinham nada a revelar de muito íntimo ou de escandaloso. Nesse sentido, a epistolografia machadiana, retoricamente, contribuiu também para forjar a imagem de homem discreto, sério, amante das letras, trabalhador, apolítico, enfim, nada que fosse comprometedor; tudo que produzisse uma imagem admirável.

A correspondência de Machado para Azeredo indica, ainda, um *eu-missivista* retoricamente carente, que suplica¹⁶ a “boa prosa epistolar” do amigo, pois esta supria as impossibilidades de viagem do romancista para fora do país, fazendo-o “viajar” no texto epistolar:

Desejo ver cartas suas, a despeito da demora desta. Espero-as carinhosas e amigas, como sabem ser. As suas impressões da sociedade em que vive ser-me-hão sempre agradáveis. As suas esperanças acharão em mim o apoio que merecem. As próprias tristezas, quando as tiver, serão bemvindas ao meu espírito, não por serem tristezas, mas por serem suas. (...) Repito-lhe que me escreva (...). (ASSIS, 1969, p. 42).

E em outra passagem, Machado confessa: “Gosto de lê-lo e de ouvi-lo, com os seus tenros annos, e o amor das cousas literárias” (ASSIS, 1969, p. 69, mantida a grafia original). Além dessa razão para “conversar” com Azeredo, ressalte-se o caráter melancólico de ambos

16 Um dos tipos de *petitio*, conforme descreve a *ars dictaminis*, é a petição suplicatória.

os autores, já mencionado anteriormente, que os fazia se identificarem ainda mais. Assim, as cartas não só aproximavam os ausentes mas também serviam de conforto e de remédio, como afirmou o biógrafo Magalhães Júnior (1981, v. 4) a respeito da correspondência entre Machado de Assis e Mário de Alencar.

Quando teve de viajar para Nova Friburgo, por ocasião da enfermidade da esposa, Machado sentiu falta da boa palestra na Livraria Garnier. Os artigos nos jornais e as cartas, naquele período, eram alento ao espírito do romancista. Entre 14 de janeiro e 15 de fevereiro de 1904, oito cartas foram enviadas por Machado de Assis: seis para Veríssimo e duas para Mário de Alencar.

A carta tornava presente o remetente, muitas vezes personificando-o: “Leve-lhe esta carta, com as minhas saudades, as minhas invejas, e mande-me em troco alguns versos, se os houver, e, se não, a sua boa prosa epistolar, que é a propria pessoa do autor” (ASSIS, 1969, p. 25, grifo nosso; mantida a grafia original); “Escreva-me logo que possa; meia dúzia de linhas amigas, que me recordam tantas coisas, valem por uma ressurreição” (ASSIS, 1986, p. 1.085). A carta também valia por “um apertado abraço do velho amigo e confrade. Machado de Assis” (ASSIS, 1986, p. 1.039).

5 Considerações finais

O estudo das cartas de Machado de Assis, apresentado neste trabalho, representa uma série de contribuições para a história literária brasileira. Em primeiro lugar, porque estuda o autor sob um ângulo diverso daquele costumeiramente presente na crítica literária: enfoca-se o Machado *missivista*, desconsiderado por boa parte dos estudiosos do escritor; apresenta-se uma *persona epistolar* retórica, de bastidores, melancólica, solitária, que resmunga e que nem sempre representou a face consagrada do romancista das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Em segundo lugar, porque coloca a carta no seu devido espaço. Ela deixa de ser encarada apenas como um elemento acessório para a historiografia e passa a ser analisada também enquanto pertencente a uma tradição retórica, que lhe impõe preceitos e lhe determina o discurso, confirmando a existência de um gênero epistolar, que precisa ser estudado de acordo com sua estrutura e aspectos inerentes. Além disso, as cartas passam a ser analisadas a partir de suas recorrências temáticas, ao invés de se reproduzir uma mera sequência de epístolas conforme o aspecto cronológico ou os destinatários.

Nesse sentido, o presente trabalho sugere, nos limites de sua proposta, que os compêndios de história literária podem ampliar a visão sobre o gênero *carta*, se não apontando os elementos retóricos existentes – como a estrutura da *ars dictaminis*, por exemplo –, pelo menos fornecendo pistas para a compreensão do gênero epistolar além dos supostos traços biográficos ou subjetivos apresentados. Na mesma

direção, o presente estudo aponta para um campo a ser explorado pela crítica literária. A carta, enquanto gênero, tem muito a dizer.

O conjunto epistolar machadiano revela um *eu-missivista* que não se limita a reproduzir objetivamente – ou mesmo subjetivamente – uma realidade factual. A riqueza temática das cartas apresenta várias faces de um discurso que se amoldava às circunstâncias e à posição dos interlocutores no tempo e no espaço. Foi detectada uma série de elementos retóricos, tributários da tradição da *ars dictaminis*, que, associados ao contexto de produção e circulação do gênero epistolar no século XIX, permitiram a percepção de ausências e recorrências de assuntos.

Os elementos da *ars dictaminis* mostraram formas de tratamento e posturas do remetente (retoricamente) humildes, em conformidade com a posição dos missivistas e com suas intenções. De acordo com a época, pode-se ver um Machado de Assis solicitando conselhos ou ajuda financeira. Em outra ocasião, já estabelecido financeira, profissional e literariamente, as preocupações tomaram outros rumos. Já com o nome formado na cultura letrada brasileira, Machado foi solicitado a escrever prefácios ou críticas literárias, bem como a analisar a produção de novos poetas, que buscavam o respaldo do *presidente* da Academia Brasileira de Letras. No arcabouço formal proposto pela *ars dictaminis*, não há como desprezar a presença da *captatio benevolentiae*. O remetente, a despeito de qual seja a temática abordada, precisa da boa disposição do destinatário. O texto epistolar, para ser analisado, não pode prescindir, portanto, dos elementos retóricos, sob pena de se distanciar cada vez mais do sentido pretendido pelos interlocutores.

O estudo da carta a partir dos elementos retóricos, como é aqui proposto, contribui para a percepção de uma *persona epistolar* que se desdobra em várias outras, produzindo um mosaico de temas e posturas, apontando não para a figura de um Machado de Assis, mas de vários Machados desconhecidos ou pouco estudados.

Das várias faces do *eu-missivista* machadiano, este trabalho levantou as mais evidentes, ou seja, aquelas provenientes das temáticas mais repetidas. Os *achques da velhice* permearam o discurso epistolar, mostrando um autor que, consciente ou inconscientemente, revelava o impacto da idade e das enfermidades sobre si. Após a morte da esposa, Carolina, aumentam as referências à solidão, que se acentuava com o distanciamento dos amigos que iam exercer funções profissionais fora do país.

As cartas também revelaram o *espírito associativo* de Machado de Assis numa época em que surgia uma série de agremiações literárias ou políticas. Esse espírito associativo, conjecturamos, era uma forma de minimização da solidão, ao mesmo tempo em que funcionava corporativamente na construção de uma *crítica-amiga*, benévola, construtora de imagens, defensora dos confrades. Numa época em que, às vezes, os críticos digladiavam de acordo com suas preferências literárias ou fraternas, as epístolas machadianas mostram um trabalho de bastidor, através da troca de livros e de elogios mútuos, que resultava em artigos assinados ou anônimos, publicados em periódicos de boa circulação.

O *eu-missivista* machadiano contribuiu decisivamente para construir e alimentar a imagem de Machado de Assis como um homem discreto, sério, trabalhador, amante das letras e tão somente preocupado com elas, distante de polêmicas políticas ou históricas e

mesmo de assuntos particulares. A biografia e a epistolografia sugerem que Machado deu passos muito conscientes para destinar suas cartas e alguns objetos pessoais ou íntimos. As cartas fazem emergir a figura de um homem totalmente envolvido no universo literário, mas também constroem a imagem do burocrata, do servidor abnegado da administração pública, que enfrentava o trabalho em meio ao cansaço, ao enfado, às doenças e à velhice.

Um Machado resmungão, um Machado “engatinhando” no teatro, um Machado à busca de trabalho: essas são faces que as cartas apresentam e que foram pouco exploradas pela história literária brasileira. Aspectos que diferem daqueles acima referidos, indicando a inexistência de um autor único de cartas; pelo contrário, confirmando a presença de um *eu-missivista* para cada destinatário, para cada época e para cada ocasião.

Apesar das críticas que a epistolografia machadiana sofreu, porque não era intimista ou reveladora de subjetividades, este trabalho insere as cartas no seu contexto e explica que Machado de Assis era plenamente consciente de que elas podiam ser e eram publicadas. Em seu tempo, no meio intelectual em que estava inserido, escrever cartas não se limitava a um exercício pura e simplesmente de partilha pessoal; era um exercício de escrita, passível de leituras públicas e que, às vezes, ganhava *status* de artigo de jornal.

A biografia machadiana, costumeiramente elogiosa, afirma que o autor morreu rodeado de amigos. De fato, muitos estavam presentes junto a Machado, quando este esperava o *trem derradeiro*. Também é verdade que muitos acompanharam o enterro e que os jornais noticiaram o fato. Mas as cartas revelam solidão, melancolia, lamento, achaques da velhice e a iminência da morte. Por outro lado,

elas também apontam a existência da retórica, do amor às letras e do compadrio vigente entre os intelectuais da época.

Os méritos da literatura de Machado de Assis não são, obviamente, ofuscados pela descoberta da *crítica-amiga*, mas esta não pode deixar de ser considerada historicamente como parte integrante da construção de sua imagem consagrada. O autor, logicamente, não nasceu consagrado nem se consagrou nos primeiros anos de publicação. Há toda uma trajetória que, além de talento e genialidade, inclui conchavos intelectuais, conversas de bastidores, amizades importantes e, por que não dizer também, decisivas para a solidificação de um nome na história literária, como é o caso da amizade com o crítico José Veríssimo.

Outro elemento que as cartas do autor de *Dom Casmurro* ratificam é o perfil discreto e reservado de Machado, seja ele verossímil ou não. O discurso reservado, chamado por alguns de impessoal, sem dúvida contribuiu para a imagem serena, metódica e fria do bruxo do Cosme Velho, tão decantada nas biografias.

Colocar a carta dentro de sua tradição retórica, estudando-a a partir dos preceitos instituídos pela *ars dictaminis*; encará-la como um gênero textual; mostrar as várias faces do *eu-missivista* machadiano, estudando o consagrado Machado de Assis por ângulos até então pouco avaliados; descobrir recorrências temáticas e posturas discursivas deste *sujeito epistolar*: eis algumas contribuições deste trabalho, que ousadamente se põem para a ampliação dos olhares da crítica e da historiografia literária brasileira.

Bibliografia

ABREU, Modesto de. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Norte, 1939.

AGUIAR, Luiz Antonio. **Almanaque Machado de Assis**: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ALMEIDA, Nelson Abel de. **À margem da correspondência de Machado de Assis**. Separata do Anuário nº 2 da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro.

AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu**: sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

ARANHA, Graça (Org.). **Correspondência de Machado e Assis e Joaquim Nabuco**. Prefácio à 3. ed. de José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2003.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Estudo introdutório de Goffredo Telles Júnior. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d] (Clássicos de Bolso).

ASSIS, Machado de. **Correspondência**. Rio de Janeiro: Globo, 1997 (Obras Completas de Machado de Assis).

_____. **Correspondência**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1962 (Obras Completas de Machado de Assis, v. 31).

_____. Correspondência de Machado de Assis. **Boletim da sociedade dos amigos de Machado de Assis**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 17, set. 1958.

_____. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Organização de Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

_____. **Crítica e Correspondência**. Rio de Janeiro: Globo, 1997 (Obras Completas de Machado de Assis).

_____. **Crítica e Variedades**. Rio de Janeiro: Globo, 1997 (Obras Completas de Machado de Assis).

_____. **Crônicas**: 2º volume (1864-1867). São Paulo: Mérito, 1962 (Obras Completas de Machado de Assis, v. 23).

_____. **Machado de Assis: do teatro**. Textos escritos e escritos diversos. Organização de João Roberto Faria. São Paulo: Perspectiva, 2008 (Coleção Textos, 23).

_____. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: Globo, 1997 (Obras Completas de Machado de Assis).

_____. **Obra completa, em quatro volumes**. Organização de Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3.

_____. **Obra completa**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. III.

_____ e CUNHA, Euclides da. **Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha**. Coligidas por Renato Travassos. Rio de Janeiro: Waissman, Reis e Cia., 1931.

_____. Guardados da memória. **Revista Brasileira**. Fase VII. Rio de Janeiro, ano V, n. 19, p. 131-151, abr./maio/jun. 1999.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007a.

_____. **Jornal e literatura: um lugar para as miscelâneas de Machado de Assis**. In: ALVES, Francisco (Org.). **Imprensa, história, literatura e informação: anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007b. p. 17-27.

BARRETO FILHO, José. **Introdução a Machado de Assis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Machado de Assis**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____ et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. As duas repúblicas. In: ARANHA, Graça (Org.). **Correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco**. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2003.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 1999. v. 1 e 2.

_____. **Realidade e ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger (dir.). **La correspondance**. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. **Machado de Assis**. São Paulo: Três, 2001 (A vida dos grandes brasileiros - 5).

COUTINHO, Afrânio. Um Machado diferente. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. III, p. 1027-8.

COUTINHO, Afrânio (dir.) e COUTINHO, Eduardo (co-direção). **A literatura no Brasil**. 6. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2001. v. 1 a 6.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003. (Edições do Senado Federal, v. 1).

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EULALIO, Alexandre. **Livro involuntário**: literatura, história, matéria e memória. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

FONSECA, Gondin da. **Machado de Assis e o hipopótamo**: uma revolução biográfica. 5. ed. São Paulo: Fulgor, 1961.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. 2. ed. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Machado de Assis**: impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis**: escritor em formação (à roda dos jornais). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

GRIECO, Agrippino. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. **Viagem em torno a Machado de Assis**. São Paulo: Martins, 1969.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**: romance machadiano e o público de literatura do século XIX. São Paulo: Edusp, 2004.

GUIMARÃES, Hélio e SACCHETTA, Vladimir. **Machado de Assis, fotógrafo do invisível**: o escritor, sua vida e sua época em crônicas e imagens. São Paulo: Moderna, 2008 (Série Imagem e Texto).

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega: 1549-1558. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 38, p. 87-119, jul. 1995.

JOBIM, José Luís (Org.). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

LAUSBERG, Heinrich. **Elementos de retórica literária**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbendian, 1967.

LACOMBE, Américo Jacobina. Uma carta de Machado de Assis acerca de João Mendes. **Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 20-21, 29 set. 1968.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LEUZINGER, Maria Alice N. S. Correspondência de Machado de Assis. **Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 28-29, 21 jun. 1960.

MACHADO NETO, Antônio Luís. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930**. São Paulo: Grijalbo; USP, 1973.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **Machado de Assis: roteiro da consagração**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações**. Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Civilização Brasileira, 1958.

_____. Cartas que são remédio. In: _____. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 4 (Apogeu), p. 272-289.

_____. **Machado de Assis desconhecido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

_____. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 1 (Aprendizado).

_____. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 2 (Ascensão).

_____. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 3 (Maturidade).

_____. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 4 (Apogeu).

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis: 1839-1870: ensaio de biografia intelectual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Dispersos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1965.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis (1935-1958): ensaios**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa - II**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **História da Literatura Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. v. 1.

MONTELLO, Josué. **O presidente Machado de Assis**. São Paulo: Livraria Martins, 1961.

_____. **Os inimigos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MURPHY, James J. *Ars dictaminis: the art of letter-writing*. In: _____. **Rethoric in the Middle Ages: a history of Rethorical Theory form Saint Augustine to the Renaissance**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1974, p. 194-268.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de gêneros**. São Paulo: Edusp, 2001.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos**. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 4. ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1988.

PEREIRA, Rafael. A estante do autor. **Revista Época**, Rio de Janeiro, n. 541, p.140-1, 29 set. 2008.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis: curso literário em sete conferências**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RENAULT, Delso. **Rio de Janeiro: a vida refletida nos jornais (1850-1870)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978 (Coleção Retratos do Brasil, v. 107).

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Onze anos de correspondência: os machados de Assis**. Rio de Janeiro: PUC Rio; 7 Letras, 2008.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. 2. ed. Campinas: Unicamp; Cectl, 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. **Dois meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Biblioteca Universal).

SOUZA, Sílvia Cristina Martins de. **As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)**. Campinas: Unicamp; CECULT, 2002 (Coleção Várias Histórias).

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

TIN, Emerson (Org.). **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. **“Familiar del universo”**: arte epistolar e lugar comum nas *Cartas Familiares* (1664) de D. Francisco Manuel de Melo. Campinas: [s.n.], 2003

(Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem).

VIANA FILHO, Luís. **A vida de Machado de Assis**. São Paulo: Martins, 1989.

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org.). **A Biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. **A invenção de uma escrita**: Anchieta, os Jesuítas e suas Histórias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

WERNECK, Maria Helena. **O Homem Encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____. “Veja como ando grego, meu amigo.” Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 137-145.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PARAÍBA

ISBN 978-85-63406-57-6



9 788563 406576